

Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos

Susana Dias Meirinho

Relatório de Estágio de Mestrado em Museologia

Outubro, 2016

Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos

Susana Dias Meirinho

Relatório de Estágio de Mestrado em Museologia

Outubro, 2016

Relatório de Estágio apresentado para o cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre em Museologia sob a orientação científica do
Professor Doutor António Camões Gouveia, Dr.^a Maria Isabel Cunha e Silva e
Dr.^a Margarida Sotto-Mayor Moreira.

“You use a glass mirror to see your face; you use works of art to see your soul”.

George Bernard Shaw

*À minha avó,
Maria de Fátima.*

Agradecimentos

Ao nosso orientador da faculdade, Professor Dr.º António Camões Gouveia, pela disponibilidade, acompanhamento e profissionalismo no decorrer do estágio e escrita do presente trabalho.

Às orientadoras da instituição de acolhimento, a Dr.ª Maria Isabel Cunha e Silva, diretora do Museu dos Biscainhos, por permitir a realização do estágio no Museu e pela disponibilidade e acompanhamento no processo de construção do nosso projeto; e Dr.ª Margarida Sotto-Mayor Moreira, responsável pelo Serviço Educativo, pelas conversas que foram um dos nossos fios condutores neste projeto.

À Escola Básica Real do 1.º ciclo da Sé, em especial às professoras e crianças que participaram no nosso projeto, que sem elas não seria possível.

A todos os funcionários do Museu que de forma direta ou indireta possibilitaram o cumprimento dos nossos objetivos, em especial à Paula, a “mãe” de Braga.

À minha família, em especial aos meus pais, Catarina e Mário, por possibilitarem esta “viagem de saberes”, que sem eles não seria possível. E ao meu irmão João, pela paciência e apoio incondicional.

Ao André Goulart, por ser “o melhor de mim”.

À amiga e colega Susana Madeira, com quem partilhámos dúvidas, ideias e angústias durante todo este ano.

Resumo

Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos

Susana Dias Meirinho

Este relatório tem como objetivo descrever a planificação e realização de atividades didáticas realizadas no Museu dos Biscainhos, em Braga, durante o mês de maio de 2016. O público-alvo foram crianças da faixa etária dos 9 aos 11 anos de idade, correspondente ao 4.º ano do primeiro ciclo de ensino obrigatório, tendo por objetivos suscitar e consciencializar as características do Barroco junto das gerações mais novas.

Para tal, procurou-se em primeira instância justificar a pertinência do projeto nos mais novos, seguindo as diretivas do Ministério da Educação. As atividades tiveram em conta a forma como as crianças assimilam a informação e como olham o passado.

A pesquisa centrou-se nas áreas de Educação, Psicologia Educacional, Educação e Mediação em Museus.

Palavras-chave: Museu dos Biscainhos, Arte Barroca, Serviço Educativo, Planificação, Oficinas didáticas.

Abstract

Communicate the Baroque Art in the Biscainhos Museum

Susana Dias Meirinho

This report aims to describe the planning and implementation of teaching activities in Biscainhos Museum ,in Braga, during May 2016. The target audience were children aged from nine to eleven years old, corresponding to the fourth year of first cycle of education compulsory, wishing to awake and realize the characteristics of Baroque among younger generations.

Therefore, we have justified the relevance of the project in young children, following the guidelines of the portuguese Education Ministry .

The activities were made taking in consideration the way children assimilate the information and how they look at the past.

The research focused in different areas, such as Education, Educational Psychology, Education and Mediation in Museums.

Key-words: Biscainhos Museum, Baroque Art, Education Service, Planification, Didactic Workshops.

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract.....	V
1. Introdução	1
2. Metodologia.....	4
Quadro 1 Quadro com os pontos definidos para programar as oficinas.....	7
3. Braga Barroca	8
4. Caracterização do Museu dos Biscainhos enquanto instituição e sua história.....	9
Quadro 2 Quadro indicativo do número de participantes nas atividades por ano, e respectivas percentagens.	12
Quadro 3 Quadro indicativo do número de participantes por ano.....	12
Quadro 4 Quadro indicativo do número de atividades dirigidas aos diferentes públicos e respectivas percentagens.	13
5. Teoria de Estádios de Piaget: o que é e como se traduz nas atividades didáticas	14
6. Educação Museal, distinção do Ensino Formal.....	17
6.1. Importância de levar crianças a Museus	19
6.2. Relação entre Pedagogia Educacional e a Mediação em Museus.....	20
7. Descrição das atividades Didáticas.....	22
7.1. <i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>	22
7.2. Azulejos com Memória nos Biscainhos.....	23
7.3. Biscainhos, um Jardim a Descobrir	24
8. Descrição e análise dos resultados das atividades didáticas.....	25
8.1. <i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i> – dia 10 de Maio de 2016	26
8.2. Azulejos com Memória nos Biscainhos – dia 11 de Maio de 2016.....	33
8.3. Biscainhos, um Jardim a Descobrir – dia 20 de Maio de 2016	41
Considerações Finais	46
Bibliografia.....	48
Filmografia	54
Apêndices	IX
Apêndice I. Quadro com os públicos-alvo de cada atividade	X
Apêndice II. Guião: <i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>	XII
Apêndice II.I. <i>PowerPoint</i> em formato CD	XXII
Apêndice II.II. Transcrição do áudio	XXIII

Apêndice III. Guião: <i>Azulejos com memória nos Biscainhos</i>	XXXV
Apêndice III.I. Transcrição do áudio	XLVI
Apêndice III.II. Diploma de participação.....	LX
Apêndice IV. Guião: Biscainhos, um Jardim a Descobrir	LXI
Apêndice IV.I. <i>PowerPoint</i> em formato CD.....	LXXV
Apêndice IV.II. Ficha Exploratória.....	LXXVI
Apêndice IV.III. Provas de resposta das adivinhas	LXXXI
Apêndice IV.IV. Descrição da atividade.....	LXXXIII
Apêndice IV.V. Diploma de participação	LXXXIX
Anexos.....	XC
Anexo I – Quadros com o número de participantes em Atividades e <i>Ateliers</i> do Serviço Educativo do Museu dos Biscainhos: 2013 a maio de 2016	XCI
Anexo II. Imagens da atividade <i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>	XCVI
Anexo III. Imagens da atividade <i>Azulejos com memória nos Biscainhos</i>	XCVIII
Anexo IV. Imagens da atividade <i>Biscainhos, um Jardim a Descobrir</i>	C
Anexo V. Questionários das Professoras	CI
Anexo V.I. <i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>	CI
Anexo V.II. <i>Azulejos com memória nos Biscainhos</i>	CIII
Anexo V.III. <i>Biscainhos, um Jardim a Descobrir</i>	CIV

Índice de quadros

Quadro 1 Quadro com os pontos definidos para programar as oficinas.....	7
Quadro 2 Quadro indicativo do número de participantes nas atividades por ano, e respetivas percentagens.	12
Quadro 3 Quadro indicativo do número de participantes por ano.....	12
Quadro 4 Quadro indicativo do número de atividades dirigidas aos diferentes públicos e respetivas percentagens.	13

1. Introdução

Os Arcebispos eram donos de Braga (MILHEIRO, 2003:93).

Cidade minhota, reconhecida e nomeada como “cidade dos arcebispos”, onde o legado romano e o legado barroco são considerados o seu *coração*¹, nas palavras de Miguel Bandeira².

Naturalmente este tempo estético-cultural tem uma manifestação acentuada no território por ser uma arte fortemente enquadrada pela Igreja Católica Romana como forma de exaltação, demonstração de poder e de incentivo devocional. Este enquadramento, por outro lado, gerou “gostos e modas” que transitaram do eclesiástico-religioso para as elites sociais.

Enquadrado neste contexto o Palácio dos Biscainhos é edificado, onde mais tarde, devido à sua importância estético-cultural, é estabelecido o Museu dos Biscainhos. Instalado num edifício senhorial, anteriormente, com a função de habitação, pertencente à família dos Condes de Bertiandos, a sua construção data do século XVII, sofrendo *beneficiações* (d’EÇA, 2004:6) no decorrer do mesmo e na centúria seguinte. É na década de 1960 que o edifício é adquirido por uma entidade pública por iniciativa do Dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta da Província do Minho³, com o propósito de ali constituir um Museu. O edifício em “traços largos” caracteriza-se por linhas arquitetónicas essencialmente barrocas, apresentando, também, características neoclássicas e de estilo Império no seu interior, permitindo assim, nas palavras de Teresa d’Eça *uma visão continuada e sintetizadora da cultura de todo esse período* (2004:6). O espólio do Museu contém objetos que vão do século XVII a princípios do século XIX, espelhando o *mundo interior e privacidade domésticos de uma Casa Senhorial* (d’Eça, 2004:6). O complexo museal é composto ainda pelo jardim de características barrocas.

¹ Citação retirada do sítio *Gazeta do Rossio*, disponível em <http://www.gazetadorossio.pt/braga-volta-a-epoca-barroca.html>, consultado a 20 de janeiro de 2016.

² Professor na Universidade do Minho e vereador na Câmara de Braga, responsável, entre outras matérias, pelo património. Disponível em <https://www.cm-braga.pt/pt/0201/comunicacao/noticias/item/item-1-4381?q=Miguel+Bandeira>, consultado a 20 de setembro de 2016.

³ Informação retirada do antigo sítio do Museu dos Biscainhos, disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Historia/MostrarHistoria.aspx?IdPagina=172>.

O Estágio com Relatório final intitula-se *Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos*, e tem como objetivo incutir e consciencializar características do Barroco à faixa etária dos 9 aos 11 anos de idade que corresponde ao 4º ano do Primeiro Ciclo da escolaridade obrigatória. O nível de ensino para que são propostas as atividades, segundo a organização curricular do Ministério da Educação⁴, é centrado maioritariamente no *espaço vivido*, e este *deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança* (s.d.:101). No sentido de obter uma visão mais aprofundada da forma como as crianças observam e absorvem o que lhes é inculcado, o surgimento da Psicologia e a sua aplicação na Educação foi algo natural. O nome que surge quase de imediato é o de Jean Piaget⁵ e a sua teoria de *Estádios*. Segundo o epistemólogo, o Estádio das Operações Concretas, atribuído às idades que se pretende “atingir”, é o estágio em que o desenvolvimento cognitivo se torna lógico mas não abstrato, ou seja, apesar de serem capazes de, por exemplo, assimilar noções de tempo e espaço, ainda carecem de uma realidade concreta para que consigam aplicar. O Museu é, assim, um local privilegiado de aprendizagem.

A nível prático, o objetivo deste trabalho é, através de contato presencial, e físico, que as crianças assimilem determinados conceitos da arte barroca. Para tal definiu-se a realização de três atividades, cada uma direcionada para três temáticas distintas, sendo que duas são no interior do Palácio, direcionadas para a pintura e azulejaria, e a última para o jardim histórico.

Na planificação de atividades desta natureza são vários os fatores a ter em consideração. Desde logo, a definição dos objetivos para cada atividade, é o ponto crucial para o desenvolvimento do trabalho, citando Tavares e Alarcão, *Um dos elementos-chave num plano são os objectivos* (2002: 159). Em segundo lugar, os aspetos de carácter funcional, propostas de diálogo e perguntas guia. Toda a informação referente à programação das atividades encontra-se reunida num documento em formato de guião.

Estruturalmente, o trabalho divide-se em duas partes, uma de desenvolvimento teórico onde é apresentado e analisado o contexto do local do trabalho realizado, uma breve síntese acerca da educação em museus e a importância de que as crianças os

⁴ Apesar de atualmente se designar “Direção-geral de Educação”, no documento consultado ainda era “Ministério da Educação”.

⁵ Jean William Fritz Piaget foi um dos mais importantes pesquisadores de educação e pedagogia do século XX.

frequentem, e a programação das atividades, baseada em disciplinas referidas anteriormente. A segunda parte, de semblante prático, onde refletimos sobre os resultados obtidos considerando as estratégias que definimos, apresentando os dados de como decorreram, contendo os fatores positivos, os negativos e os aspetos a alterar na planificação.

2. Metodologia

Compete a este capítulo traçar o desenho metodológico, bem como a sua orientação.

A escolha do público-alvo nasce do gosto pessoal pela área de educação, daí a tentativa de incutir nas crianças a curiosidade pela corrente artística barroca.

De forma a obter uma programação objetiva, concisa e efetiva, a diferentes níveis - desde a orgânica organizacional ao próprio discurso - foram realizadas leituras de diferentes disciplinas.

Numa primeira abordagem foi necessário perceber quais os conteúdos previstos pelo programa governamental para o 4.º ano do Primeiro Ciclo de ensino. Rapidamente concluiu-se que a disciplina científica de História não existe autonomamente, mas sim, “encaixada” na *área* de Estudo do Meio,

As crianças deste nível etário apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, (...), entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade – Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (s.d.: 101).

Para obter uma visão mais completa dos conhecimentos adquiridos pelas crianças da faixa etária pretendida, concluiu-se ser necessária a leitura de todo o programa curricular, não só, do ano de ensino correspondente, mas também, dos anos anteriores – 1.º, 2.º e 3.º anos.

Depois de adquirida a programação curricular surgiu a necessidade de haver uma preparação para a sua transmissão adaptada ao discurso e à forma de pensar das crianças.

Tivemos em atenção que os níveis de concentração são cada vez menores, e o das crianças, por natureza, é mais reduzido. Numa conversa com Júlia Andrade (comunicação pessoal, 2016, 19 de outubro) responsável pelo Serviço Educativo do

Museu D. Diogo de Sousa, aconselhou-nos a programar atividades de 45 a 50 minutos, advertendo-nos para a dificuldade que é de mantê-los com atenção por um longo período de tempo. Contudo, apesar desta indicação, nem sempre nos foi possível programar atividades dentro do período indicado.

Relativamente ao processo de assimilação de informação das crianças das idades supracitadas baseamo-nos na teoria de Estádios de Jean Piaget.

Em relação à amostragem de participantes nas atividades, esta não foi livre, partiu de uma seleção feita e discutida previamente, de forma a haver algum “controle” no número de participantes, ou para que, em particular, haja participantes. Este foi o método selecionado, porque no transcorrer do estágio, notou-se que a participação voluntária não é notável, acontecendo pontualmente em festas de aniversário, por marcação de programas de Atividades Tempos Livres (ATL) ou por iniciativa de escolas. Esta última incide maioritariamente na visita ao Museu, e não direcionada exclusivamente para oficinas, ponto a referir, porque no período observado apenas duas turmas, em conjunto, depois da visita ao espólio museológico, os professores haviam planeado participar na atividade *Que folha é esta? Construção de um Herbário*. Este foi um caso exclusivo e sem repetição. Nas hipóteses possíveis no “catálogo” de instituições escolares bracarense, a Escola Básica Real da Sé - 1.º ciclo⁶, apresentou-se, numa primeira abordagem como a melhor opção. Não só pela relação mantida entre as duas instituições como pela proximidade geográfica.

A abordagem eleita permitirá prever uma conjuntura mais controlada, como também, possibilitará uma “proposta” intimista e preparada no âmbito da programação das atividades. As atividades foram programadas para se efetuarem no mês de Maio, não só pela melhoria das condições atmosféricas como também devido ao calendário escolar – que finda no dia 9 de Junho⁷.

Na elaboração de atividades desta natureza são vários os fatores a considerar. Num primeiro plano a definição dos objetivos é de extrema importância, nas palavras de José Tavares e Isabel Alarcão *são linhas orientadoras da actividade didáctica, declarações das nossas intenções de ensinar, ou melhor dito, das nossas intenções de*

⁶ Sítio oficial da Escola Básica Real da Sé, disponível em http://www.aereal.edu.pt/eb_1_da_se consultado a 21 de janeiro de 2016.

⁷ Calendário Escolar do ano letivo de 2015-2016, Ministério da Educação. Disponível em <http://www.dgeste.mec.pt/index.php/escolas/calendario-escolar/calendario-escolar-20142015/>, consultado a 20 de janeiro de 2016.

criar condições que permitam ao aluno melhorar a sua aprendizagem e desenvolver-se (2002: 160). Partimos do objetivo central - incutir e consciencializar características do Barroco na faixa etária entre os 9 e os 11 anos de idade – para os particulares, ou seja, os específicos de cada atividade.

Após a definição de objetivos e conceitos a transmitir, foi necessário haver um enquadramento com a missão orgânica do Museu, não só para ir de encontro à visão da instituição, mas também para justificar o caráter didático do conteúdo programado. É importante salientar a diferença entre lúdico e didático, pois o primeiro tem uma intenção recreativa⁸, enquanto o segundo está diretamente ligado ao ensino, à instrução⁹.

Depois de traçadas as “linhas orientadoras” o passo seguinte é de caráter funcional. Desde o estabelecimento da metodologia de exposição, definição dos domínios “afetados”, explicação das técnicas a utilizar, determinação do “capital” material e humano necessário para a realização efetiva e positiva da atividade, duração e distribuição de cada etapa pelo tempo definido, o número mínimo e máximo de participantes de forma a atingir plenamente os objetivos propostos, o espaço ou espaços do museu em que se irão realizar as atividades, e uma proposta de interação do mediador com as crianças. É de ressaltar ainda o papel que atribuímos ao mediador. Este deverá colocar-se numa posição de monitor, ou seja, apenas dirigir a observação e análise das crianças, interferindo apenas se necessário.

Em suma toda a informação é reunida em formato de guião, como nos ensina Hooper-Greenhill ao referir que, passamos a citar, *primeiro que tudo, deveria descrever o que iria acontecer* (HOOPER-GREENHILL, 2002:112 *apud* SILVA, 2011:44). Este documento é suscetível a alterações no decorrer, sistemático e evolutivo do processo de experimentação das oficinas, de forma a suprir necessidades identificadas com uma avaliação incessante, *esta opção traz conhecimento sobre a experiência proporcionada aos visitantes* (SILVA, 2011:45).

Como foi referido anteriormente os objetivos são as linhas condutoras de um plano, no entanto existem outros pontos que são igualmente importantes, mormente a Avaliação. Este ponto é importante na medida em que permite ter uma noção do

⁸ *lúdico*, in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha], Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível no sítio <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lúdico>, consultado a 30 de agosto de 2016.

⁹ *didático*, in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha], Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível no sítio <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/didático>, consultado a 30 de agosto de 2016.

sucesso, ou não, em relação aos objetivos definidos para que, posteriormente, se possa melhorar aspetos menos conseguidos. Utilizar-se-á o método da observação não-orientada em relação às crianças, ou seja, não haverá uma definição *a priori* de aspetos ou comportamentos a observar. *Observar o quê? Tudo o que, no momento, lhe parecer digno de observação* (TAVARES & ALARCÃO, 2002: 188). Quanto à recolha de avaliação da educadora responsável, elaborámos um inquérito, com questões para apreendermos o relevo que os educadores dão a ações desta natureza, se consideram que os objetivos traçados são adaptados ao nível de ensino, e por fim, segundo a sua ótica, se os mesmos foram conseguidos. No que diz respeito à avaliação por parte dos monitores esta foi livre e recolhida oralmente, pois a monitorização das mesmas foi realizada pelo investigador, com exceção da atividade no jardim.

De seguida apresentamos em formato de quadro os pontos da programação das atividades didáticas.

Título			
Enquadramento na missão do Museu			
Público-alvo			
Objetivos da atividade			
Conceitos a transmitir			
Domínios			
Metodologia			
Métodos e técnicas			
Recursos materiais			
Recursos físicos			
Recursos humanos			
N.º mínimo e máximo de participantes			
Data de execução			
Duração prevista			

Quadro 1 Quadro com os pontos definidos para programar as oficinas.

3. Braga Barroca

Descreveremos resumidamente a importância da cidade de Braga no período em análise fazendo referência a figuras importantes no contexto social bracarense.

Braga define-se, na Época Moderna, como a Corte Religiosa do País. (...) A nobreza da linhagem é corroborada pelo prestígio dos cargos públicos que desempenham – Poder Religioso e Poder Temporal (ROCHA, 2008:5).

Nomeada “cidade dos arcebispos”, Braga, enobrecida cultural e esteticamente por inúmeras figuras ao longo do tempo, tornando-a uma das principais cidades no contexto nacional. A sua influência estético-cultural estendeu-se além-fronteiras. A emanação de artistas para o Brasil a partir do século XVIII confluuiu num gosto partilhado nos dois lados do oceano. Um gosto ligado diretamente à Igreja Católica Romana, e encarado como forma de exaltação, demonstração de poder e de incentivo devocional. Este enquadramento, por outro lado, gerou “gostos e modas” que transitaram do eclesiástico-religioso para as elites sociais.

No sentido de clarificar a “extensão” do poder religioso neste contexto geográfico, damos o exemplo de um acordo firmado no século XV entre o Arcebispo D. Luís Pires e o rei D. Afonso V, onde o rei concede aos arcebispos o poder de *alçada civil*, com exceção dos crimes de *apelação e agravo*, que ficam sob a jurisdição dos Tribunais da Coroa (CAPELA *et. al.* 2002:63 *apud* OLIVEIRA, 2011:18). A atribuição de um poder deste carácter evidencia a posição que ocupa em Braga.

Uma das figuras a apontar é D. Diogo de Sousa (1461-1532), Arcebispo de Braga, que apesar de não ter vivido no período em análise a sua influência é notória. A sua ação prendeu-se na modernização da cidade para fora das muralhas e criação de incentivos para o estabelecimento de população tornando-a num polo económico e artístico. Estas ações refletir-se-ão nos séculos seguintes.

No final do século XVII e inícios do XVIII, a linguagem arquitetónica bracarense é novamente remodelada. É durante esta época, e sob a alçada de D. Rodrigo de Moura Teles (Arcebispo de Braga), que o estilo-estético do Barroco “prospera”.

Foram remodelados e construídos inúmeros edifícios de caráter religioso e civil, numa linha descrita por Rocha (2008:11) como *Uma arquitectura depurada – austera – com interiores requintados pela articulação das várias artes*. Interiores estes caracterizados pela utilização de talha dourada, pintura e azulejaria figurativa, bem ao gosto português.

A obra do Bom Jesus do Monte é o exemplo mais significativo deste período. Nas palavras de Pereira (1992:124) considera um *contributo essencial para o barroco europeu e com repercussões no Brasil*¹⁰. Nas décadas seguintes à sua construção, são introduzidos novos elementos decorativos ligados ao Rococó¹¹. Essas alterações têm a assinatura de André Soares, um “amador” sem formação, no entanto considerado por muitos autores um génio eclético com uma linguagem muito característica. São muitos os edifícios com a sua assinatura em Braga, e outros que a si se julgam pertencer.

Em forma de conclusão, citamos Eduardo Oliveira numa frase que julgamos transmitir a monumentalidade da cidade de Braga. *Na segunda metade do século XVIII não havia a menor dúvida entre os bracarenses que em Portugal havia duas cortes, uma em Braga e outra em Lisboa* (2011:18).

4. Caracterização do Museu dos Biscainhos enquanto instituição e sua história

Instalado num edifício senhorial classificado desde Abril de 1949 pelo Decreto n.º37.366 como um edifício de Interesse Público, anteriormente, com a função de habitação, pertencente à família dos Condes de Bertandos. A sua construção data do século XVII, sofrendo sucessivas alterações até ao século XX, onde é adquirido por uma entidade pública por iniciativa do Dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta da Província do Minho¹², ao 3.º Visconde de Paço de Nespereira, o Dr.º Gaspar Meneses, com o propósito de ali constituir um Museu.

O processo de restauro e adaptação do imóvel para receber uma instituição deste caráter ficou incumbido ao Arquiteto Alberto da Silva Bessa, e para a “linguagem museal” foi instaurada uma comissão integrada pelas conservadoras Dr.ª Maria Teixeira

¹⁰ Referência ao Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Minas Gerais no Brasil.

¹¹ Rococó ou tardo-barroco como defendem alguns autores.

¹² Informação retirada do antigo sítio do Museu dos Biscainhos, disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Historia/MostrarHistoria.aspx?IdPagina=172>, consultado a 20 de janeiro de 2016.

e Dr.^a Maria Quaresma e pelo Arquiteto Roberto Leão. O Museu dos Biscainhos “abre portas” no dia 11 de fevereiro de 1978.

Na década seguinte o programa museológico é reestruturado sob a alçada da conservadora Dr.^a Teresa de Almeida d’Eça, arrogando como programa científico a *investigação e divulgação do quotidiano do Antigo Regime* (d’EÇA, 2004:6). Em 2004 é novamente reorganizado, pelo então diretor do Museu, o Dr.^o Costa Reis.

O Museu tem como público-alvo a comunidade escolar, e como Missão¹³, passamos a transcrever:

- 1. Investigação, conservação e divulgação do seu património material (palácio e jardins barrocos e colecções) e imaterial em consonância com o programa museológico subordinado ao período compreendido entre o século XVII e a revolução liberal (1820);*
- 2. Sensibilização do indivíduo para a Natureza (necessidade premente de a integrar, de a usufruir e de a proteger);*
- 3. Promoção da reflexão e experimentação do cruzamento cultural como condição essencial para a construção de um diálogo entre indivíduos, urgente na sociedade contemporânea;*
- 4. Assumir a função social dos museus, procurando uma constante e renovada interacção com o Cidadão atendendo à sua diversidade.*

Ainda na década de ’80 a gestão técnico-administrativa da instituição é transferida da Assembleia Distrital de Braga, a que pertencia desde a sua constituição, para o Instituto Português de Museus. Onde permaneceu até 2014, ano em que a tutela foi transferida para a Direção Regional de Cultura do Norte.

O edifício em “traços largos” caracteriza-se por linhas arquitetónicas essencialmente barrocas, apresentando, também, características Neoclássicas e de estilo Império no seu interior, permitindo assim, nas palavras de Teresa d’Eça *uma visão continuada e sintetizadora da cultura de todo esse período* (2004:6).

¹³ Informação recolhida no antigo sítio do Museu dos Biscainhos. Disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Enquadramento/MostrarEnquadramento.aspx?IdPagina=169> (acedido a 22 de setembro de 2016).

O espólio do Museu contém objetos que vão do século XVII a princípios do século XIX, espelhando o *mundo interior e privacidade domésticos de uma Casa Senhorial* (d'Eça, 2004:6). Foi o cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, um dos principais responsáveis para a formação das primeiras coleções do acervo dos Biscainhos, que ficou encarregue de sensibilizar a comunidade. Fundadas a partir de doações e legados de figuras importantes do meio social bracarense, ofertas e depósitos de particulares, como também de instituições públicas de todo o país, com destaque para o Museu D. Diogo de Sousa e o Museu de Etnologia do Porto. As principais coleções são de Artes Decorativas, nomeadamente mobiliário, cerâmica portuguesa e indo-portuguesa, vidros, têxteis, entre outros, Artes Plásticas e ainda de Etnografia e Etnologia.

4.1. Análise das atividades realizadas no Museu dos Biscainhos: de Janeiro de 2013 a Maio de 2016

Neste ponto propomo-nos a fazer uma breve síntese e análise das atividades realizadas por, ou em parceria com o Serviço Educativo, no Museu dos Biscainhos nos últimos três anos, ou seja entre janeiro de 2013 e maio de 2016, mês em que terminou o estágio na instituição. Os dados analisados foram disponibilizados pelo Museu dos Biscainhos (Anexo I). A informação que produzimos no sentido de otimizar a leitura de dados será apresentada durante o texto corrente à exceção da tabela onde apresentamos as atividades e os públicos-alvo (Apêndice I).

É importante referir que as atividades que analisámos não inquiriram as visitas guiadas ao museu, apenas os *Ateliers* e oficinas (designações atribuídas pela instituição).

Ao analisarmos os dados disponibilizados deparámo-nos com o seguinte. Das 76 atividades contabilizadas desde janeiro de 2013 a maio de 2016 constatámos que, aproximadamente 48.7% se realizaram no ano de 2014, correspondendo a 37 atividades. Nos restantes anos, por ordem cronológica, realizaram-se 6 atividades no ano de 2013, em 2015 verificaram-se 24 e até maio de 2016, 9.

Ano	Número de atividades	100%
2013	6	7.9%
2014	37	48.7%
2015	24	31.6%
2016 (até 31 de Maio)	9	11.8%
	Total: 76	

Quadro 2 Quadro indicativo do número de participantes nas atividades por ano, e respetivas percentagens.

Com um total de 7.223 pessoas a afluir no contexto de 3 anos e meio, notando-se que o ano em que se registou maior participação e número de atividades foi o de 2014, com 2.982 participantes. Em 2013 participaram 1281, em 2015 2051, e nos primeiros cinco meses de 2016, 909 pessoas.

Ano	Número de participantes por ano
2013	1281
2014	2982
2015	2051
2016 (até maio)	909
	Total: 7223

Quadro 3 Quadro indicativo do número de participantes por ano.

Apesar de para efeitos estatísticos, o museu não descortina o público-alvo a que as atividades são dirigidas, por base nos dados recolhidos na instituição e do contato com a responsável do serviço educativo, foi possível comprovar que o grosso das atividades promovidas por este serviço do Museu dos Biscainhos é dirigido ao 1.º ciclo do ensino obrigatório, com 25 das 76 atividades, o que percentualmente corresponde a 32.9% do total. Como referimos anteriormente o público-alvo do Museu é a

“Comunidade Escolar”, que corresponde ao 1.º ciclo ao secundário, e o Público em geral. Todavia decidimos destacar este valor em relação aos restantes públicos pois é evidente a diferença entre o número de atividades direcionadas para estas faixas etárias, e as restantes, nomeadamente o 2.º e 3.º ciclos, e secundário do ensino obrigatório. Estas faixas têm uma participação bastante ativa, no entanto registam-se nas visitas guiadas ao museu, ao que já indicámos que não são contabilizadas. Por outro lado para o “Público geral” registaram-se 12 atividades, para o Público Sénior 4, e para o Público com necessidades especiais somente 6. Sendo que para os públicos Sénior e com necessidades especiais as atividades não foram concebidas especificamente para eles mas sim adaptadas.

Público-alvo	Total de atividades no total dos 3 anos	100%
Público geral	12	26.1%
Público sénior	4	5.3%
Público escolar (1.º ciclo até ao secundário)	3	3.9%
Pré-escolar	12	15.8%
1.º ciclo	25	32.9%
2.º ciclo	4	5.3%
Público com necessidades especiais	6	7.9%

Quadro 4 Quadro indicativo do número de atividades dirigidas aos diferentes públicos e respetivas percentagens.

Estas atividades caracterizam-se essencialmente por oficinas de carácter teórico, em que se “encaixam” as leituras de contos, carácter prático, assente na reprodução e construção de objetos de época e ou ligados a festividades, e peças de teatro, e por fim, atividades de época ligados a festividades populares.

Tendo por base estes indicadores verificamos que as atividades patrocinadas, ou em parceria, do Museu dos Biscainhos tem como principal destinatário as “camadas” mais jovens.

5. Teoria de Estádios de Piaget: o que é e como se traduz nas atividades didáticas

Os trabalhos de investigação de Jean Piaget têm como foco a Epistemologia, isto é, o estudo dos processos de pensamento. No percurso da sua carreira profissional a interação com crianças e a análise do seu processo de assimilação de conhecimento foi considerado o método principal de aferição da *natureza do conhecimento nos adultos e na história do conhecimento humano* (KAMIL & DEVRIES, 1978:12).

Numa primeira abordagem traçamos, de forma sintética, algumas das principais correntes epistemológicas dominantes, procurando clarificar a posição e o pensamento de Piaget.

As correntes epistemológicas principais são a corrente racionalista e a empirista. A primeira rejeita a aquisição de dados pela via sensorial como fonte *fundamental da verdade* e apoia-se na *razão pura* como a única forma *para atingir a verdade*; em contraposição, a teoria empirista afirma que o conhecimento só pode ser adquirido através de dados recebidos por uma via sensorial, externos ao indivíduo, e interiorizados através dos sentidos. Piaget não se encaixa em nenhuma das correntes por completo, sendo seguro afirmar que ocupa uma posição sintetizadora de ambas as teorias, mas tendendo para o racionalista (KAMIL & DEVRIES, 1978:13-14).

No contexto piagetiano a fonte do conhecimento não está exclusivamente no sujeito, mas sim num processo resultante da interação entre o mesmo e o objeto. A principal crítica aos empiristas é, para Piaget, a ideia de que o indivíduo é automaticamente estimulado está errada, transcrevendo os autores Kamil e Devries,

o estímulo não se torna estímulo senão quando o indivíduo age sobre ele, e se acomoda a ele, assimilando-o aos seus conhecimentos anteriores. Por outras

palavras não é só o estímulo que age sobre o indivíduo, mas também o indivíduo age sobre o estímulo (1978:23).

Porque ao não existir *aprendizagens*¹⁴ anteriores, esses estímulos não despoletam impacto no indivíduo.

Seguindo esta linha de pensamento, as duas formas de aquisição referidas anteriormente não são eficazes isoladas. Contudo, unidas recolhem os dados necessários à conservação e construção do *conhecimento*. Para Piaget o *conhecimento* é um processo construtivo, organizado sob uma rede de conceitos sendo os mesmos sustentados por outros conceitos, inexistindo separados. O termo “construtivo” é o aspeto fundamental desta teoria. A construção do conhecimento ou da inteligência, sinónimos para o autor, ocorre em quatro etapas: *maturação*, entendida como desenvolvimento no sentido biológico; *experiências com objetos* - contato físico e lógico-matemático¹⁵; *transmissão social*; e por fim a *equilibração*, processo de regulação interna, que resulta do *desenvolvimento*, e equilibra os três primeiros fatores apontados.

Deste modo Piaget divide o *desenvolvimento* de uma criança em quatro estádios diferenciais¹⁶: estágio sensório-motor (do nascimento aos dois anos de idade) que corresponde sobretudo a uma interação, e constante adaptação, prática com o exterior. A criança ainda não possui a capacidade de representar mentalmente os objetos; estágio pré-operatório (dos dois aos sete/oito anos de idade), caracterizado pelo aparecimento da função simbólica, que tem a sua origem na imitação sensório-motora¹⁷. É durante este estágio que são constituídos os primeiros significantes, diferenciados dos significados, ou seja, a criança não se limita a agir sobre os objetos mas representa-os (o objeto ausente), substituindo-os por símbolos, revelando um processo de pensamento (para a educação é importante ressaltar a importância da representação do ausente). De acordo

¹⁴ *Aprendizagem no sentido restrito* para Piaget representa dados como a aprendizagem dos nomes das coisas, como por exemplo saber que aquele “objeto” no céu se chama “Lua” ou que as plantas necessitam de água; *aprendizagem no sentido geral*, Piaget intitula de *Desenvolvimento*, como por exemplo, estruturar o tempo presente em relação à eternidade ou mesmo aos tempos pré-históricos (KAMIL & DEVRIES, 1978:35-36).

¹⁵ Lógico-matemático: estabelecimento da relação lógica entre aquilo ou aquele que existe, um ser, coisa ou substância.

¹⁶ Apesar de termos notado que a maioria dos autores que consultamos indicam uma idade estanque para o início e para o fim de cada estágio, e seguindo a ideia de Constança Machado, acreditamos que será mais correto colocar as idades aproximadas.

¹⁷ Sensório-motora: traduz-se em atos físicos e assimilados através dos sentidos.

com Piaget: *o pensamento ainda está longe dos conceitos propriamente ditos, sendo esta inteligência dominada pela utilização de pré-conceitos, ligados entre si por um raciocínio de transdução* (PIAGET, 1967:137 *apud* MACHADO,1988:25), ou seja, um exercício de pensamento analógico onde a criança compara acontecimentos/objetos num processo quase automático com algo já vivido. Este período é dividido em dois momentos, o primeiro, dos dois aos quatro anos, caracterizado essencialmente pela imaginação, não existindo conexão entre as imagens mentais e conceitos, e o segundo momento, entre os quatro e os sete anos, onde o pensamento passa a ser intuitivo, baseado na assimilação¹⁸ pela própria ação, ou seja, na percepção dos dados sensoriais. O terceiro estágio, dito das operações concretas (dos sete/oito anos aos onze/doze anos de idade), é o estágio em que o desenvolvimento cognitivo se torna lógico mas não abstrato¹⁹, ou seja, o sujeito ainda precisa de uma realidade concreta para que a consiga aplicar. Nesta etapa já se assimilam noções de espaço, tempo, classificação, volume e realizam-se operações numéricas.

O quarto, e último, estágio é o das operações formais (dos onze/doze anos até aos quinze/dezasseis anos de idade). Aqui a criança já possui a capacidade de usar conceitos abstratos, de pensar a partir de situações reais ou hipotéticas. O pensamento já não está limitado pela experiência vivida, liberta-se por completo do objeto (MACHADO,1988:21-25).

Os estádios descritos anteriormente são diretrizes para assegurar uma melhor compreensão, abordagem e interação com as crianças a nível pedagógico. Apesar de Piaget não ter direcionado a sua investigação propositadamente para a Educação, proporcionou muita investigação relevante para esse campo, sendo que no campo prático a sua teoria dificilmente será reproduzida, notando-se sua operabilidade como um instrumento auxiliar do mediador.

¹⁸ *A assimilação ocorre sempre que um organismo utiliza algo do ambiente e o incorpora. Exemplo biológico seria a ingestão de alimento. O alimento se transforma no processo, como também o organismo. Processos psicológicos são semelhantes, pois o “padrão” de estimulação se transforma e, também, novamente, o organismo* (PRÄSS, 2012: 15).

¹⁹ *Abstrato* para Piaget significa o processo em que a criança já estrutura o conhecimento. Este distingue duas espécies de abstração, a *simples* (trata-se de propriedade observáveis, como a luz, a cor, a textura, etc., ou seja, o conhecimento simples necessita do físico) e a *reflexivante* (a segunda é criada pela criança, querendo isto dizer que a criança introduz relações entre os objetos, por exemplo que *o objeto A é maior que o objeto B*, essa informação é criada pela criança). O pensamento lógico-matemático encontra-se na *abstração reflexivante*, que depois de adquirido a criança jamais esquecerá. Kamil e Devries dão o exemplo de uma vaca, que depois de assimilada, as crianças jamais procurarão outra coisa sem ser um animal (1978:42).

Para Piaget *o importante é o desenvolvimento da inteligência* ao contrário do que defende a escola tradicional, que coloca ênfase na aquisição de conhecimentos particulares, e não no desenvolvimento cognitivo (MACHADO,1988:36).

Aplicámos a teoria piagetiana no sentido teórico para perceber a mentalidade e a forma de assimilar das crianças nas idades alvo. Esta teoria permite-nos abordar as temáticas de uma forma direcionada, tanto discursivamente como metodologicamente, isto é, eleger os objetivos de cada atividade tendo consciência das limitações do estágio em que se encontram, a saber, neste caso, no estágio das operações concretas. As crianças, nesta “etapa”, já possuem conceitos de tempo e espaço, noções essenciais para o nosso trabalho. Todavia, têm a necessidade de as aplicar a algo que conheçam, citando Cainelli, *As crianças pensam o passado a partir do seu presente* (2006:64). É neste contexto que o Museu dos Biscainhos se torna um espaço primordial para os fazer compreender as ideias que se pretendem transmitir.

6. Educação Museal, distinção do Ensino Formal

Faz-se neste capítulo uma breve resenha da importância da educação no contexto museal e da posição que tem vindo a assumir na sociedade contemporânea. Também iremos refletir sobre a relação museu-escola, apontando as principais diferenças nas práticas de ensino, e os objetivos partilhados.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “Educação” vem do latim *educatio*²⁰, que significa instruir, guiar, ensinar; enquanto “Museu” deriva do grego *mouseion*²¹, numa menção ao “Templo das Musas”, local ligado à proteção e difusão de cultura.

Inicialmente a reunião de coleções não tinha o propósito atual, correspondia somente à vontade e gosto do colecionador, sem um plano prévio ou propósito educativo. A partir do século XVI começam a ser traçadas as primeiras linhas do conceito “Museu”, sendo atualmente definido como, segundo o Conselho Internacional de Museus, uma *instituição, permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e*

²⁰ *educação*, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008 2013. Disponível no sítio <https://www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7%C3%A3o> (consultado a 21 de setembro de 2016).

²¹ *museu*, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008 2013. Disponível no sítio <https://www.priberam.pt/dlpo/museu> (consultado a 21 de setembro de 2016)].

do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o património material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (DESVALLÉES & MAIRESSE (dir.), 2013:64).

A ideia de uma *instituição aberta*, de *comunicar* e de ensinar ao *público*, aqui entendido como toda a população, é característica da sociedade contemporânea onde ocorreu a democratização da educação, contrariamente ao espírito das épocas anteriores, que atribuía ao Museu uma função de conservação e estudo, essencialmente académico e elitista. A “democratização” referida contribuiu significativamente para a valorização da função educativa da instituição, que ao invés de se centrar unicamente nos objetos, mudou o foco para os que *deles beneficiam*. Esta mudança de *política museológica* (VAQUINHAS, 2013) deve-se essencialmente ao museu hoje em dia ser entendido como uma instituição permanentemente em transformação, para fazer face a uma sociedade ávida de informação. A ideia de um museu com uma exposição imutável já não se adapta à atualidade, sendo necessário interpretar e reinterpretar as suas exposições.

Para além desta mudança de enfoque, a forma de transmissão igualmente mudou. A linguagem museológica seguia as mesmas diretrizes do ensino formal, hierarquizado e sistemático, fechado a diálogo entre o transmissor e o recetor. Isto devia-se à visão do Museu como extensão “laboratorial” da escola, ou seja, apenas como demonstrativo do teórico e não de complementaridade, uma ideia que tem vindo a ser reforçada nas últimas décadas. A nova linguagem tem vindo a dar *ênfase à aprendizagem como processo activo e partilhado de construção de significados* (SILVA, 2007:64), criando espaço para novas interpretações. Transcrevendo Hein, *Learning is now seen as an active participation of the learner with the environment* (1998:6).

Salienta-se também que a forma de aprendizagem nas duas instituições é diferente. No ensino formal é assente na teoria enquanto no espaço museológico baseia-se no objeto, uma *experiência* que segundo Susana Silva é *multissensorial – visual, táctil e auditiva* (2007:57). A junção deste “aspeto sensorial” com a inexistência de uma avaliação formal²² faz do museu um espaço privilegiado para o ensino, em particular para a população mais jovem.

²² “Avaliação formal” é aqui entendida como referência ao sistema de avaliação no ensino formal.

6.1. Importância de levar crianças a Museus

Neste ponto são apresentados argumentos que justificam a importância de crianças frequentarem Museus, simultaneamente aludindo ao programa da Direção-geral de Educação para o 1.º Ciclo de Escolaridade obrigatória.

Levar crianças²³ a museus é privilegiar a sua formação e dar a conhecer e desenvolver capacidades de observação, interação e pensamento.

Uma visita a um museu pressupõe uma relação direta com os interesses pessoais e vivência dos indivíduos, denominada “bagagem cultural”. Todavia com esta faixa é difícil o enquadramento neste ponto. Tendencialmente será mais fácil enquadrar-lhes no meio que se entregam, o que vai de encontro às recomendações do Ministério da Educação na Matriz curricular para o 1.º Ciclo de Ensino²⁴, que diz, *o meio local* deverá ser *o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança* (s.d.:101). Estas indicações promovem assim uma relação não só teórica mas também prática com o meio envolvente, onde o museu se insere. As visitas de estudo, compreendidas como qualquer deslocação para fora dos limites da escola com objetivos educacionais, são um “instrumento” necessário para uma formação completa em diferentes níveis. Parafraseando os autores Danny e Lock, citados por Almeida (1998:45), estas atividades permitem desenvolver capacidades psicomotoras e cognitivas, promover a *motivação*, desenvolver a *confiança* do aluno e *cooperação*, *tomada de decisões e espírito de liderança*. Apesar de no exemplo indicado este ser aplicado ao ensino das Ciências exatas, podemos aplicar no sentido de “atividades práticas” em relação à escola e a sua deslocação ao museu. E “prático” às atividades a desenvolver.

Em conclusão deixamos dois testemunhos, recolhidos por Rebeca Gross²⁵, publicados no sítio NEA²⁶ de dois profissionais relacionados com a educação em

²³ Crianças aqui são entendidas na faixa etária dos 6 aos 11 anos de idade, que corresponde ao 1.º ciclo do ensino obrigatório.

²⁴ Matriz curricular do 1.º Ciclo de Ensino disponível em <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>.

²⁵ Rebecca Gross é escritora *freelancer*, investigadora e historiadora de design. É mestre em História das Artes Decorativas pela Universidade *Parsons The New School for Design*, em Nova Iorque. Disponível em <https://designschool.canva.com/blog/author/rebecca/>, consultado a 8 de setembro de 2016.

²⁶ NEA (*National Endowment for the Arts*) é uma agência não-governamental americana estabelecida pelo congresso em 1965, com o objetivo de incitar e financiar os americanos a participar nas artes,

museus, de diferentes instituições, que no nosso entender representam, em conjunto com o que foi apontado anteriormente, a experiência de frequentar e aprender, em museus, pelas crianças. *Museums provide a space for reflection, experimentation, inspiration, creativity, enjoyment and allow for authentic learning experiences and play* (YUNG apud GROSS, 2014); e *It is so important to introduce children to museums because museums open up a world of imagination and exploration* (PETERS apud GROSS, 2014).

6.2. Relação entre Pedagogia Educacional e a Mediação em Museus

Compete a este capítulo explicitar e relacionar os termos em título no sentido de elucidar a importância de ambos num processo de âmbito educacional.

O museu é decididamente um espaço de transmissão de conhecimentos, logo, não é um espaço isolado, necessita de públicos para existir, e o público escolar é um dos públicos com maior participação no panorama museológico português. Referimos este público no sentido de elucidar e justificar a importância e referência à ciência Pedagogia Educacional. Debruçar-nos-emos, em primeira lugar, sobre o significado e origem da palavra “pedagogia”. Etimologicamente a palavra tem origem no grego *paidagogía* – arte de instruir, ensinar ou educar as crianças²⁷. Historicamente a disciplina encontra-se ligada à educação das crianças, no entanto, o conceito moderno é mais abrangente, sendo definida como filosofia, ciência e prática da educação, com vista à definição dos seus fins e dos seus meios capazes de os realizar, não obstante à idade e como objeto de estudo a formação do homem.

A Educação como processo contínuo é realçado e acentue na educação infantil-período essencial na preparação do sujeito para o futuro. A Pedagogia, considerada como Arte, e como Ciência, da Educação, ainda que recente e ténue, começa a dar os primeiros passos na constituição de um corpo científico válido, onde os processos de observação utilizados são fidedignos e fundados cientificamente, no entanto, adaptados,

promovendo o exercício de imaginação e desenvolvimento das suas capacidades criativas (tradução livre). Disponível para consulta no sítio <https://www.arts.gov/about-nea>, consultado a 8 de setembro de 2016.

²⁷ *pedagogia in Michaels: Moderno dicionário da Língua Portuguesa* (1998), São Paulo: Companhia de Melhoramentos, p.1577.

de outras ciências já constituídas, como a Psicologia ou a Sociologia. Podemos afirmar que o objeto de estudo da Pedagogia centra-se no processo transmissão de informação pelo meio da comunicação e como esta afeta os indivíduos “agidos” nas suas diferentes condições.

No panorama museológico tem de se ter em consideração os diferentes públicos e contextos, adaptando-se, constantemente, a inúmeras variáveis num processo constante e móbil de práticas e intervenções. É aqui que a pedagogia liga-se e intervém nos museus. Apesar de referirmos que o número de contextos possíveis não é estático, os museus, assim como as escolas, tentam, e definem, grupos. Estes são organizados por faixa etária e por públicos, o primeiro remete-nos à idade biológica e cognitiva, o que não é linear pois o estado de desenvolvimento²⁸ não é uma constante aplicada a todos os sujeitos; o segundo compreende, não só, a faixa etária, como afinidades, traduzindo-se em perfis ou *ideias típicas* (LOPES, 2004:47 *apud* RIBEIRO, 2012:166). Neste contexto o indivíduo é encaixado e remetido a uma generalização, o que não corresponde à realidade, e onde a pedagogia assume-se como uma ferramenta capaz na interpretação das ações dos indivíduos. Parafraseando Chagas (s.d.: 28), *lidar com pessoas é muito mais complexo do que lidar com objetos, mas esse é o desafio dos museus que buscam o caminho das relações e das convivências humanas*.

Os processos de mediação representam uma ação reconciliadora entre duas ou mais partes, o que *no quadro museológico* significa *o público do museu com aquilo que lhe é dado a ver* (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013:51) por um intermediário, seja um objeto ou um sujeito. Este, que como já referimos, convive com as imprevisibilidades da prática e deve lidar com elas com inteligência social e improvisação, que implica um processo de *reflexão-na-ação* (MARANDINO, 2008:29). Esta “inteligência social” encontra-se presente no dia-a-dia de um indivíduo que naturalmente se adapta face às “adversidades”. São estas características, de adaptabilidade e mobilidade, que caracterizam um bom mediador. A pedagogia como ciência, procura, ainda numa fase inicial, organizar e “patentear” um método de observação à parte das ciências já estabelecidas. No entanto, a Psicologia e a Sociologia representam em grande parte os métodos utilizados por este campo, por conseguinte, prevê-se que o mediador tenha algumas bases metódicas de observação nestes campos.

²⁸ “Desenvolvimento” remete-nos à teoria de Estágios de Piaget, desenvolvida no ponto 5. do presente trabalho, que defende que *desenvolvimento* e *inteligência* são sinónimos.

No presente trabalho tentámos aplicar esses diretrizes como referência no método de observação e também na organização teórica e metódica no guião de cada atividade, simultaneamente com a teoria de Piaget, que como referimos no ponto 5. do presente trabalho, utilizamos para compreender o desenvolvimento e modo de assimilação das crianças. É neste ponto que a Pedagogia Educacional se liga a intervém na Mediação em Museus.

Em forma de conclusão é seguro afirmar que a meta comum em pedagogia e mediação museal é a transmissão de conhecimentos assente em práticas metódicas e adaptadas aos objetivos e diferentes idades/públicos.

7. Descrição das atividades Didáticas

Neste capítulo iremos descrever resumidamente as componentes e os objetivos a que nos propomos nas três diferentes atividades que planeámos, já com as devidas alterações após testadas.

7.1. Vem Descobrir as Cores Barrocas

Esta atividade, como o nome indica, é direcionada para a análise e simbologia das cores enquanto comunicante e guia técnica da visão numa pintura. De forma a atingir esse fim, é proposta uma observação, e interpretação conjunta, de obras expostas em duas salas do Museu dos Biscainhos – sala do Estrado e sala de Música e de Jogos. As obras selecionadas são datadas do século XVII e XVIII de estilo barroco. A seleção dos quadros apresentados, nomeadamente o de *Naturezas Mortas*²⁹, *Naturezas Mortas com Puttis e Animais*³⁰, o retrato de *D. João V*³¹, *Nossa Senhora, o Menino e São João Baptista*³² e um quadro de *Cleópatra*³³, permitiram uma abordagem rica e representativa das temáticas e características da pintura barroca. Os conceitos a transmitir são, como já

²⁹ N.º de inventário 186MDS, século XVIII;

³⁰ N.º de inventário 374MB, século XVIII;

³¹ N.º de inventário 197MDS, século XVIII;

³² N.º de inventário 198MDS, século XVIII;

³³ N.º de inventário 117MB, século XVII;

referimos anteriormente, a caracterização das temáticas e técnicas de cor na pintura, designadamente o simbolismo, projeção das cores e a técnica de luz e sombra de forma a intensificar as representações; o significado de conceitos como “exótico”, “dinâmico” e “mitológico”; referência ao processo e materiais de produção de tintas, remetente à época; demonstração de uma técnica de produção artesanal de tinta com giz e cola branca; e, por fim, a coloração de um papel cenário com uma natureza morta inspirada nos quadros da época.

Propomos uma inter-relação entre os domínios cognitivo, psicomotor e afetivo. Pretendemos que as crianças desenvolvam o sentido de observação, que estimulem a sua sensibilidade estética e aptidão artística, e que otimizem o seu desenvolvimento intelectual³⁴ através da interação.

O tempo programado para a realização da atividade é de 60 minutos. No sentido de facilitar e clarificar o trabalho do monitor, idealizou-se um guião (Apêndice II) com perguntas guia e com todos os passos e técnicas a seguir.

7.2. Azulejos com Memória nos Biscainhos

Das três atividades programadas, é a que requer mais atenção ao pormenor e apelo ao intelecto. Na ótica da criança poderá não ser a mais apelativa, no entanto é a mais informativa. O foco de análise são os painéis de azulejos na Escadaria para o andar nobre, e o Salão Nobre.

Esta atividade compreende uma análise mais profunda e pormenorizada à cultura barroca. Nos painéis é possível observar as práticas do quotidiano das elites sociais, desde os trajes dos adultos e das crianças, às atividades de lazer, os transportes utilizados, os animais mais apreciados, a arquitetura e os jardins da época. Na observação e análise dos painéis, as crianças são convidadas a fazer um paralelismo entre a época “figurada” e a época atual, salientando sempre a importância do azulejo nas duas épocas distintas. O processo em que é feito o azulejo também é abordado junto

³⁴ Para Piaget a interação entre crianças é indispensável ao seu desenvolvimento. É a relação com os “outros” que as obriga a ser lógicas e coerentes. Este pensamento não é ensinado diretamente, é sim, um processo de construção (KAMII & DEVRIES, 1991:25).

das crianças. Toda a informação que é passada culmina num jogo de memória com pormenores das figuras dos azulejos.

Este jogo é formado por cartas duplicadas, dispostas num painel, onde a face com a imagem está virada para baixo. O objetivo do jogo é que encontrem os pares das cartas. Para cada grupo receber a oportunidade de tentar adivinhar as cartas, ser-lhes-á feita uma pergunta a cerca do que aprenderam sobre os azulejos. Se a resposta estiver correta o grupo terá direito a escolher duas cartas, se não, escolherá apenas uma. Esta opção permite ver o maior número de cartas num curto espaço-tempo. Se formarem par, o grupo fica com as respetivas cartas. Se não acertarem as cartas são novamente viradas. E assim sucessivamente. O jogo terá a duração de 35 minutos, mesmo que todos os pares de cartas não estejam formados, permitindo uma maior dinâmica de jogo. O grupo que tiver mais cartas ganha o jogo.

Para além dos conceitos a transmitir esta atividade compromete-se a desenvolver o sentido de observação, curiosidade e iniciativa, a estimular a capacidade de concentração, memória e atenção ao detalhe, a promover o sentido de descentrar e coordenar diferentes pontos de vista, a estimular a sensibilidade estética, e, por fim, um objetivo partilhado por todas as atividades planeadas, o relacionamento social como optimizador do desenvolvimento intelectual.

Toda programação da atividade, desde as perguntas guia aos passos das diferentes fases, encontram-se reunidos no guião (Apêndice III).

7.3. Biscainhos, um Jardim a Descobrir

No conjunto das três atividades esta é a única direcionada para o exterior do museu.

Este jogo foi idealizado com o intuito de explorar o jardim histórico do Palácio dos Biscainhos, aclamado como um dos mais belos exemplares barroco portugueses. Decidimos explorar apenas a componente histórico-cultural do jardim considerando ser a mais atrativa para o formato do jogo escolhido, o *Peddy Paper*. Este modelo de jogo consiste numa prova para equipas, no qual o percurso está associado a perguntas e respostas, e tem como objetivo a aquisição de conhecimentos sobre um determinado

tema ou local³⁵ através de uma atividade física. No sentido de otimizar o tempo de jogo, optámos em vez da tradicional pergunta e resposta escrita, por provas de resposta. Ou seja um testemunho de que estiveram no local. O jogo foi desenvolvido para que as crianças percebam as diferentes componentes de um jardim senhorial, envolvendo a estrutura organizacional e artística. No total foram elaboradas 15 perguntas para os três níveis do jardim, a realizar no período máximo de 30 minutos.

Os conceitos definidos a transmitir às crianças nesta atividade são o significado “exótico”, “dinâmico”, “excentricidade”, “místico”, “busto”, “pia” e “mitológico”, identificação de elementos culturais caraterísticos da época, como o gosto pelo exótico e pelo belo, atribuindo às sensações uma posição de primazia em relação à razão; e por último, a organização e composição de um jardim desta estirpe, numa tentativa de explicitar as diferentes divisões, apesar de “invisíveis”, entre o estético e o prático, numa forma simples e clara para as crianças.

Para além dos conceitos delineados, a atividade propõe-se ainda a desenvolver o sentido de observação, curiosidade e iniciativa, a promover a habilidade de descentrar e coordenar diferentes pontos de vista, a estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças e, otimizar o desenvolvimento intelectual através do relacionamento social.

As questões e as diferentes fases e passos da atividade estão reunidos no guião (Apêndice IV).

8. Descrição e análise dos resultados das atividades didáticas

Neste ponto iremos descrever e analisar as atividades realizadas entre os dias 10 e 20 de Maio de 2016 com turmas do 4.º ano de ensino da Escola Básica da Sé.

As atividades realizadas no interior do Palácio dos Biscainhos foram registadas via audio, enquanto a atividade direcionada para o jardim do museu foi registada manualmente de forma minuciosa e descritiva imediatamente após a sua conclusão. As transcrições das três atividades estão em Apêndice (II.II; III.I; IV:IV.). É de referir

³⁵ *Peddy-paper in Wikipédia*. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peddy-paper>, consultado a 13 de março de 2016.

ainda que ao longo das descrições dos resultados serão apenas transcritas situações e participações que consideramos pertinentes para o enriquecimento do presente conteúdo.

A avaliação da atividade foi realizada em três formas distintas. Os monitores registaram-se oralmente, os educadores com inquéritos e as crianças através da observação, esta direta e livre.

A descrição que se seguirá terá os mesmos parâmetros organizacionais em todas as atividades. Em primeira instância será descrita a constituição física, a dinâmica comportamental e participativa da turma, e o número de acompanhantes; em segundo lugar, comparação entre os conteúdos programados no guião e o que realmente aconteceu, justificando e exemplificando a adição ou subtração de temas ou “passos”; e por último, as ilações finais de cada atividade, indicando se os objetivos foram cumpridos ou não, pontos a melhorar e/ou a alterar; e por último análise aos resultados dos inquéritos dos educadores.

8.1. *Vem Descobrir as Cores Barrocas – dia 10 de Maio de 2016*

A turma que participou nesta atividade era composta por 25 alunos, 10 meninos e 15 meninas com uma média de idades entre os 9 e os 11 anos. Foram acompanhados ao museu por dois adultos, a professora e uma auxiliar. O museu dispunha de um monitor. No âmbito comportamental a turma mostrou-se bastante participativa e ordeira, havendo apenas alguns momentos de desordem rapidamente dissipados. No geral mostraram-se interessados no tema, colocando questões e dando respostas do ponto de vista didático interessantes, o que possibilitou um bom ambiente e fluidez na atividade.

À chegada do grupo ao Palácio, arrumamos rapidamente os seus pertences, e de seguida, indicamos-lhes a escadaria do andar nobre para se sentarem. Enquanto a professora preenchia o termo de responsabilidade, abordamo-la de forma a confirmar o número de alunos e para averiguar se existia alguma questão pendente. Depois da burocracia, demos início à introdução da atividade junto das crianças.

Monitor (M): Boa tarde!

Crianças (C): Boa tarde!

M: Chamo-me Susana e vou-vos acompanhar nesta aventura pelo Museu! Quem já esteve aqui?

C: Eu! (a maioria da turma responde que não é a primeira vez que vêm ao Palácio dos Biscainhos, à exceção de duas crianças).

M: Muito bem! Então já são especialistas dos Biscainhos!- (Ap., II.II:XXIII)

Transcrevemos a apresentação do monitor com o intuito de apontar como um fator importante de aproximação entre as crianças e um “estranho”, o monitor. A partir deste momento a relação vertical, que eventualmente poderia existir foi-se esbatendo notavelmente no comportamento das crianças.

Depois de revistas as regras de comportamento num museu, encaminhámos os alunos para a observação dos quadros das salas do Estrado e sala de Música e de Jogo. É de notar que esta observação estava programada inicialmente para ser de carácter livre, no entanto, no seguimento da dinâmica da turma decidimos que seria uma opção mais “acertada” que a visita fosse orientada. Esta é uma das alterações no guião. Apesar de apontarmos aqui que o principal fator de troca do carácter da visita ser o desempenho da turma, notámos que, também no realizar das outras atividades, as crianças, dispersavam-se na observação. No sentido de fazer cumprir o tempo estabelecido, decidimos que a melhor opção seria alterar este aspeto no guião.

De seguida, o grupo foi encaminhado para o Salão Nobre, local onde se realizaria a atividade.

Deu-se início à atividade com as seguintes questões, “O que é Arte?” e “Já ouviram falar de Barroco?”. Estas perguntas permitem-nos entender a dinâmica do grupo, e moldar, a partir das suas respostas, a nossa abordagem e informação que passámos, tendo sempre em conta os objetivos que delineámos. Nesta turma apenas uma menina respondeu à primeira questão, dizendo que *É saber fazer alguma coisa* (Ap., II.II:XXII). Tentámos enquadrar esse “algo” em relação ao museu, colocando questões diversas, como por exemplo, se consideravam os azulejos como Arte, ou até o próprio Palácio. Obtivemos em ambas perguntas respostas positivas.

Em relação à segunda pergunta, várias crianças indicaram se tratar de um *estilo antigo*, um estilo que engloba *azulejos e pintura* (Ap., II.II:XXIV-XXV). São respostas do ponto de vista didático interessantes. Demonstram atenção e algum conhecimento em relação ao tema.

No seguimento da atividade analisámos conjuntamente os quadros que as crianças observaram ao longo das salas. Essa análise foi acompanhada por uma apresentação em *PowerPoint*³⁶ com as respetivas imagens. No sentido de interpretar os quadros, colocámos questões como *O que vos chamou atenção nas pinturas que estiveram a ver?*, ou *Vocês acham que as imagens são realistas?*, ou *O que acham que os artistas na “altura” pintavam mais?* Em resposta à primeira pergunta, muitas crianças responderam *coloridas e pessoas*; na segunda questão consideraram se tratar de quadros realistas; e por fim, em resposta à terceira questão, as crianças responderam *pessoas, reis, rainhas, duques, duquesas e pessoas importantes* (Ap., II.II:XXV). Estas respostas evidenciam qual o foque das crianças nas pinturas, o nosso objetivo é realçar outros aspetos menos óbvios na sua perspetiva. No sentido de exemplificar as temáticas representadas no período barroco elegemos cinco quadros do museu. A primeira imagem apresentada foi um retrato de *D. João V*. As crianças, sem hesitar, apontaram como sendo o Marquês de Pombal. Referimos esta resposta, que apesar de incorreta, demonstra o interesse da turma, e também, por tratar-se de um bom exemplo de como proceder nestas situações. É importante repetir as respostas em voz alta, mesmo que incorretas, pois oferece-nos uma oportunidade de refletir em grupo. Como aconselhamos no guião as respostas só serão dadas pelo monitor quando não existe outra opção. Apesar de encaminharmos e constataremos as melhores opções na teoria, na prática, devido a diversos fatores, como o tempo disponível ou o grupo, muitas vezes não é exequível e indicamos imediatamente a resposta. Como por exemplo, no diapositivo com a pintura de *Cleópatra* em representação do exótico, as crianças não reagiram ao conceito. Não sabiam do que se tratava.

³⁶ Apêndice II.I.

Monitor (M): Este quadro representa o exótico. Sabem o que é?

Crianças (C): Não

M: Representa algo que não é da nossa época nem da época do pintor, é de um período longínquo e terras longínquas.

(...) – (Ap., II.II:XXVI)

Nesta situação tivemos que indicar a resposta e acrescentar informação que não estava programada inicialmente, e que consideramos pertinente colocar no guião.

No diapositivo seguinte exibimos um quadro de *Naturezas Mortas* da sala do Estrado. A primeira constatação dos alunos foi *Naturezas mortas?*. O termo fazia-lhes confusão devido às cores e as próprias flores representadas. Respondemos-lhes que *Sim, porque apesar de estarem ali “vivas”, bonitas com cores alegres, estão mortas. Já foram cortadas* (Ap., II.II:XXVII). Para além da explicação do termo, induzimos as crianças a pensar sobre a importância das cores e no que elas transmitiam, perguntando-lhes *Dos quadros que aqui viram, acham que o pintor estava triste ou contente?*. Não houve consenso, algumas crianças responderam que *Feliz*, outros que *Triste*.

De forma a aprofundar o tema e dar início aos slides, perguntámos se as crianças achavam que as cores comunicavam com as pessoas. Apenas duas meninas responderam que sim, mas sem desenvolver. Durante a apresentação dos nove diapositivos com a simbologia das cores, relevamos apenas duas situações. A primeira deve-se à simbologia da cor branca.

M: Por exemplo o branco, o que transmite?

C: Paz

Amor (disse um menino)

M: Amor?

C: Amor é o vermelho! (correção da turma ao colega) - (Ap., II.II:XXVII)

Interessante apontar a correção imediata da turma ao colega, provando mais uma vez a atenção do grupo ao pormenor. Exemplo disso mesmo é a pergunta que uma menina coloca *Porque é que todos os quadros têm preto?* - (Ap., II.II:XXVIII)

Consideramos uma observação pertinente e assertiva revelando também que programámos uma atividade interessante e adaptada à ótica das crianças, apresentando-lhes informações que lhes despertaram interesse e que lhes levaram a colocar a questões.

Dos 20 minutos programados para a componente teórica, já haviam passado 12. Notámos que o nível de atenção das crianças diminuiu e que é necessário avançar rapidamente.

No tempo que dispúnhamos restavam-nos abordar três temáticas. A primeira remete-nos para a distinção entre cores quentes e frias e a sua utilização nas pinturas. Colocámos na apresentação do *PowerPoint* como exemplo para análise o quadro de *Naturezas Mortas com Puttis e Animais*. Neste quadro o ponto de fuga situa-se no lado superior esquerdo. Propusemos-lhes que olhassem para o quadro e indicassem qual o ponto que lhes chamava mais atenção. Constatámos que não lhes era claro ao que nos estávamos a referir. Como podemos atestar na transcrição abaixo.

M: Para onde olham em primeiro lugar neste quadro?

C: Para cima...

Para o meio... - (Ap., II.II:XXX)

Depois de lhes perguntarmos o porquê dos locais que indicaram, responderam que era por causa das pessoas (os *puttis*). No sentido de lhes explicar o porquê de olharmos para um determinado local referimos apenas as cores escuras. Como poderão verificar na transcrição abaixo.

M: É uma boa razão, mas não é por isso. Ninguém sabe?

Onde estão as cores escuras?

C (um menino): As cores mais escuras estão em baixo

M: E as mais claras?

C: Em cima

M: E acham que o artista fez de propósito ou foi à sorte?

C: Propositado! - (Ap., II.II:XXX)

Depois de explicarmos a razão e de lhes indicarmos que se tratava de uma técnica de pintura, as crianças ficaram maravilhadas por saber que tinham aprendido técnicas de artistas sem se aperceberem. O que nos leva à última temática antes da componente prática, a produção de tintas na época. O nosso objetivo ao falarmos desta temática era o de salientar que os processos e os materiais da época não são os mesmos que os atuais. Sem partir para uma descrição detalhada do processo de manufatura de tintas, decidimos acentuar apenas que os artistas eram os próprios artesãos e que não partilhavam as suas “receitas”. As crianças acharam o assunto fascinante.

Em jeito de conclusão, e antes de iniciarmos a demonstração da técnica de fazer tinta manualmente com giz e cola branca, fizemos uma pequena revisão do que falámos. As crianças neste momento ainda não conseguem responder sem a nossa ajuda, como poderão comprovar de seguida.

M: Vamos rever o que aqui estivemos a falar.

Na pintura barroca os principais temas são...

C: Retratos

M: Mais?

C: (...)

M: Naturezas mortas

Exóticos

E um que é muito importante, a Re...

C: Religião!

M: Muito bem! E em relação às cores?

C: Cores quentes e cores frias!

M: E quem fazia as tintas?

C: Os artistas! - (Ap., II.II:XXXI-XXXII)

Após a revisão, pedimos ajuda a dois voluntários para proceder à demonstração da técnica de fazer tintas. A generalidade da turma ofereceu-se automaticamente. Todos os passos foram elaborados pelas crianças que seguiam atentamente as nossas indicações e tudo isto num silêncio perturbado apenas pelo pilão a esmagar o giz no almofariz. Este processo foi meramente demonstrativo, as tintas resultantes não tinham as quantidades de componentes corretas, não podendo assim ser utilizadas.

Concluída a demonstração, os alunos dispuseram-se ao redor do papel cenário para iniciarem a coloração. Dois voluntários ajudaram a colocar fita-cola nas extremidades do papel para o prender, enquanto outros dois colegas distribuíam os pincéis pelos seus colegas e as caixas que continham os boiões de iogurte com as tintas guache (três caixas de papel plastificadas).

Durante a coloração, devido ao tamanho do papel em relação ao número de alunos, não foi possível todas as crianças pintarem ao mesmo tempo. Criaram-se dois grupos distintos, os que estavam a pintar e os que estavam a aguardar. Para além disso, as crianças demonstraram interesse pela técnica de fazer tinta, o que não estava previsto no guião. A nossa atenção teve que ser distribuída pelas crianças na coloração da pintura, as que aguardavam e, ao mesmo tempo, pelas crianças que estavam a fazer tinta. Apesar de ser só um o monitor responsável do museu, a atividade ocorreu sem interrupções e acidentes. No guião que elaborámos, estava previsto deixar um espaço no papel cenário reservado para a escrita, pelas crianças, das características que haviam aprendido e o seu nome. No entanto, apesar das advertências, continuaram a pintar. Essa revisão de conteúdos fez-se verbalmente, e é de referir que nomearam as características com alguma fluidez, mas claro, sem descartar da nossa ajuda.

Concluindo, existem algumas notas a nível de conteúdo a alterar, nomeadamente o significado de “Barroco”, que apesar de termos planeado transmitir o seu significado literal e aplicado à Arte, após contracenarmos com as crianças, apercebemo-nos que não lhes iria fazer sentido e decidimos retirar do guião. Substituindo apenas pela indicação de que se trata de um estilo artístico. Outra questão foi o surgimento de duas “estações” – elaboração de tintas e a de espera – que apesar de não estarem programadas resultaram muito bem, criando diferentes situações de aprendizagem. Foi-nos proposto pela professora que aumentássemos o papel ou disponibilizássemos dois em vez de um, no entanto consideramos que a melhor opção é manter as duas estações e aumentar sim, o número de monitores quando o número de participantes se revelar necessário, de almofarizes e os materiais subjacentes ao processo de manufatura de tintas. Esta informação encontra-se registada no inquérito (Anexo V.I) realizado no dia à professora, que avaliou-nos numa escala de 1 a 5, 5 quanto à nossa abordagem em estilo de conversa e perguntas em “aberto”, 5 na clareza de discurso para a faixa etária, e 5 na duração da atividade. Respondeu também que considera estas iniciativas importantes para a formação das crianças e que voltaria a participar em atividades deste género,

apesar de não ter sido a primeira vez neste contexto. Ainda na ótica da educadora, na questão “Considera que as crianças apreenderam o que lhes foi transmitido?”, aponta o nível 4.

E por fim queremos apenas fazer uma nota em relação à duração da atividade. Apesar de a termos programado para 60 minutos, ocorreu em 70 minutos, o que neste caso não suscitou problemas pois a “baliza de tempo” disponível era superior ao tempo gasto, acabando 20 minutos antes da hora indicada pela educadora. O passo que resultou nesses 10 minutos de atraso, foram os 15 minutos a mais que disponibilizamos para que todas as crianças pudessem pintar. Uma forma de colmatar esse atraso é disponibilizar dois a três almofarizes em vez de um, evitando assim uma fila para a produção de tintas.

Segundo a nossa avaliação consideramos que atingimos os objetivos que traçamos, com exceção da explicitação do significado de “Barroco”, que como referimos anteriormente não lhes iria fazer sentido. Para colmatar essa falha, patente em todas as atividades como poderão comprovar, decidimos apenas indicar as características da arte, acrescentando assim ao guião, os conceitos “dinâmico” e “exótico” ao ponto “Conceitos a transmitir”.

8.2. Azulejos com Memória nos Biscainhos – dia 11 de Maio de 2016

Nesta atividade participaram 23 crianças, 14 meninas e 9 meninos, com uma média de idades entre os 9 e os 11 anos. Foram acompanhados por uma professora e uma auxiliar da escola. O museu dispunha de um monitor.

Equiparando os três grupos, este foi o que menos participou, participando em média, uma a três crianças por questão. O seu comportamento era muito controlado. Um pormenor interessante de apontar é que todas as crianças colocavam sempre a mão no ar e aguardavam que os chamássemos antes de responder. Este comportamento foi-se esbatendo ao longo do jogo, resultando numa maior dinâmica comunicativa. Contudo, mostraram-se interessados e atentos na informação que lhes era transmitida.

A turma chegou apenas com alguns minutos de atraso. Depois de arrumar os seus pertences, formaram uma fila indiana no ale de entrada e aguardaram. A professora

depois de assinar o termo de responsabilidade e confirmar o número de alunos, salientou apenas o facto de que uma criança teria que permanecer com o chapéu na cabeça durante a atividade devido a uma doença. Tal situação não suscitou nenhum problema. De seguida demos início à atividade.

No ale de entrada, depois da apresentação e revistas as regras de comportamento num museu, revelámos o que viriam fazer ao Palácio. Foi-lhes pedido que na subida para o andar nobre observassem com muita atenção as figuras representadas nos painéis. Depois de alguns minutos na escadaria, encaminhámos as crianças para o Salão Nobre, local onde se realizaria a atividade. Nesta sala procedemos da mesma forma.

Após alguns momentos de observação, as crianças começaram a conversar entre si, o que indicou-nos que estaria na altura de dar início à análise dos azulejos. *O que acham destes azulejos? Qual é a primeira palavra que vos vem à cabeça quando os vêem?* Estas questões em estilo aberto como já referimos anteriormente fazem parte do “leque” interpretativo à “bagagem cultural” das crianças. As respostas que nos indicaram foram *Azulejos* e *História*, e numa segunda abordagem *Arte Barroca* (Ap., III.I:XLVII). Percebemos que não foram respostas pensadas, diríamos até que seriam automáticas. A palavra “Barroco” ao longo da atividade foi indicada em diversas situações. Esta situação será possivelmente fruto das diversas visitas ao Museu guiadas pela Dr.^a Margarida, responsável pelo Serviço Educativo, e a sua preocupação em assegurar que as crianças relacionem o estilo artístico ao Palácio.

No sentido de analisar pormenorizadamente as figuras nos azulejos demos início a uma longa lista de questões. A primeira, apesar de já nos terem indicado que se tratava de arte barroca, o que sugere outra época, formulamos outras questões para os fazer pensar no que realmente responderam, como poderão confirmar de seguida.

M: E então o que é que está aqui desenhado? O que está representado?

C: Os tempos antigos

M: Sim, mas estas figuras que aqui estão, acham que são dos nossos tempos?

C: Não

M: E como conseguem ver que não?

C: (...)

M: Acham que ando assim vestida?

C: Não

M: Muito bem. Então representa o quê?

C: O barroco - (Ap., III.I:XLVII)

Como constataram, quando especificamos o que nos respondem, não conseguem seguir a linha de pensamento que protagonizaram. Este foi um dos pontos que mais notamos neste grupo. Sempre que possível tentámos aprofundar e dissipar essas respostas “automáticas”, porém, devido ao tempo e também à fluidez da atividade, nem sempre foi exequível.

De seguida abordámos os materiais, a técnica de cozedura e o significado de azulejo. É interessante apontar que a primeira resposta que indicaram quanto à constituição do azulejo foi que era de vidro, só depois uma criança sussurrou “barro”. O que nos levou à pergunta seguinte, se sabiam qual o processo para fazer os azulejos “brilharem”. Apesar de já terem participado em duas oficinas, segundo a professora, em outras instituições, relacionadas com o tema, a turma não soube responder, o que nos levou, mais uma vez, a indicar a resposta. O “papel” que havíamos designado para o orador, ou seja, o de monitor, foi muitas vezes desafiado com este grupo. Devido à falta de participação e o silêncio comedido, também a nossa participação foi prejudicada, caindo muitas vezes no erro de acelerar o “processo” o que comprometeu a passagem de informação de uma forma concisa. Depois de explicarmos sinteticamente o processo de cozedura, perguntámos se sabiam o significado de “azulejo”. O grupo não se pronunciou.

De forma a dinamizar a sua participação, e conforme programado, pedimos ajuda de um voluntário. Apenas duas crianças do sexo masculino se voluntariaram. Esta ajuda consistia em apontar nos azulejos características culturais da época, como os transportes, atividades de deleite, arquitetura, trajes e práticas sociais. Numa primeira instância solicitámos apenas a ajuda de uma criança. Esta primeira participação não suscitou grandes dúvidas, todas as questões que colocámos foram respondidas corretamente. O segundo voluntário demonstrou alguma dificuldade em apontar as imagens que pedimos. Para fazer face a esta situação, solicitamos a ajuda dos restantes colegas. Como comprova a seguinte transcrição.

M: E agora quero que me ajudes a encontrar um casal a andar a cavalo e com “espadas”.

(O menino não conseguiu encontrar, pedimos ajuda aos seus colegas. Todas as crianças levantaram-se e procuraram o casal. Quem encontrou foi uma menina.

Deslocaram-se todos para junto do painel). - (Ap., III.I:XLIX-L)

Das perguntas que colocámos, salientámos esta, por ser um aspeto que lhes suscitou interesse e onde demonstraram grande satisfação em descobrir, como também por ser um pormenor tão pequeno.

M: E como acham que sabemos que é uma dama aqui a cavalgar?

C: Por causa dos pés

M: Muito bem. Como é que as senhoras andavam a cavalo?

C: Com os pés de lado. - (Ap., III.I:L)

A imagem em questão apresenta pormenores interessantes mas difíceis de apontar, o que demonstra a atenção aos detalhes. É importante referir estes pormenores porque demonstram que conseguimos elaborar uma atividade interessante na ótica das crianças, o que por si só, consideramos ser uma vitória, pois os azulejos são uma temática interessante mas difícil de trabalhar para faixas etárias tão novas. Seguidamente, as crianças regressaram aos tapetes para prosseguirmos a componente teórica. Do tempo que havíamos delineado para a primeira parte da atividade, cerca de 20 minutos, passaram 6. Fazemos aqui esta referência devido à “quantidade” participativa das crianças porque foi esse o principal mediador. Apesar de nos restar 14 minutos do tempo previsto para concluir a apresentação, decidimos que seria melhor avançar rapidamente com as restantes temáticas. Um último aspeto a apontar antes de prosseguirmos com a descrição, é que ao contrário das outras atividades, a ordem temática do guião não foi rigorosa, avançámos e explorámos a maioria das temáticas por uma lógica diferente. Neste momento resta-nos abordar a importância dos azulejos para a nossa época e no nosso país, a sua origem, a questão da predominância da cor azul e a representação do exótico.

Para entendermos a importância que atribuíam aos azulejos colocámos a seguinte questão:

M: O que falei com vocês aqui foi o que se passava antigamente, certo?

C: Sim

M: Acham que os azulejos são importantes para nós?

C: Sim

M: Porquê?

C: Para aprendermos mais - (Ap., III.I:L)

Esta resposta é muito importante para o nosso projeto, demonstra que têm consciência do que está retratado e que se trata de uma fonte para conhecer o passado. De seguida procuramos saber se sabiam a origem desta Arte. Ficámos satisfeitos por notar que tinham a noção de se tratar de uma arte de origem árabe. Com esta questão era nosso intuito aprofundar as características do azulejo português, no entanto, a reação das crianças não o permitiu, ficando-nos apenas pela explicação do porquê da predominância da cor azul em Portugal. Esta explanação evidenciou que o termo “cerâmica” não lhes era conhecido, sendo assim necessário acrescentar à lista de conceitos a transmitir.

De forma a explorar a temática da predominância da cor azul, perguntámos se na época achavam que existiria apenas a cor azul ou se seria uma questão de gosto. Responderam-nos imediatamente que não existiam outras cores. Depois de insistirmos com mais questões de forma a demonstrar que não era essa a resposta correta, obtivemos uma observação, apesar de errada, muito perspicaz que passamos a transcrever.

(...)

M: Então?

C (um menino): Porque antigamente a bandeira de Portugal era quase toda azul

M: Bela associação, mas não é a resposta correta - (Ap., III.I:LI)

Esta resposta evidencia um aspeto importante que faz parte dos nossos objetivos neste projeto, promover e desenvolver o sentido de observação, curiosidade e iniciativa.

No seguimento da explicação, tentámos relacionar com objetos que lhes são conhecidos, como a loiça chinesa, peças tipicamente comuns nas casas portuguesas. Constatámos que não reconheciam este tipo de loiça, no entanto depois de insistirmos e referirmos *jarras* e *pratos chineses*, uma criança respondeu *Azul*. Partimos desta resposta para explicar que se tratava de uma questão de gosto da época e não de técnica.

Para finalizar esta primeira parte da atividade, procurámos saber se as crianças não tinham reparado em imagens “estranhas” nos azulejos. Foi assim que apelidámos o conjunto exótico³⁷ representado no centro da escadaria. Utilizámos este exemplo para fazer referência ao exótico, termo que mais uma vez mostrou-se de difícil compreensão. Para que não fosse necessário as crianças deslocarem-se novamente para a escadaria, colocámos duas imagens impressas representativas desse conjunto a passar pela turma. Não se manifestaram em relação ao conjunto, com a exceção de um menino, que indicou já ter visto estas imagens na *missa*. Tentámos perceber onde e o que tinha visto, mas não desenvolveu. Concluímos a componente teórica com a indicação de que o azulejo português tem a peculiaridade de misturar temáticas reais com temáticas exóticas e mitológicas. Este último termo mostrou-se também de difícil perceção. Para os fazer entender de uma forma simples e rápida, mencionámos o filme da Disney o *Hércules*, para fazer referência aos deuses lá representados. Mais uma vez não obtivemos reação.

Esta foi a conclusão da primeira etapa da atividade antes do jogo. Dos 20 minutos que havíamos planeado, apenas 10 foram utilizados. O passo seguinte foi o sorteio das equipas e revisão das regras do jogo. As crianças já estavam familiarizadas, no entanto, como introduzimos regras para fazer face aos nossos objetivos, explicámos que teriam que responder a questões acerca do que tinham aprendido para que o grupo pudesse ganhar a hipótese de ver as cartas.

As crianças neste momento já estão sentadas em equipas à volta do painel do jogo disposto no centro da carpete. Inicialmente estava previsto o jogo ficar disposto num cavalete, porém, para criar um ambiente mais intimista decidimos colocar no chão, no centro das crianças, também para facilitar a visão das cartas por todos.

³⁷ Anexo III, figura 5.

Havíamos programado uma lista com 30 perguntas. Este número foi pensado em relação aos 5 grupos, ficando cada um com 6 perguntas. Contudo não foram suficientes. No decorrer do jogo improvisámos 16 perguntas, e das 30, não realizámos 6 porque a informação não foi abordada durante a parte teórica da atividade. O jogo decorreu dentro do tempo previsto sem grandes percalços. Ao longo das perguntas e da viragem de cartas tivemos que chamar várias vezes atenção para memorizarem a posição e as imagens pois apenas estavam a fazer um gesto mecânico sem interiorizar o que estavam a ver. Para além deste reparo notámos que a participação continuava “presa”. Tentámos alterar esse comportamento indicando o tempo de jogo. Essa indicação resultava em euforia, não por quererem terminar rapidamente o jogo, mas por faltar pouco tempo para o concluir, como podem comprovar de seguida.

Para além das perguntas improvisadas tivemos que introduzir uma regra que não estava prevista. Esta regra permitia aos grupos, mesmo não respondendo corretamente, ver uma carta, dinamizando assim o tempo do jogo e abrangendo um maior número de cartas em menos tempo. O jogo teve a duração prevista – 35 minutos. No final do jogo a pontuação foi a seguinte, equipa laranja, equipa amarela e a equipa verde ficaram empatados com 3 pares cada. As restantes equipas, a azul e a preta, conseguiram 2 e 1 par respetivamente. Para concluir a “maré de imprevistos”, tivemos que engendrar um jogo para desempate. Este jogo consistia na seleção de uma imagem nos painéis pelas crianças para que os seus colegas, das equipas vencedoras, descobrissem. Quem achasse em primeiro lugar ganhava o jogo. Para dar seguimento à atividade de desempate, reunimos as crianças de todas as equipas, elegemos três voluntários das equipas vencedoras e encaminhámo-los para a sala de entrada junto ao Salão Nobre. De seguida, as crianças elegeram uma figura nos azulejos. A equipa vencedora foi a equipa laranja. Depois deste momento mais descontraído, instalou-se por momentos alguma tensão entre as crianças. Uma menina foi acusada de fazer batota mantendo-se junto à imagem selecionada. Alguns meninos trocaram acusações e a menina em causa começou a chorar. Tentamos atenuar a situação mudando de assunto e pedindo às crianças para se sentarem para receberem os diplomas de participação. Com a indicação de que todos iriam receber diplomas, o ambiente acalmou e prosseguiu-se a atividade normalmente.

Em jeito de conclusão, num momento mais relaxado, conversámos com as crianças para perceber se tinham gostado da atividade, ao que estas reponderam vivamente que sim. Após a entrega dos diplomas, agradecemos à professora pela

disponibilidade, acompanhamos as crianças às casas de banho e ajudamo-las a recolher os seus bens, dando assim por terminada a atividade. Esta teve a duração de 65 minutos ao contrário dos previstos 90.

Em inferência, seguindo a mesma linha da atividade anterior, existem pontos a melhorar. Dos termos que utilizámos na atividade existem alguns que fomos apontando ao longo da descrição que não fazem sentido na cabeça das crianças, como é o exemplo do significado de “barroco”, que também aqui não foi aprofundado; o termo “cerâmica”, que apesar de terem a noção do que se tratam os objetos não associam imediatamente à palavra; o “exótico” mais uma vez; e por fim o “mitológico”, aqui rapidamente demovido após a referência do filme de animação *Hércules*. Estas dúvidas são fáceis de perceber nas faces das crianças quando não estão a entender, é preciso apenas alguma sensibilidade e lembrar que um dia já estivemos naquela posição e o quão difícil é colocar perguntas diante dos colegas.

Outra questão a ter em conta, que estava planeada no guião mas que não indicámos às crianças, foram algumas características dos azulejos, nomeadamente o seu estatuto teatral, as molduras exuberantes, numeração de todas as temáticas da azulejaria da época, e a riqueza ornamental. Depois de falarmos com este grupo particularmente consideramos que seria demasiada informação. No entanto é necessário salientar, mais uma vez, que a participação deste grupo foi desafiante, e que equiparando as duas turmas descritas, se o nível de participação fosse o mesmo em ambas, possivelmente a atividade teria tido outro rumo. Seria necessário realizar mais vezes e com diferentes turmas, de forma a ter uma opinião mais assertiva, todavia consideramos pertinente as informações que indicámos. Em última análise, quanto ao conteúdo programado e ao proferido, são as características do azulejo português, que infelizmente não foram todas indicadas, com exceção da preferência da cor azul.

Quanto à componente prática, temos a apontar algumas situações. A primeira corresponde ao número de imagens em jogo, inicialmente seriam 19, mas apenas colocámos 17 devido à qualidade de impressão de duas delas. Quanto ao número ser ímpar, em ambas as situações, foi propositado para evitar empates o que neste caso não foi evitado. A segunda situação prende-se com o número de perguntas realizadas. Com esta turma foram realizadas 46 perguntas, mas numa situação diferente, possivelmente seriam muitas mais, o que implica que o monitor seja uma pessoa comunicativa e preparada para o imprevisto. Em terceira e última análise, consideramos que seria

interessante acrescentar um cronómetro com campainha para pautar o jogo, pois verificámos que a participação das crianças intensificava-se depois de indicarmos o tempo, criando assim um ambiente mais competitivo e por sua vez, mais concentrado e assertivo.

Por fim resta-nos acrescentar ao guião o jogo de desempate programado de improviso.

Quanto ao questionário entregue à professora (Anexo V.II), indica-nos que foi a primeira vez que deslocou-se ao Palácio com este propósito. Avaliou-nos em 5 quanto ao discurso utilizado, 5 na abordagem às crianças, 5 na duração da atividade e 5 na apreensão do que foi transmitido pelas crianças. Nas observações indicou estar *tudo bem organizado*, e considera importante existirem este tipo de projetos na formação das crianças indicando que voltaria a participar.

8.3. Biscainhos, um Jardim a Descobrir – dia 20 de Maio de 2016

Esta atividade iria realizar-se no dia 12 de Maio, mas devido às condições meteorológicas foi adiada para o dia 20 do mesmo mês por decisão da professora, apesar de termos indicado a existência de um Plano B³⁸, que consistia numa apresentação em PowerPoint seguida de um jogo de cartas.

Nesta terceira e última atividade participaram 24 crianças, 16 meninas e 8 meninos. Sendo uma atividade física e cientes do que iriam fazer, a atenção das crianças foi difícil de manter, no entanto com a ajuda da professora e auxiliar da escola não apontamos grandes atrasos. Para além dos responsáveis da escola que referimos, a equipa do museu era composta por 4 monitores. Foi a única atividade que recorreu a mais do que um monitor de forma a suprir as necessidades espaciais do jogo.

O interesse evidente das crianças pela atividade prendia-se não pela informação que iriam receber, mas sim, pela “caça ao tesouro”. Porém esse interesse e excitação não influenciaram negativamente o seu comportamento, suscitando apenas alguns momentos mais descontraídos do que o previsto.

³⁸ Plano B encontra-se anexo ao Guião da presente atividade (Apêndice IV.).

A sua chegada estava prevista para as 10h, porém chegaram com 15 minutos de antecedência. A dinâmica de receção deste grupo foi diferente das restantes atividades. Em primeiro lugar, não houve necessidade de arrumar os pertences das crianças porque a professora seguiu as nossas recomendações e indicou às crianças o uso de roupa confortável e prática; um segundo ponto a mencionar, foi a relutância da professora em assinar o termo de responsabilidade, o que só assinou, após a formação das equipas; e por fim, em vez da receção das crianças ocorrer no alé de entrada do Palácio, ocorreu no terreiro do jardim onde os monitores e os materiais necessários à atividade já se encontravam.

Já no jardim procedemos à introdução da atividade. A participação das crianças neste momento foi por vezes “atropelada” e confusa, não era-nos fácil perceber ou guiar. Foi o momento de maior distração durante a atividade. No entanto não consideramos essa “excitação” necessariamente negativa, só demonstra a aceitação e interesse das crianças perante a atividade programada.

Depois da leitura das fichas exploratórias³⁹, revemos as regras do jogo. As crianças já queriam iniciar o jogo mesmo sem saberem as regras. Passamos a transcrever:

M: Vamos só rever o que têm de fazer mais uma vez. Alguém quer me ajudar?

C: Vamos procurar pistas no jardim!

M: De quê?

C: Das adivinhas

M: E o que têm de fazer quando encontram essas pistas?

C: (...) - (Ap., IV.IV:LXXXIV)

A pressa evidente em começar o jogo resultou no contrário. Após uma rápida revisão das regras, atribuímos as equipas aos monitores e indicamos o tempo de início de jogo, que começaria dali a 3 minutos, às 10h05. A disposição das equipas foi a seguinte, a equipa amarela, guiada pela dona Rosa, começaria junto ao Pombal no terreiro do jardim; a equipa azul junto do portão principal para o jardim formal com a dona Fernanda; a equipa preta dirigida pela estagiária Beatriz iniciaria junto da casa

³⁹ Ficha exploratória em Apêndice IV.II.

tumular no terceiro nível do jardim; e por fim, as equipas laranja e verde fizeram-se acompanhar pela investigadora para o segundo nível do jardim, junto da estátua de São João Baptista e laranjeiras no lado contrário respetivamente. É de referir que mal as crianças chegaram ao local estipulado, a estátua, viram logo o envelope com a resposta. Apesar desse “contratempo”, a equipa verde permaneceu no local, e a laranja foi direcionada para o lado oposto do jardim, as laranjeiras. Neste momento já estávamos dentro do tempo de jogo estipulado contudo este é um ponto a alterar futuramente, pois não nos é possível saber se todos os grupos começaram ao mesmo tempo. Para colmatar esse aspeto futuramente uma vuvuzela, ou um objeto com a mesma capacidade de som, seria uma boa opção para marcar o início do jogo.

Como indicamos anteriormente, o jogo é de natureza livre, não compete aos monitores acompanhar as crianças pelo jardim. Porém esse ponto junto das monitoras Rosa e Fernanda não ficou explícito e tivemos que intervir. Após a elucidação de que teriam que permanecer apenas nos níveis do jardim que lhes foram atribuídos e assistir apenas quando solicitadas pelas crianças, não surgiram mais problemas.

Haviam passado 15 minutos de jogo quando notámos que muitos dos grupos já tinham em média 6 a 7 respostas das adivinhas. Esta situação deveu-se essencialmente ao conhecimento prévio das crianças acerca do jardim. Devido a esta situação decidimos encurtar o tempo de jogo de 50 para 35 minutos.

A 10 minutos do final do jogo constatámos que a equipa laranja julgava ter reunido todas as respostas. Quando os abordámos disseram já ter as 12 respostas. Após os informarmos que eram 15, ficaram surpreendidos e partiram à descoberta das seguintes. Esta questão deveu-se essencialmente à distração por parte deste grupo, mas também alertou-nos para a seguinte situação, que as crianças não estavam a ler com atenção as adivinhas.

No final do tempo regulamentar apenas uma equipa havia todas as 15 respostas recolhidas. A equipa preta era a grande vencedora. Dado por terminado o jogo, reunimos todos os participantes no terreiro e anunciámos qual a equipa vencedora. Esta vitória para a equipa laranja não foi considerada justa porque segundo eles, e passamos a transcrever:

M: Muito bem! A equipa preta foi a grande vencedora!

C (um menina da equipa laranja): Mas eles fizeram batota! Andaram sempre atrás de nós.

M: O jogo é assim, daí terem começado em lugares diferentes para os vossos colegas não verem a posição das cartas. Mas não fiquem chateados. É só um jogo.

Da próxima vez ganham. - (Ap., IV.IV:LXXXVI)

Após a indicação de que todos receberiam diplomas de participação o ambiente acalmou. Neste momento damos início à confirmação do número de respostas de cada grupo, para tal convidámos um voluntário de cada equipa a trazer as legendas que recolheram para junto dos monitores, e de seguida procedeu-se à confirmação e leitura das mesmas. A leitura faz-se da seguinte forma, a investigadora lia as adivinhas e os voluntários, à vez, liam as respetivas respostas. Este método não foi o mais assertivo porque as crianças perdiam rapidamente a concentração na leitura dos seus colegas. Teria sido mais proveitoso se a leitura tivesse sido feita ao contrário, ou seja, as crianças liam as adivinhas, que são mais curtas, e o monitor as respostas. Este é um dos pontos a alterar no guião da atividade. Para além desta questão de como proceder as leituras, nas legendas, como foi comum em todas as atividades, houve a necessidade de explicitar alguns termos. O transversal “exótico”, explicado no início da atividade; o termo “dinâmico”, “excentricidade”, “místico”, “busto” e por último “pia”, que apesar de algumas crianças saberem do que se tratava, achámos que seria melhor citar, pois este é um termo comumente usado nos Açores enquanto no continente, “tanque” de lavar roupa, é o mais utilizado. Ao longo das atividades fomos referindo termos que não são de fácil compreensão para as crianças, no entanto mantivemos com o intuito de aumentar o seu vocabulário.

Após a leitura e análise das adivinhas, e respetivas respostas, procedeu-se à entrega dos diplomas de participação. Este momento foi de descontração e interesse por parte das crianças, para além da entrega aos alunos participantes, muitas crianças pediram para escrever os nomes dos pais e irmãos apesar de não estarem presentes. Os diplomas foram assinados por todos os monitores e carimbados com o símbolo do Museu dos Biscainhos.

Em sùmula e como tínhamos vindo a fazer nas outras atividades, conversámos com as crianças para perceber se tinham gostado da atividade e se voltariam a participar, ao que estas reponderam positivamente. Recolhemos o questionário da

professora, e por fim, para recordarmos o momento tirámos uma fotografia em grupo (Anexo IV, fig. 12). De seguida agradecemos uma vez mais à professora a disponibilidade e interesse no nosso projeto, organizámos as crianças e levámo-las à saída, dando assim por terminada a atividade.

Findada a atividade, apontámos alguns pontos a melhorar. Em primeiro lugar notámos que o tempo que havíamos destinado para a atividade, 90 minutos, é desnecessário, reduzindo para 70 minutos. Para tal redistribuímos o tempo da seguinte forma, os 15 minutos que estavam programados para receber as crianças, introduzi-las à atividade, formar as equipas e ler as adivinhas foi aumentado em 5 minutos; o passo seguinte, os 10 minutos reservados para uma visita livre ao jardim por parte das crianças deixou de existir, por consideramos desnecessário visto existirem imagens de auxílio; os 50 minutos de jogo foram reduzidos para 35 minutos, não só por ter sido este o tempo neste grupo, mas também por considerarmos 50 minutos “excessivos” para esta faixa etária; e por fim os últimos 15 minutos para a entrega dos diplomas de participação, confirmação das provas de resposta, leitura e análise das adivinhas e respostas e avaliação da atividade, consideramos serem insuficientes, aumentando assim para 20 minutos. Com este grupo em particular esta última etapa durou 30 minutos, mas com as alterações que introduzimos, nomeadamente no modo de proceder na leitura, consideramos exequível.

Nesta atividade a recolha de avaliação foi feita de três formas diferentes. A recolha da avaliação dos monitores foi oral, a das crianças como havíamos definido e realizado nas outras atividades foi livre, e por fim, o questionário à professora (Anexo V.III). Esta avaliou-nos em 5 no discurso utilizado, 5 na duração da atividade, 5 na apreensão de conhecimentos por parte das crianças e 5 na importância que atribui a estas iniciativas. Não respondeu à questão da abordagem utilizada nem fez qualquer observação. E por fim, considera importante a existência de iniciativas deste género para a educação das crianças.

Quanto à avaliação dos monitores, consideraram se tratar de uma atividade interessante e bem planeada, tanto no âmbito teórico como lúdico não apontando nenhuma melhoria na programática. Na opinião das crianças o jogo foi muito divertido, sendo apontado como o principal fator. Porém no final do jogo quiseram levar consigo as respostas das adivinhas como recordação.

Considerações Finais

A produção de atividades didáticas num ambiente museal compreende vários desafios e práticas assentes em diferentes áreas de investigação. Nesta perspetiva as nossas atividades basearam-se nas Ciências da Educação, nomeadamente Psicologia Educacional e Pedagogia Educacional. Dentro da área de Psicologia, Jean Piaget e a sua teoria de Estádios, relativamente ao desenvolvimento e modo de assimilação das crianças, surgem quase de imediato. Aplicámos os seus estudos no método de observação, organização e seleção teórica de cada atividade, assim como a forma de discurso.

Com o objetivo de salientar a relação entre o ensino formal e o não-formal, correlacionámos as duas *práxis*, assinalando na relação entre ambas os pontos comuns e no que diferem. Em primeiro lugar é importante referir a carência de informação em relação à educação em espaços que não o da escola, aparecendo muitas vezes o binómio escola-museu, e não o museu-escola. A dificuldade em encontrar informação específica do tema em foco levou-nos à leitura de textos expressivos do primeiro binómio. Essas leituras revelaram-se interessantes na construção do nosso “ideário” em relação à visão do educador/escola para com o museu/mediador. Em segundo lugar, com o objetivo de estabelecer atividades com propósitos educativos, mas que também fossem apelativas na ótica das crianças, definiu-se um diálogo em estilo de conversa, sem avaliação e obrigatoriedade, pautados ao ensino-formal. Este é um dos pontos que demarca e atrai a frequentação destes espaços/atividades, resultando num ambiente fluído e favorável à prática de ensino.

É tendo em mente estas leituras e o objetivo do presente trabalho, de incutir determinados conceitos da arte barroca nas crianças através do contato presencial e físico, que “nascem” as três atividades desenvolvidas no Museu dos Biscainhos. As temáticas selecionadas, Pintura, Azulejaria e Jardim correspondem a uma tentativa de abordar os diferentes espaços do Palácio como também de harmonizar com os prováveis “gostos” (na nossa ótica) das crianças que as frequentassem. A lógica organizativa é a mesma para as três. Depois de um momento de semblante teórico, culmina numa atividade prática, porém a atividade do Jardim a ordem é inversa.

Segundo a nossa avaliação consideramos que os objetivos expressos nas atividades foram atingidos. As crianças apreenderam o que lhes foi transmitido e mostraram-se bastante participativas e ativas na construção desse mesmo conhecimento. É importante referir que apesar de terem uma participação assídua ao Museu dos Biscainhos (Escola Básica Real da Sé), essa mesma participação não tinha incidido nas temáticas em foque. As crianças para além dos conhecimentos que já tinham da instituição saíram engrandecidas com um conjunto de novos conceitos para os ajudar na compreensão do meio em que vivem, pois não nos podemos esquecer que a cidade de Braga é considerada como o “palco” da Arte Barroca em Portugal.

Bibliografia

ALMEIDA, António (1998), *Visitas de Estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*, [s.l.]: Livros Horizonte, pp. 42-102.

Antigo sítio do Museu dos Biscainhos. Disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Historia/MostrarHistoria.aspx?IdPagina=172>.

azulejo, in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha], Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível no sítio <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/azulejo> (acedido a 21 de setembro de 2016).

CAINELLI, Marlene (2006), “Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental”, in *Educar, Curitiba, Especial*. [s.l.]: Universidade Federal do Paraná, pp. 57-72. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/571591/mod_resource/content/1/artigo%20Marlene.pdf (acedido a 5 de setembro de 2016).

Canva, *Designschool*, currículo de Rebecca Gross. Disponível em <https://designschool.canva.com/blog/author/rebecca/> (acedido a 8 de setembro de 2016).

CHAGAS, Mário (s.d.), “Museu, Literatura e Emoção de lidar”, in *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º19, Lisboa: Lusófona, pp.5-34. Disponível em <http://recil.lusofona.pt/bitstream/handle/10437/3819/museu.pdf?sequence=1> (acedido a 20 de setembro de 2016).

Citação de George Shaw retirada do sítio *BrainyQuote.com*. Disponível em <http://www.brainyquote.com/quotes/quotes/g/georgebern384892.html> (acedido a 22 de setembro de 2016).

CLARKE, Amanda; DODD, Jocelyn; HOOPER-GREENHILL, Eilean; O’RIAIN, Helen; SELFRIDGE, Llewela; SWIFT, Frazer (2002), *Learning through Culture. The DfES Museums and Galleries Education Programme: a guide to good practice*, Leicester: Universidade de Leicester. Disponível em <https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/rcmg/projects/learning-through-culture/Learning%20through%20Culture.pdf> (acedido a 20 de novembro de 2015).

CURY, Maria Xavier (2010), “Novas Perspectivas para a Comunicação Museológica e os Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus”, In *Actas do Primeiro Seminário de*

Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 269-279. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf> (acedido a 30 de dezembro de 2015). D'EÇA, Teresa de Almeida (coord.) (2005), *Museu dos Biscainhos. Roteiro*, Lisboa: Instituto Português de Museus.

DAVIES, Penelope J. E. (co-autor); ALBUQUERQUE, Maria João Nunes (col.); CONSTANTINO, M. Manuela Vieira (rev.) (2009), *A Nova História da Arte de Janson. A Tradição Ocidental*, 9.^a edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 675-803.

Desenho colorido de uma laranja. Disponível no sítio http://www.colorirgratis.com/colorir-de-laranjeira_338795.html (acedido a 20 de abril de 2016).

Desenho de Pandas a comer bambu. Disponível no sítio <http://www.aliexpress.com/item-img/High-Quality-New-Fresh-Nature-DIY-Wall-Sticker-Bamboo-Panda-Wall-Decal-Sticker-Wall-Art-Home/32565783197.html?spm=2114.10010308.0.52.jQw3cc#> (acedido a 20 de abril de 2016).

Desenho de um anjo tocador para colorir. Disponível no sítio <http://thegraphicsfairy.com/vintage-cupid-sketch/> (acedido a 20 de abril de 2016).

Desenho de uma pomba. Disponível no sítio <http://www.mamydzieci.pl/ikolorowanki/golab-pocztowy-do-druku/> (acedido a 20 de abril de 2016).

DESVALLÉES, André (dir.); MAIRESSE, François (dir.) (2013), *Conceitos-chave Museologia*. São Paulo: Armand Colin. Disponível em http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf (acedido a 19 de setembro de 2016).

didático in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível no sítio <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/didático> (acedido a 30 de agosto de 2016).

Direção-geral da Educação, Calendário Escolar do ano letivo de 2015-2016. Disponível em <http://www.dgeste.mec.pt/index.php/escolas/calendario-escolar/calendario-escolar-20142015/> (acedido a 20 de janeiro de 2016).

_____, Matriz curricular do 1.º Ciclo de Ensino. Disponível em <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>.

Fachada do Museu dos Biscainhos virada para o jardim. Imagem retirada do sítio DRCN. Disponível em <http://culturanorte.pt/pt/patrimonio/museu-dos-biscainhos/> (acedido a 20 de abril de 2016).

FERREIA, Inês (2014), “Objetos mediadores em museus”, *In MIDAS*, n.º4. Disponível em <http://midas.revues.org/676> (acedido a 18 de novembro de 2015).

Gazeta do Rossio (21 de setembro de 2015), “Braga volta à Época Barroca”, Braga. Disponível em <http://www.gazetadorossio.pt/braga-volta-a-epoca-barroca.html> (acedido a 20 de janeiro de 2016).

GROSS, Rebecca (20 de Junho de 2014), “The Importance of Taking Children to Museums”. Disponível em <https://www.arts.gov/art-works/2014/importance-taking-children-museums> (acedido a 17 de dezembro de 2015).

HEIN, George E. (1998), *Learning in the Museum*, [s.l.]: Routledge, pp.1-13. Disponível em <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic1025195.files/Introduction/Hein%201998%20Learning%20in%20the%20Museum.pdf> (acedido a 5 de setembro de 2016).

Igreja Santa Maria Madalena, imagem retirada do sítio *Wikipédia*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_de_Santa_Maria_Madalena-Braga.jpg (acedido a 20 de abril de 2016).

Imagem da Muralha da China para colorir. Disponível no sítio <http://essaseoutras.xpg.uol.com.br/desenhos-para-colorir-de-monumentos-online-torre-eifel-coliseu-etc/muralha-da-china-colorir/> (acedido a 20 de abril de 2016).

Imagem de uma águia para colorir. Disponível no sítio <http://www.papoativo.com/2013/05/desenho-de-aguia-para-colorir-e-imprimir.html> (acedido a 20 de abril de 2016).

Imagem representativa de uma horta. Fonte: Culturamix.com. Disponível em <http://flores.culturamix.com/dicas/o-que-se-deve-plantar-na-horta-a-cada-mes> (acedido a 20 de abril de 2016).

KAMIL, Constance; DEVRIES, Rheta (1978), *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: Sociocultur.

_____(1991), *Jogos em Grupo na educação infantil. Implicações da Teoria de Piaget*, São Paulo: Trajetória Cultural.

LIBÂNEO, José Carlos (2001), “Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas”. in *Educar*, n.º 17, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, pp. 153-176. Disponível em http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf (acedido a 27 de fevereiro de 2016).

lúdico in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível no sítio <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lúdico> (acedido a 30 de agosto de 2016).

MACHADO, Constança G. (1988), *Perspectivas Educacionais da Teoria de Jean Piaget*, Trabalho de síntese elaborado com vista às provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Évora: Universidade de Évora.

Mapa do Jardim de Versalhes retirado do sítio *ChateauVersailles*. Disponível em http://www.chateauversailles.fr/resources/pdf/fr/plans/domaine_2011.pdf (acedido a 20 de abril de 2016).

MARANDINO, Marta (org.) (2008), *Educação em Museus: a mediação em foco*, São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência/ Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008. Disponível em www.academia.edu/7869590/Educação_em_museus_a_mediação_em_foco (acedido a 24 de fevereiro de 2016).

MILHEIRO, Maria M. C. (2003), *Braga. A cidade e a festa no século XVIII*, Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade/ Instituto de Ciências Sociais/ Universidade do Minho. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/848/4/milheiro.pdf> (acedido a 20 de agosto de 2015).

Ministério de Educação, *Programa do 1.º Ciclo de Ensino Básico. Organização Curricular e Programas*. Ano letivo de 2015/2016. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Estudo_Meio/eb_em_programa_1c.pdf (acedido a 20 de outubro de 2015).

National Endowment for the Arts (NEA). Disponível em <https://www.arts.gov/about-nea> (acedido a 8 de setembro de 2016).

NOVAK, Joseph D.; GOWIN, D. Bob (1999), *Aprender a Aprender*, 2.ª ed., [s.l.]: PLÁTANO Edições e Técnicas.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2011), *André Soares e o Rococó do Minho*, Tese de Doutoramento em História de Arte, Vol.1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 18-54.

PAIS, Rita (2015), *Exposição e Estratégias de Comunicação do Museu Nacional do Azulejo*, Vol.1, Trabalho de Projeto apresentado para a obtenção de grau de Mestre em Museologia, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/18149/1/Exposi%C3%A7%C3%A3o%20e%20Estrat%C3%A9gias%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20no%20MNAz_Vol_I.pdf (acedido a 19 de setembro de 2016).

PASTOUREAU, Michel (1997), *Dicionário das Cores do Nosso Tempo. Simbólico e sociedade*, Lisboa: Editorial Estampa.

pedagogia in Michaels: Moderno dicionário da Língua Portuguesa (1998), São Paulo: Companhia de Melhoramentos, p.1577.

Peddy-paper in Wikipédia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peddy-paper> (acedido a 13 de março de 2016).

PEREIRA, José Fernandes (1992), *Arquitectura barroca em Portugal*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 103-181.

PINHEIRO, Maria do Rosário; REIS, Maria Amélia de Souza (Janeiro/Junho de 2009), “Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões”, *In MUSEOLOGIA e PATRIMÔNIO*, vol. II, n.º 1. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/44/24> (acedido a 27 de fevereiro de 2016).

PISCITELLI, Barbara; EVERETT, Michele; WEIER, Katrina; e QUT Museums Collaborative (2003), *Enhancing young children's museum experiences a manual for museum staff*. Disponível em <http://www.qm.qld.gov.au/~media/Documents/Learning%20resources/QMSB/Manuals/enhancing-childrens-museum-experiences.pdf> (acedido a 23 de dezembro de 2015).

Pormenor do altar da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência (Rio de Janeiro, Brasil), imagem retirada do sítio *Wikipédia*. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rio-Igreja-Penitencia4-5.jpg> (acedido a 20 de abril de 2016).

PRÄSS, Alberto Ricardo (Maio de 2012), *Teorias de Aprendizagem*, [s.l.]: ScriniaLibris.com. Disponível em http://www.fisica.net/monografias/Teorias_de_Aprendizagem.pdf (acedido a 21 de fevereiro de 2016).

RIBEIRO, Joana Ameida (2012), “Dos “públicos” nos museus”, in *Ensaios e Práticas em Museologia*, vol.2, Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.163-181. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10522.pdf> (acedido a 1 de março de 2016).

ROCHA, Manuel J.M. (2008), *Arquitectura Religiosa Barroca em Braga: Entre a Tradição e a Modernidade*, Apresentação no âmbito das provas de habilitação ao título de Agregado na especialidade de História de Arte, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 4-14.

RODRIGUES, Ana Duarte (2007), “Exemplos de *Decorum: De rerum natura* nos jardins barrocos portugueses”, In Separata da *Revista de História da Arte*, n.º3, Lisboa: Instituto de História da Arte/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa/ Edições Colibri.

Santuário do Bom Jesus do Monte, imagem retirada do sítio *Wikipédia*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Santu%C3%A1rio_do_Bom_Jesus_do_Monte#/media/File:Treppenaufgang_Bom_Jesus_do_Monte.jpg (acedido a 20 de abril de 2016).

SERRÃO, Vítor (2003), *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Presença.

SILVA, Sandra (2011), *Visita guiada: uma estratégia da educação museal*, Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Museologia, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/7321> (acedido a 25 de setembro de 2015).

SILVA, Susana Gomes da (2007), “Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus”, In BARRIGA, Sara (coord.) (2007), *Serviços Educativos na Cultura*, Porto: SETEPÉS, pp. 57-66.

Sítio da Câmara de Braga, disponível em <https://www.cm-braga.pt/pt/0201/comunicacao/noticias/item/item-1-4381?q=Miguel+Bandeira>, (acedido a 20 de setembro de 2016).

Sítio oficial da Escola Básica Real da Sé, disponível em http://www.aereal.edu.pt/eb_1_da_se (acedido a 21 de janeiro de 2016).

TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel (2002), *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*, Coimbra: Livraria Almedina.

VAQUINHAS, Irene (2013), “José Amado Mendes – *Museus e Educação. Estudos, Humanidades*”, MIDAS, 2. Disponível em <http://midas.revues.org/299> (acedido a 5 de setembro de 2016).

VAYNE, Julian (2010), *Wonderful Things. Learning with museum objects*. [s.l.]:The Museum of Barnstaple & North Devon. Disponível em https://abcofworkingwithschools.files.wordpress.com/2010/06/wonderful_things_ms13.pdf (acedido a 20 de novembro de 2015).

Filmografia

PINHEIRO, Paula Moura (autoria) (21 de Abril de 2014, programa n.º8, 25 minutos), *Convento da Madre de Deus*, Lisboa: Rádio Televisão Portuguesa. Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p1483/e151529/visita-guiada-I> (acedido a 5 de abril de 2016).

Apêndices

Apêndice I. Quadro com os públicos-alvo de cada atividade

Apêndice II. Guião: *Vem Descobrir as Cores Barrocas*

Apêndice II.I. *PowerPoint* em formato CD

Apêndice II.II. Transcrição do áudio

Apêndice III. Guião: *Azulejos com memória nos Biscainhos*

Apêndice III.I. Transcrição do áudio

Apêndice III.II. Diploma de participação

Apêndice IV. Guião: Biscainhos, um Jardim a Descobrir

Apêndice IV.I. *PowerPoint* em formato CD

Apêndice IV.II. Ficha Exploratória

Apêndice IV.III. Provas de resposta das adivinhas

Apêndice IV.IV. Descrição da atividade

Apêndice IV.V. Diploma de participação

Anexos

**Anexo I – Quadros com o número de participantes em
Atividades e *Ateliers* do Serviço Educativo do Museu dos
Biscainhos: 2013 a maio de 2016**

Anexo II. Imagens da atividade *Vem Descobrir as Cores Barrocas*

Anexo III. Imagens da atividade *Azulejos com memória nos Biscainhos*

Anexo IV. Imagens da atividade *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Anexo V. Questionários das Professoras

Anexo V.I. *Vem Descobrir as Cores Barrocas*

Anexo V.II. *Azulejos com memória nos Biscainhos*

Anexo V.III. *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Apêndice I. Quadro com os públicos-alvo de cada atividade

2013	
Atividade	Público-alvo
<i>Crianças ao Jardim</i>	1.º ciclo
Festas de São João	1.º ciclo, Público sénior e Público com necessidades especiais
Ação teatral “Palhaços”	Pré-escolar e 1.º ciclo
<i>Desfolhada</i>	Público sénior, Público Escolar e Público com necessidades especiais
São Martinho “Maria Castanha”	Pré-escolar, 1.º ciclo e Público com necessidades especiais
Feira de Natal “Saberes e Sabores”	Público geral
2014	
Atividade	Público-alvo
<i>Vem tomar um Chá ao Museu</i>	Público geral
<i>Saberes com História</i>	Público geral
Oficina de Bordados	Público geral
Teatro “Roteiro Sentido pela Braga de Ondina”	Público Escolar
Conto “História da Carochinha”	Pré-escolar e 1.º ciclo
CLIB “Projeto Comenius”	Público Escolar
Conto infantil – <i>OBAX</i>	Público geral
<i>Sem ovos não se fazem omeletes</i>	1.º ciclo
<i>Segredos do Tulipeiro</i>	1.º e 2.º ciclos
<i>A Festa Barroca</i>	Público com necessidades especiais e Público geral
<i>Em busca das Esculturas Perdidas</i>	1.º e 2.º ciclos
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	Pré-escolar
<i>Doces Conventuais</i>	Público geral
Arraial de Santo António	Público sénior, Pré-escolar e 1.º ciclo
Câmara Municipal de Braga (CMB): Férias de Verão	Público-escolar
Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidade (CERCI) “Bom’bart”	Pré-escolar e 1.º ciclo
CERCI/Museu dos Biscainhos (MB) – Meninos Especiais	Pré-escolar e 1.º ciclo
Festival de Outono	Público com necessidades especiais e Público-geral

<i>Atelier de Natal</i>	Pré-escolar e 1.º ciclo
2015	
Atividade	Público-alvo
<i>A Aventura do Elefante Azul</i>	1.º e 2.º ciclos
<i>Atelier de Carnaval</i>	Pré-escolar e 1.º ciclo
<i>Tablet – Visita ao Museu dos Biscainhos</i>	1.º ciclo
<i>Horta Voluntária de Agricultura Natural</i>	1.º ciclo
<i>Atelier de Ovos de Páscoa</i>	Pré-escolar e 1.º ciclo
<i>Atelier “Observar e Construir”</i>	1.º ciclo
<i>ACAPO/Animação de Conto “Contos da Gorongosa”</i>	1.º ciclo e Público com necessidades especiais
<i>Dia Internacional dos Museus e Noite dos Museus</i>	Público geral
<i>Exposição de São João</i>	Público geral
<i>Pássaros de Origami</i>	1.º ciclo e Público sénior
<i>Que folha é esta? Construção de um Herbário</i>	1.º e 2.º ciclos
2016	
Atividade	Público-alvo
<i>São Valentim</i>	Público geral
<i>Primavera Fest</i>	Público geral
<i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>	1.º ciclo
<i>Azulejos com Memória nos Biscainhos</i>	1.º ciclo
<i>Biscainhos, um Jardim a Descobrir</i>	1.º ciclo
<i>Brincar no Jardim</i>	Pré-escolar e 1.º ciclo

Apêndice II. Guião: *Vem Descobrir as Cores Barrocas*

Introdução histórica adaptada ao discurso dos mais novos e de seguida realizar uma pequena oficina direcionada para a criação de uma pintura inspirada na coleção do museu.

Título	<i>Vem Descobrir as Cores Barrocas</i>		
Enquadramento na missão do Museu	Esta atividade enquadra-se de acordo com os pontos 1, 3 e 4 da Missão de Unidade Orgânica do Museu dos Biscainhos. ¹		
Público-alvo	(9-11 anos de idade) 4.º ano do 1.º ciclo		
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o sentido de observação.- Promover o relacionamento social no sentido otimizar o seu desenvolvimento intelectual².- Estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética e de aptidões artísticas.- Desenvolver a criatividade.- Analisar a pintura no contexto histórico.- Aprender e produzir tintas artesanalmente- Elaborar um quadro inspirado na época.		
Conceitos a transmitir	<ul style="list-style-type: none">- Significado de “exótico”, “dinâmico” e “mitológico”.- Caracterização das temáticas e técnicas de cor na pintura do estilo-estético barroco (simbolismo e projeção das cores; técnica de luz e sombra para intensificar as representações).- Salientar que os processos manufatureiros de tintas nem sempre foram iguais aos nossos dias.- Produção artesanal de tintas com giz e cola branca.		
Domínios	Cognitivo	Psicomotor	Afetivo
Metodologia	Expositiva	Demonstrativa	Ativa
Métodos e técnicas	<ul style="list-style-type: none">- Preparação das tintas: colocam-se no almofariz os pigmentos (giz) e com o pilão, esmagam-se; num frasco adiciona-se a cola branca, água morna e os elementos previamente esmagados mexendo-os até obter uma pasta homogênea. A tinta deverá secar ao ar, sendo depois		

¹ 1) *Investigação, conservação e divulgação do seu património material (palácio, e jardins barrocos e coleções) e imaterial em consonância com o programa museológico subordinado ao período compreendido entre o século XVII e a revolução liberal (1820); 2) Sensibilização do indivíduo para a Natureza (necessidade premente de a integrar, de a usufruir e de a proteger); 3) Promoção da reflexão e experimentação do cruzamento cultural como condição essencial para a construção de um diálogo entre indivíduos, urgente na sociedade contemporânea; e 4) Assumir a função social dos museus, procurando uma constante e renovada interação com o Cidadão atendendo à sua diversidade.* Disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Enquadramento/MostrarEnquadramento.aspx?IdPagina=169>, consultado a 20 de Março de 2016.

² Para Piaget a interação entre crianças é indispensável ao seu desenvolvimento. É a relação com os “outros” que as obriga a ser lógicas e coerentes. Este pensamento não é ensinado diretamente, é sim, um processo de construção (KAMII & DEVRIES, 1991:25).

	aplicada com um pincel molhado em água morna. - Papel cenário com uma Natureza Morta.
Recursos materiais	- Almofariz e pilão (3x); - Cola branca; - Colher (3x); - Copos de iogurtes; - Fita-cola; - Frascos de vidro; - Garrafas com água (2x); - Giz colorido; - Guaches; - Máquina fotográfica; - Papel cenário; - Papel de jornal; - Pincéis (30); - Recipiente para colocar os pacotes de iogurte com as tintas; - Toalha.
Recursos físicos	- Cadeiras; - Carpetes; - Computador; - Mesa; - Projetor.
Recursos humanos	1 a 2 monitores
N.º mínimo e máximo de participantes	15 a 25 crianças
Data de execução	10 de Maio
Duração prevista	60 minutos

Guião da atividade para o Monitor³ - *Vem Descobrir as Cores Barrocas*

Neste guião apresentaremos hipóteses de diálogo e perguntas guia, o que consoante o contexto, deverá ser adaptado, discursivamente, de forma a atingir os objetivos a que a oficina se propõe. O responsável pela execução da atividade deverá colocar-se numa posição de monitor, ou seja, apenas dirigir a observação e análise das crianças, mas sempre que necessário, interferir.

³ - - - - - Caixas de texto a tracejado, são as respostas às perguntas que o monitor deverá guiar, para que as crianças concluam por si mesmas. É de referir que os termos indicados, por vezes, não são perceptíveis às crianças, o monitor deverá explicar, se necessário dar a resposta, de uma forma mais simples e adaptada. As respostas das crianças não têm que corresponder exatamente aos termos indicados.

_____ Caixas de texto de traço contínuo, são as indicações de organização e técnicas da atividade.

Receção na entrada do Átrio do Palácio

- 15 minutos

Chegada dos alunos ao Museu.

Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade.

Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s).

Monitor (M) – Boa tarde!

Alunos (A) – Boa tarde!

M - Sejam bem-vindos ao Palácio dos Biscainhos! Chamo-me Susana, e hoje, eu e os meus colegas, vamos acompanhar-vos nesta aventura pelas cores do Museu!

Antes de darmos início à atividade tenho algumas indicações a dar! Como sabem estamos num museu... e como acham que nos devemos comportar numa “casa” assim?

A – (...)

M – Exatamente! Portanto, meninos, nada de atropelamentos, não falar alto, e mais importante, não mexer nas peças do museu... porque como sabem já são muito “velhinhas” e valiosas, e penso que querem que os vossos amigos também venham cá e as possam ver, certo?

Mas antes de começarmos, queremos indicar-vos a localização das casas de banho... para que não aconteça nenhum acidente! São as duas no claustro.

Hoje, estão aqui, para serem os artistas!

A apresentação do monitor, a revisão das regras de conduta num museu e a indicação da localização das casas de banho, são essenciais, num primeiro contato, para manter as crianças com atenção, evitar distrações e estabelecer um primeiro contato afetivo.

Subida para o piso nobre – Sala de receção

- 5 minutos

Neste momento as crianças são convidadas a observar as pinturas nas salas do Estrado, da Música e de Jogo. Aconselha-se ao monitor a direccionar, apenas, a observação para os quadros seleccionados. Este método permite ao monitor cumprir o tempo estabelecido e também, canalizar a atenção das crianças apenas para as pinturas das salas.

M – Estamos na Sala de Entrada.

Convido-vos a observar, durante alguns minutos, as pinturas das salas do Estrado, da Música e de Jogo.

Salão Nobre

Nesta sala o monitor já terá disposto os tapetes, as mesas, as cadeiras, o computador, o projetor e os materiais a utilizar na oficina – nomeadamente as tintas já preparadas, os pincéis (um para cada criança), um almofariz para fazer demonstração da preparação das tintas, giz de várias cores, cola branca, boiões de iogurtes para colocar as guaches, uma garrafa com água morna e o papel cenário.

Introdução à pintura barroca e análise das pinturas observadas nas Salas do Estrado de Música e de Jogo

-20 minutos no máximo

(Arte - Barroco)

M – Agora vou fazer-vos umas perguntas complicadas, pode ser? Na vossa opinião, o que acham que é Arte?

As perguntas em estilo “aberto” têm como objetivo que o monitor note qual a visão das crianças em relação ao tema em questão.

M – Já alguma vez ouviram falar do “Barroco”?

M – Acham que há Barroco aqui em Braga?

M – E aqui no museu?

M – Se falassem com um amigo para vir cá, o que diriam deste Palácio?

Neste momento o monitor já colocou o *PowerPoint*.

Nesta apresentação serão analisadas as pinturas expostas na Sala de Estrado e na Sala de Música e de Jogo.

O **monitor** deverá ter apenas uma **posição de guia**, só em último caso deverá indicar as respostas.

(Pinturas do Museu dos Biscainhos)

M- O que vos chamou atenção nas pinturas das salas que observaram?

M- Qual é a primeira palavra que vos vem à cabeça?

Caraterísticas da pintura Barroca

- Emoção acima da Razão;
- Contraste entre a luz e sombra no sentido de intensificar a profundidade;
- Luz como guia do olhar para o ponto/acontecimento central da obra;
- Ação: captação do movimento;
- Exagero das formas.

M- Quais são os temas que vocês acham que os artistas pintavam mais na época?

O monitor deverá abordar as temáticas da pintura barroca através das pinturas das salas observadas. As temáticas que não estão representadas deverão ser indicadas.

- Retratos: *D. João V* (n.º de inventário 197MDS);
- Religião: *Nossa Senhora, o Menino e São João Baptista* (n.º de inventário 198MDS);
- Exótico: *Cleópatra* (n.º de inventário 117MB);
- *Naturezas mortas* (n.º de inventário 186MDS) e *Naturezas mortas com Puttis e animais* (n.º de inventário 374MB);
- Cenas domésticas;
- Cenas populares;
- Mitologia.

Neste momento o monitor deverá colocar o *slide* n.º5 do *PowerPoint*, com a imagem da pintura de *Naturezas Mortas* (n.º de inventário 186MDS) da Sala do Estrado para dar início à temática do simbolismo e projeção das cores.

(Cores – simbolismo e projeção das cores)

Monitor- O que acham que o artista queria transmitir? Acham que estava feliz ou triste?

Conseguem ver isso através da pintura?

M- Talvez considerem esta pergunta um pouco estranha, mas nunca notaram que há cores que nos deixam mais calmos, e outras com mais energia?

M- Já pensaram na importância das cores?

M- Acham que as cores comunicam?

Teoria das Cores (cultura ocidental):

Branco- neutralidade, claridade, paz;

Preto- elegância, morte, mistério;

Amarelo- alegria, doença (loucura), calor;

Vermelho- amor, entusiasmo, agressividade;

Rosa- amor, carinho, romantismo;

Azul- harmonia, água, saúde;

Verde- esperança, natureza, liberdade;

Violeta- realeza, sabedoria;

Laranja- energia, criatividade, dinamismo;

(Técnica de cores frias e quentes)

M- As cores mais “fortes”, mais intensas, que nos deixam com mais energia são denominadas de **cores quentes**. Sabem dar algum exemplo?

M- E as **cores frias**? Quais são? Como será que nos deixam? Achem que também nos deixam com muita energia?

O monitor poderá dar o exemplo da cor das salas de aula das crianças, provavelmente deverá ser branca ou uma cor clara – transmite calma.

M- Achem que as cores influenciam a nossa forma de olhar para uma pintura?

M- Neste quadro (*Naturezas mortas com Puttis e animais*, n.º de inventário 374MB) para onde é que olham em primeiro lugar?

M- E já pensaram porque olham primeiro para ali?

O monitor poderá dar o exemplo dos aplicativos que existem hoje no telemóvel, quando querem destacar um determinado pormenor de uma fotografia.

(Tintas – produção de tintas na época)

Monitor- Já falámos das cores, das técnicas e, por fim, vamos falar das tintas. Já pensaram como seriam feitas na época?

M- Acham que seria com máquinas ou manualmente?

M- E quem acham que as produzia?

Maioritariamente, nesta época, quem produzia as tintas eram os próprios artistas. Todo o processo de manufatura, quantidades e materiais eram sigilosos, não havia partilha de “receitas” entre artistas.

M- E será que os materiais seriam iguais aos que temos hoje em dia?

As tintas eram feitas a partir de materiais naturais, como plantas, pedras, especiarias, óleos, entre outros.

Demonstração da preparação de tintas manualmente e elaboração de uma pintura de naturezas mortas, representante da época barroca, pelas crianças.

- 20 minutos

O monitor deverá colocar o giz, o almofariz, a cola branca e a água em frente às crianças e chamar dois voluntários. Esta demonstração tem como intuito a exemplificação de uma técnica de produção de tinta artesanal através de materiais naturais. A produção de uma quantidade de tinta *in situ*, por, e para, todas as crianças, requereria mais tempo e toda uma outra estrutura organizativa a que a atividade não se compromete.

Técnica de produção de tinta artesanal explicada na tabela da página 1 no ponto “Métodos e Técnicas”.

M- Muito bem! Já podem ensinar aos vossos pais e amigos as técnicas dos artistas!

Após a demonstração da técnica de produção de tintas, o monitor deverá dividir o grupo em dois. Assim enquanto umas crianças estão a colorir, as restantes, aos pares poderão continuar a “fabricar” tintas.

Depois de terminarem de pintar a Natureza Morta, o monitor deverá fazer uma revisão do que foi falado ao longo da oficina, e pedir a voluntários para escrever, um a um, os conceitos que aprenderam, e o seu nome no papel cenário.

- Que o Barroco é um estilo artístico que surgiu na Europa;
- Que as principais temáticas são religiosas, naturezas mortas, mitologia, retratos e cenas domésticas;
- Que a pintura barroca é caracterizada pelo movimento, jogo de cores intenso e assimetria;
- Utilização de cores quentes e frias para criar um jogo de luz e sombra para intensificar pormenores nos quadros;
- Que as tintas eram produzidas através de materiais naturais e que cada artista as produzia e tinha sua própria receita.

Resumo da atividade- *Vem descobrir as cores barrocas*

Regras gerais

- Deixar os casacos e as mochilas no bengaleiro do Museu.
- Respeitar os colegas, os monitores do Museu e os outros visitantes.
- Respeitar os diferentes espaços do Palácio e Jardins dos Biscainhos.
- E por fim... Divirtam-se!

Regras específicas

- **Divisão do tempo:** a atividade está prevista para 60 minutos;
 - **15 minutos:** chegada e receção dos alunos no átrio do Museu; arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; assinatura do termo de responsabilidade; e nota introdutiva à atividade.
 - **5 minutos:** observação dos quadros da Sala do Estrado e da Sala de Música e de Jogo;
 - **20 minutos:** introdução à pintura barroca e análise das pinturas da Sala do Estrado e da Sala de Música e de Jogo;
 - **20 minutos:** Demonstração da preparação das tintas artesanais e elaboração de uma pintura pelas crianças com as técnicas apreendidas.
- **Monitores:** Os monitores têm a responsabilidade de elaborar um conjunto de perguntas guia, em estilo aberto, para que as crianças pensem e formulem questões e deem respostas. O monitor deverá indicar apenas conceitos mais elaborados.
- **Temáticas a desenvolver:**
 - Características transversais do estilo estético Barroco e explicitação dos conceitos “exótico” e “dinâmico”;
 - Características da pintura do estilo abordado (temáticas e técnicas);
 - Produção de tintas artesanais;

Passos:

1. Chegada dos alunos ao Museu.
2. Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s). Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; assinatura do termo de responsabilidade; e nota introdutiva à atividade.
3. Subida para o piso nobre;
4. Sala de receção: as crianças são convidadas a observar as pinturas nas salas do Estrado e da Música e de Jogo;
5. Introdução à pintura barroca e análise das pinturas observadas;
Abordagem ao simbolismo e projeção das cores na pintura barroca;
6. Abordagem à técnica de cores quentes e frias;
7. Abordagem à produção de tintas na época;
8. Demonstração da produção de tintas artesanais;
9. Coloração de uma Natureza Morta representativa da época barroca e produção de tintas com a técnica aprendida, pelas crianças;
10. Reflexão, sumário e escrita, pelas crianças, dos conceitos aprendidos ao longo da atividade, no papel cenário;
11. Despedida.

Apêndice II.I. *PowerPoint* em formato CD

Apêndice II.II. Transcrição do áudio

- **Dia 10 de Maio de 2016, 14h25 às 15h50**
- **Escola da Sé, 1.º ciclo, 4.º ano de escolaridade**
- **25 alunos mais dois adultos (1 professora e 1 auxiliar)**
- **Monitor: Susana Meirinho**

Nota: A descrição da presente atividade seguirá as seguintes diretrizes, as “falas” do monitor estarão sublinhadas a negrito; as das crianças com fonte normal; e as indicações a parêntesis são referentes a ações e reações.

(As crianças encontram-se sentadas na escadaria para o andar nobre).

Monitor (M): Boa tarde!

Crianças (C): Boa tarde!

M: Chamo-me Susana e vou-vos acompanhar nesta aventura pelo Museu! Quem já esteve aqui?

C: Eu! (a maioria da turma responde que não é a primeira vez que vêm ao Palácio dos Biscainhos, à exceção de duas crianças).

M: Muito bem! Então já são especialistas dos Biscainhos!

Sabem o que vêm cá fazer hoje?

C: Não

M: Vêm cá pintar

C: Eiii! (as crianças demonstraram grande entusiasmo).

M: Antes de começarmos, vamos ver os quadros que o Museu tem nas salas do Estrado e na sala de Música e Jogo.

Mas antes de tudo vou indicar-vos a localização das casas de banho. Ficam aqui à vossa esquerda, quando quiserem ir, primeiro peçam autorização e alguém irá vos acompanhar.

Bem meninos, vamos começar?

(Subida do grupo para o andar nobre. Observação dos quadros das salas do Estrado, da Música e de Jogos. Após alguns minutos os alunos foram encaminhados para o Salão Nobre).

M: Vocês prestaram atenção aos quadros?

C: Sim

M: Antes de falarmos dos quadros vou-vos fazer umas perguntas difíceis, pode ser?

C: Sim

M: O que é Arte “para vocês”?

C (uma menina): É saber fazer alguma coisa

M: Muito bem. Mas o quê?

Por exemplo vocês acham que o azulejo é Arte?

C: Sim

M: E esta casa é Arte?

C: Sim

M: Muito bem... E já ouviram falar de “Barroco”?

C: Sim (maioria das crianças da turma)

Não (apenas algumas crianças)

M: E sabem o que é o “Barroco”?

C (uma menina): É um estilo antigo

Pintura

Azulejos

M: E acham que são só os azulejos?

C: Não, é tudo

M: Acham que este Palácio tem Barroco?

C: Sim!

M: O que vos chamou atenção nas pinturas que estiveram a ver?

C: Coloridas

Pessoas

M: Vocês acham que as imagens são realistas?

C: Sim

M: O que acham que os artistas na “altura” pintavam mais?

C: Pessoas

Reis

Rainhas

Duques

Duquesas

Pessoas muito importantes

(*PowerPoint*- diapositivo com o retrato de D. João V (n.º de inventário 197MDS) - pintura exposta na sala de Música e de Jogo).

M: Quem acham que é este senhor?

C: Marquês de Pombal! (grande parte da turma respondeu com toda a certeza)

M: Muito bem, mas não. Este é o rei D. João V. Mas o que quero-vos falar hoje é de pintura e não do rei.

Por isso, na altura, pintavam muito o quê? Re...

C: Retratos!

(...)

(*PowerPoint*- diapositivo com a pintura da *Nossa Senhora, o Menino e São João Baptista*, n.º de inventário 198MDS, - pintura exposta na sala de Música e de Jogo).

M: Este quadro retrata a religião. O que vos parece? Parecem “pessoas comuns” não parecem?

C: Sim

M: E o que acham das cores?

C: São vivas!

(...)

(*PowerPoint*- diapositivo com o retrato de *Cleópatra*, n.º de inventário 117MB, pintura exposta na sala de Música Jogo. A primeira reação das crianças perante o quadro foi de riso – figura feminina seminua).

M: Este quadro representa o exótico. Sabem o que é?

C: Não

M: Representa algo que não é da nossa época nem da época do pintor, é de um período longínquo e terras longínquas. Sabem de onde é a rainha Cleópatra?

C (um menino): Do Egito

(...)

(*PowerPoint*- diapositivo com a pintura de *Naturezas mortas*, n.º de inventário 186MDS, - pintura exposta na sala do Estrado).

M: Este quadro representa natureza mortas, e são muito comuns na época.

C: Naturezas mortas?

M: Sim, porque apesar de estarem ali “vivas”, bonitas com cores alegres, estão mortas. Já foram cortadas.

(...)

M: Dos quadros que aqui viram, acham que o pintor estava triste ou contente?

C: Triste

Feliz (algumas crianças responderam triste, outras feliz, não houve uma resposta que se sobrepusesse à outra)

(*PowerPoint* – apresentação de 9 diapositivos com a significação das cores).

M: Acham que as cores comunicam com as pessoas?

C (duas meninas): Sim

M: Como acham que elas comunicam?

C: (...)

M: Por exemplo o branco, o que transmite?

C: Paz

Amor (disse um menino)

M: Amor?

C: Amor é o vermelho! (correção da turma ao colega)

(...)

M: E o preto que vos transmite?

C: Tristeza

Inteligência

Morte

M: Inteligência?

C: (o menino não quis desenvolver)

(...)

M: O amarelo?

C: Iluminado

M: Acham que vos deixa mais concentrados?

C: Sim (algumas crianças responderam que sim, os outros não se pronunciaram)

(...)

M: A cor vermelha?

C: Amor

Amizade

Sangue

M: Agressividade!

(...)

M: E o rosa?

C: Amizade?

(...)

C (uma menina): Porque é que todos os quadros têm preto?

M: Excelente questão! Muito bem!

Já vos vou responder mais à frente, pode ser?

(...)

M: E o azul? O que vos transmite?

C (uma menina): O mar, as ondas do mar

M: Boa associação. E o que é que o mar vos transmite?

C: Calma

M: Exato. Quando estiverem a ver televisão ao de reparar que os políticos usam quase sempre gravatas ou blusas azuis, para transmitirem calma e parecem confiáveis.

(...)

M: E a cor verde?

C: Esperança

Natureza (respostas quase que “automáticas”)

(...)

M: E a cor lilás?

C: Esta é um bocadinho difícil (algumas crianças dizem ser difícil)

Esperança? (uma menina pergunta)

Prazer?

M: Prazer?

C: (o menino não desenvolveu)

(...)

M: E por fim o laranja?

C: Amizade

(...)

(*PowerPoint*- diapositivo com a pintura de *Naturezas Mortas com Puttis e Animais*, n.º de inventário 374MB, pintura exposta na sala do Estrado).

M: Já ouviram falar de cores quentes e frias?

C: Sim

M: O que acham que são cores quentes?

C (um menino): Cores fortes

M: Muito bem! Como por exemplo?

C: Vermelho

Laranja

M: E como é que estas cores vos deixam? Com energia?

C: Sim!

M: E as frias?

C: Amarelo

Branco

Rosa

M: E acham que vos deixa como?

C: Acalma

(*PowerPoint*- foque no diapositivo com o quadro de *Naturezas Mortas com Puttis e Animais*, n.º de inventário 374MB, pintura exposta na sala do Estrado).

M: Para onde olham em primeiro lugar neste quadro?

C: Para cima...

Para o meio...

M: E porque acham que olham para aí?

C (um menino): Porque tem pessoas...

M: É uma boa razão, mas não é por isso. Ninguém sabe?

Onde estão as cores mais escuras?

C (um menino): As cores escuras estão em baixo

M: E as mais claras?

C: Em cima

M: E acham que o artista fez de propósito ou foi à sorte?

C: Propositado!

M: Então o artista queria que nós olhássemos primeiro para ali. Isto é uma técnica da pintura! Já sabem que quando quiserem realçar algo, pintam mais claro no local.

C: Owww!!

(Exploração da importância do processo de fazer tintas e a importância destas para os artistas da época).

M: Só mais uma pergunta. Como acham que as tintas eram feitas?

C (um menino): Misturadas

Corantes... (outro menino respondeu)

M: As tintas eram feitas em casa com flores, óleos... E os artistas é que as faziam! Eles eram como estrelas de rock. Acham que eles partilhavam as receitas?

C: Não!

M: Exatamente. Cada artista tinha a sua técnica para as fazer.

(Um menino com a mão no ar já à algum tempo coloca uma questão).

C: Queria fazer uma pergunta sobre as cores. E a cor castanha?

M: Tens razão, não estás aqui. O que achas que transmite?

C: (o menino não respondeu, mas os seus colegas sim)

Dureza

Natureza

Violência

Casca dos frutos

(...)

(Revisão dos conhecimentos adquiridos)

M: Vamos rever o que aqui estivemos a falar

Na pintura barroca os principais temas são...

C: Retratos

M: Mais?

C: (...)

M: Naturezas mortas

Exóticos

E um que é muito importante, a Re...

C: Religião!

M: Muito bem! E em relação às cores?

C: Cores quentes e cores frias!

M: E quem fazia as tintas?

C: Os artistas!

(...)

(Fim da parte teórica da atividade dentro do tempo previsto).

(Explicitação e demonstração de uma técnica artesanal de fazer tinta. Reunião das crianças à volta da mesa com os materiais para a demonstração).

M: Vou-vos demonstrar uma técnica para fazerem tinta em casa, pode ser?

Para isso preciso de dois voluntários.

C: (...)

(Demonstração da técnica de fazer tinta manualmente com giz e cola branca, e coloração da natureza morta no papel cenário).

(Final da coloração da natureza morta no papel cenário).

M: Alguém tem as mãos sujas que dê para limpar agora antes de ir à casa de banho?

C: Não

(As crianças são convidadas a sentar-se novamente para um último momento de reflexão a cerca da atividade).

M: Acham que fizeram um bom trabalho para ser exposto aqui no Museu?

C: Sim! (respondem dois meninos convictos de que sim)

M: E onde estão as técnicas barrocas?

C: Pois...

M: Mas está bonito não está?

C: Está!

M: O Barroco é o quê?

C: Um estilo artístico

M: E a pintura barroca?

C: É uma pintura antiga

M: Antiga, dramática...

C: Exótica

M: Muito bem. E os artistas o que é que pintavam?

C: Retratos

Religião

Exóticos

Naturezas mortas

M: Portanto, espero que tenham gostado da atividade

C: Eu adorei! (uma menina)

Gostamos muito

M: E o que mais gostaram?

C: De pintar!

M: Para a próxima pintam com as mãos!

C: Eiii!

(...)

(De seguida as crianças foram às casas de banho lavar as mãos e deu-se por terminada a atividade).

Cronograma da atividade:

Tempo previsto	Tempo decorrido	Hora prevista	Hora real	Passo
15 minutos	10 minutos	14h15-14h30	14h25-14h35	Chegada e receção dos alunos no átrio do Museu; arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade. Introdução à atividade e explicitação das regras do jogo.
5 minutos	5 minutos	14h30-14h35	14h35-14h40	Observação dos quadros das salas de Estrado e da Música e de Jogo.
20 minutos	20 minutos	14h35-14h55	14h40-15h00	Introdução à pintura barroca e análise das pinturas das salas do Estrado e da Música e de Jogo.
20 minutos	35 minutos	14h55-15h15	15h00-15h35	Demonstração da preparação de tintas artesanais e elaboração de uma pintura pelas crianças com as técnicas apreendidas.
---	5 minutos	---	15h00-15h40	Revisão final.
Saída do Museu				16h00
Tempo disponível				14h15 às 16h00
Tempo previsto para a atividade				60 minutos
Tempo em que decorreu a atividade				70 minutos

Apêndice III. Guião: *Azulejos com memória nos Biscainhos*

Atividade direcionada para a Escadaria e Salão Nobre do Museu dos Biscainhos.

Introdução à importância e singularidade do azulejo Barroco português, adaptada ao discurso dos mais novos e de seguida realizar um jogo de memória em torno das representações dos azulejos.

Título	<i>Azulejos com memória nos Biscainhos</i>
Enquadramento na missão do Museu	Esta atividade enquadra-se de acordo com os pontos 1), 2), 3) e 4) da Missão de Unidade Orgânica do Museu dos Biscainhos ⁴ .
Público-alvo	(9-11 anos de idade) 4.º ano do 1.º ciclo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o sentido de observação, curiosidade e iniciativa.- Promover o relacionamento social no sentido otimizar o seu desenvolvimento intelectual⁵.- Promoção da habilidade de descentrar e coordenar diferentes pontos de vista.- Estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética.- Estimular a capacidade de concentração, de memória e atenção ao detalhe.
Conceitos a transmitir	<ul style="list-style-type: none">- Importância do azulejo, e das suas representações histórico-culturais e figurativas, na época, e para, o período atual.- Significado de “exótico”, “dinâmico”, “cerâmica” e “mitológico”.- Identificação das temáticas predominantes na azulejaria portuguesa da época, e através dessa numeração, analisar e apontar aspetos culturais do Barroco: como o gosto pelo exótico, práticas sociais, o gosto pelo belo e as sensações,

⁴ 1) *Investigação, conservação e divulgação do seu património material (palácio, e jardins barrocos e coleções) e imaterial em consonância com o programa museológico subordinado ao período compreendido entre o século XVII e a revolução liberal (1820); 2) Sensibilização do indivíduo para a Natureza (necessidade premente de a integrar, de a usufruir e de a proteger); 3) Promoção da reflexão e experimentação do cruzamento cultural como condição essencial para a construção de um diálogo entre indivíduos, urgente na sociedade contemporânea; e 4) Assumir a função social dos museus, procurando uma constante e renovada interação com o Cidadão atendendo à sua diversidade.* Disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Enquadramento/MostrarEnquadramento.aspx?IdPagina=169>, consultado a 20 de Março de 2016.

⁵ Para Piaget a interação entre crianças é indispensável ao seu desenvolvimento. É a relação com os “outros” que as obriga a ser lógicas e coerentes. Este pensamento não é ensinado diretamente, é sim, um processo de construção (KAMII & DEVRIES, 1991:25).

	a indumentária, os transportes e atividades de lazer.		
Domínios	Cognitivo	Psicomotor	Afetivo
Metodologia	Expositiva	Ativa	
Métodos e técnicas	<p>- Jogo da Memória⁶: É um jogo formado por cartas que apresentam uma imagem em um dos lados. Cada figura se repete em duas cartas diferentes. Para começar o jogo, são colocadas com as faces marcadas para baixo. Cada equipa deverá responder a perguntas para ganhar a hipótese de virar cartas. Essa viragem deverá ser visível a todos. Caso as figuras sejam iguais, deverão recolher e manter esse par até ao final do jogo. Se forem peças diferentes, estas devem ser viradas novamente e dar seguimento ao jogo. Para que num curto espaço-tempo sejam vistas o maior número de cartas possível, introduziu-se a regra de que mesmo que a resposta seja incorreta, exista a possibilidade de ver apenas uma carta.</p> <p>- Formatação das cartas de jogo: formato A5;</p> <p>- Cartas do jogo plastificadas.</p>		
Recursos materiais	<p>- Cola líquida;</p> <p>- Cronómetro;</p> <p>- Folhas A4;</p> <p>- Fita-cola;</p> <p>- Painel de cartão;</p> <p>- Saco para o sorteio das equipas;</p> <p>- Senhas coloridas (5 cores).</p>		
Recursos físicos	<p>- Cadeiras;</p> <p>- Tapetes;</p>		
Recursos humanos	1 monitor		
N.º mínimo e máximo de participantes	15 a 25 participantes		
Data de execução	11 de Maio		
Duração	90 minutos		
Observações	<p>Jogo de desempate: as equipas vencedoras deverão eleger entre si um jogador para se ausentar durante a seleção, por todos, de uma imagem nos azulejos. O jogador que achar em primeiro lugar a imagem selecionada ganha o jogo.</p>		

⁶ Explicação do jogo da Memória disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogo_de_mem%C3%B3ria, consultado a 1 de julho de 2016.

Guião da atividade para o Monitor⁷ - Azulejos com memória nos Biscainhos

Neste guião apresentaremos hipóteses de diálogo e perguntas guia, o que consoante o contexto, deverá ser adaptado, discursivamente, de forma a atingir os objetivos a que a oficina se propõe. O responsável pela execução da atividade deverá colocar-se numa posição de monitor, ou seja, apenas dirigir a observação e análise das crianças, mas sempre que necessário, interferir.

Receção na entrada do Átrio do Palácio

- 15 minutos

Chegada dos alunos ao Museu. Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s). Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade.

Monitor (M) – Sejam bem-vindos ao Palácio dos Biscainhos! Chamo-me Susana, e hoje, eu e os meus colegas, vamos acompanhar-vos nesta aventura pelos azulejos do Museu!

Antes de darmos início à atividade tenho algumas indicações a dar! Como sabem estamos num museu... e como acham que nos devemos comportar numa “casa” assim?

Alunos (A) – (...)

M – Exatamente! Portanto, meninos, nada de atropelamentos, não falar alto, e mais importante, não mexer nas peças do museu... porque como sabem já são muito “velhinhas” e valiosas, e penso que querem que os vossos amigos também venham cá e as possam ver, certo?

⁷ - - - - Caixas de texto a tracejado, são as respostas às perguntas que o monitor deverá guiar, para que as crianças concluam por si mesmas. É de referir que os termos indicados, por vezes, não são perceptíveis às crianças, o monitor deverá explicar, se necessário dar a resposta, de uma forma mais simples e adaptada. As respostas das crianças não têm que corresponder exatamente aos termos indicados.

..... Caixas de texto de traço contínuo, são as indicações de organização e técnicas da atividade.

Mas antes de subirmos para o andar nobre, queremos indicar-vos a localização das casas de banho... para que não aconteça nenhum acidente! São as duas no claustro.

Peço-vos agora que prestem atenção aos pormenores dos desenhos pintados nos azulejos nas escadas.

A apresentação do monitor, a revisão das regras de conduta num museu e a indicação da localização das casas de banho são essenciais, num primeiro contato, para manter as crianças com atenção, evitar distrações e estabelecer um primeiro contato afetivo.

Subida para o piso nobre - Escadas e Salão Nobre. Observação dos painéis nestes dois espaços

- 5 minutos

Neste momento as crianças são convidadas a observar os painéis de azulejos no Salão Nobre. Esta observação, exclusivamente por parte das crianças, é de caráter livre. Não são dadas quaisquer indicações do que observar. Este método tem como objetivo que o monitor perceba quais os pormenores a que as crianças têm mais sensibilidade e atenção.

Introdução à história, importância e técnica da pintura do Azulejo português, e análise dos painéis das escadas e do Salão Nobre.

- 15 minutos no máximo

(Azulejos - Arte - Barroco)

M – O que vos chamou a atenção nestas figuras que viram nos azulejos?

Caraterísticas do Azulejo Barroco civil da segunda metade do século XVIII:

- As cenas ganham um **estatuto teatral**;
- **Molduras exuberantes**;
- As **representações centrais** retratam cenas bucólicas, mitológicas, religiosas, quotidiano cortesão e alegóricas;
- **Riqueza ornamental**: composta por flores, frutos, *puttis*, figuras de convite, concheados, efeitos ilusionistas arquitetónicos.

M – Na vossa opinião consideram os azulejos como Arte?

Azulejo designa pequenos quadrados de cerâmica com uma das faces vidrada e decorada.

M – Sabem o que significa “Azulejo”?

M – Existem muitos países que também exerceram com grande mestria esta arte. No entanto, Portugal destacou-se dos demais, mesmo não sendo uma arte originária do nosso país, tornámo-nos grandes mestres!

E porque acham que os azulejos portugueses são diferentes?

Em Portugal, o azulejo, se diferencia dos outros países por:

- Duração da sua utilização, ininterrupta durante 5 séculos;
- Modo de aplicação na arquitetura, cobrindo grandes superfícies no interior dos edifícios (e posteriormente, a partir do século XIX, no exterior).
- Modos como foram empreendidos pelos portugueses, não só esteticamente, como também, no sentido testemunhal - histórico e cultural -, e do imaginário português da época.

M – Estas figuras que observaram nesta sala, têm ideia de que época são? Açam que são dos nossos dias?

M – Como conseguem ver que não são da nossa época?

M – Já alguma vez viram estas roupas? Talvez numa festa cá em Braga...

Festa *Braga Barroca*, primeira edição em 2014.

M – Já alguma vez ouviram falar de “Barroco”?

M – Açam que estes desenhos são importantes para nós percebermos como as pessoas viviam na época?

O monitor neste momento deverá pedir a voluntários que apontem exemplos nos azulejos.

O azulejo figurativo é importante na medida em que retrata a mentalidade e o gosto da época em foco:

- Traje dos adultos e das crianças;
- Práticas do quotidiano;
- Atividades recreativas, por exemplo a pesca ou a caça;
- Transportes;
- Representação de animais de caça e exóticos;
- Gosto estético da época;
- Arquitetura.

M – E agora perguntam-me “mas e então aquelas figuras estranhas nas escadas?”⁸. Bem têm razão, não são de todo iguais a estas no salão. Que acham que são?

Neste momento o monitor deverá pegar na fotografia do painel onde está o conjunto exótico nas Escadas e mostrar às crianças.

O azulejo português é composto também por esse gosto de representar o exótico e o mitológico, o de trabalhar com várias fontes e utilizar vários modelos, não se cingindo a apenas um.

(Cor – Técnica de pintura e cozedura)

M – E a cor azul? Porque acham que o azul é a cor predominante? Acham que não havia outras cores na época?

A cor azul sobre o fundo branco é influência do gosto pela porcelana oriental e holandesa.

⁸ Conjunto exótico de nus e frutas na Escadaria.

M – Como é que acham que se pintavam os azulejos? Só pintar e deixar secar?

Antes do artista pintar o azulejo, é aplicado um líquido espeço que contém elementos que na segunda cozedura, expostos a altas temperaturas, dão o aspeto brilhante envidraçado e, também, realça as cores utilizadas.

M – Se fosse só dessa forma o que eventualmente acabaria por acontecer?

A tinta eventualmente desaparecia.

M – Muito bem! Da próxima vez que virem azulejos barrocos já podem ensinar aos vossos pais e amigos!

Vamos agora testar a vossa memória!

(Jogo de memória)

M – Quem já jogou este jogo?

M – Quem sabe jogar?

Regras do jogo: Para cada grupo receber a oportunidade de tentar adivinhar as cartas, ser-lhes-á feita uma pergunta a cerca do que aprenderam sobre os azulejos. Se a resposta estiver correta o grupo terá direito a escolher duas cartas, se não estiver correta terá hipótese de virar apenas uma. Se formarem par, o grupo fica com as respetivas cartas. Se não acertarem as cartas são novamente viradas, e assim sucessivamente. O jogo terá a duração de 35 minutos, mesmo que todos os pares de cartas não estejam formados. Esta opção permite uma maior dinâmica de jogo. O grupo que tiver mais cartas ganha o jogo.

Perguntas sobre os Azulejos – Verdadeiro ou Falso

1. Os azulejos são maioritariamente azuis porque não havia outras cores. **FALSO**
2. Os azulejos não são importantes para nós. **FALSO**
3. Os pintores portugueses só pintavam coisas reais. **FALSO**
4. Os azulejos são uma arte original portuguesa. **FALSO**
5. Os azulejos são Arte. **VERDADEIRO**
6. As figuras dos azulejos são da mesma época que nós. **FALSO**
7. O exotismo era um tema muito presente nos azulejos portugueses.
VERDADEIRO
8. O azulejo é pintado com verniz para ficar brilhante. **FALSO**
9. O azulejo português foi só utilizado durante alguns anos. **FALSO**
10. O azulejo português era só usado para decorar as casas. **FALSO**
11. O azulejo é uma placa de cerâmica. **VERDADEIRO**
12. Os azulejos eram ricamente decorados. **VERDADEIRO**
13. Portugal é o único país a produzir este tipo de Arte. **FALSO**
14. A cerâmica oriental e holandesa era amarela. **FALSO**
15. As roupas da época e as que utilizamos hoje em dia são iguais. **FALSO**
16. Os pintores portugueses gostavam de combinar coisas reais e imaginárias.
VERDADEIRO
17. Os azulejos têm molduras exuberantes. **VERDADEIRO**
18. Os pintores gostavam de representar cenas do quotidiano. **VERDADEIRO**
19. As crianças vestiam-se como os adultos. **VERDADEIRO**
20. Os animais eram um tema muito presente nas cenas dos azulejos.
VERDADEIRO
21. Os azulejos são de plástico. **FALSO**
22. Os azulejos presentes nesta sala são Góticos. **FALSO**
23. Os azulejos são pintados e deixados a secar. **FALSO**

24. Este jogo é para testar a memória. **VERDADEIRO**
25. Hoje estão aqui para aprender sobre Arte. **VERDADEIRO**
26. O Barroco é uma técnica de pintura. **FALSO**
27. Esta casa pertencia a pessoas ricas. **VERDADEIRO**
28. A caça era um desporto importante para os Senhores da época. **VERDADEIRO**
29. As damas usavam calças na época. **FALSO**
30. Os cabelos das damas não eram enfeitados. **FALSO**

Resumo da atividade - *Azulejos com memória nos Biscainhos*

Regras gerais:

- Deixar os casacos e as mochilas no bengaleiro do Museu.
- Respeitar os colegas, os monitores do Museu e os outros visitantes.
- Respeitar os diferentes espaços do Palácio e Jardins dos Biscainhos.
- Não tocar nos azulejos.
- E por fim... Divirtam-se! Boa sorte!!!

Regras específicas:

- **Divisão do tempo:** a atividade está prevista para 90 minutos;
 - **15 minutos:** receção dos alunos e introdução à atividade;
 - **5 minutos:** observação dos azulejos pelas crianças;
 - **20 minutos:** análise e interpretação do azulejo, na época e nos tempos atuais;
 - **35 minutos:** realização do jogo de memória;
 - **15 minutos:** avaliação da atividade pelas crianças e educadores, e atribuição dos diplomas de participação.
- **Formação das equipas:** O jogo prevê a participação máxima até 25 alunos⁹. Para definir as equipas prepara-se um saco com senhas coloridas - cinco senhas repetidas de cada cor (adaptando-se sempre consoante o número de

⁹ Se a turma tiver um número de crianças superior a 25, os alunos serão distribuídos pelos restantes grupos.

participantes). Cada equipa será designada segundo a cor que retirar. Após a formação dos grupos (máximo 5 elementos cada) deverão agrupar-se.

- **Número de cartas em jogo:** 38 cartas que correspondem a 19 imagens.
- **Monitores:** Os monitores têm a responsabilidade de elaborar um conjunto de perguntas guia, em estilo aberto, para que as crianças pensem e formulem questões e deem respostas. O monitor deverá indicar apenas conceitos mais elaborados.
- **Atribuição das tentativas:** Perguntas a cerca do que aprenderam a cerca dos azulejos.
- **Número de perguntas:** 30 perguntas formuladas.
- **Sistema de pontuação:** Cada grupo guarda as cartas que adivinharam.
- **Prémios:** diplomas de participação.
- **Temáticas a desenvolver:**
 - Importância e temáticas dos azulejos portugueses;
 - Identificação de aspetos culturais e sociais da época;
 - Predominância da cor azul;
 - Técnica de cozedura.

Passos:

1. Chegada dos alunos ao Museu.
2. Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s). Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade;
3. Revisão da conduta de comportamento num Museu e alerta para observação dos painéis de azulejos na Escadaria;
4. Subida para o piso nobre;
5. Salão Nobre: as crianças são convidadas a observar os painéis de azulejos nesta sala;
6. O Azulejo como Arte;
7. Abordagem à importância e singularidade do azulejo português;

8. Análise das figuras representadas nos painéis;
9. Conversa sobre a importância dos azulejos na época e atualmente;
10. O porquê da predominância da cor azul;
11. Técnica de cozedura do azulejo;
12. Jogo de Memória com pormenores dos painéis da Escadaria e Salão Nobre do Palácio dos Biscainhos;
13. Entrega dos diplomas de participação;
14. Revisão dos conteúdos transmitidos, avaliação da atividade;
15. Despedida.

Apêndice III.I. Transcrição do áudio

- **Dia 11 de Maio de 2016, 14h15 às 15h30**
- **Escola da Sé, 1.º ciclo, 4.º ano de escolaridade**
- **23 alunos mais dois adultos (1 professora e 1 auxiliar)**
- **Monitor: Susana Meirinho**

Nota: A descrição da presente atividade seguirá as seguintes diretrizes, as “falas” do monitor estarão sublinhadas a negrito; as das crianças com fonte normal; e as indicações a parêntesis são referentes a ações e reações.

(As crianças encontram-se no ale de entrada organizadas em fila indiana).

Monitor (M): Boa tarde!

Crianças (C): Boa tarde!

M: Chamo-me Susana e vou-vos acompanhar nesta aventura pelo Museu!

Quem é que conhece os azulejos do Salão Nobre?

C: Eu (apenas algumas crianças responderam que sim)

M: Muito bem, então hoje vamos ver com muita atenção os desenhos que os azulejos têm. Peço-vos que observem com atenção os desenhos nestas escadas.

Vamos lá?

(As crianças, neste momento, começaram a subir as escadas que dão acesso para o andar nobre do palácio. Depois de alguns minutos de observação aos painéis das escadas, o grupo foi encaminhado para o salão nobre).

M: Muito bem! Agora, têm mais uns minutos para observar os desenhos desta sala.

(...)

M: O que acham destes azulejos?

Qual é a primeira palavra que vos vem à cabeça quando os vêem?

C (um menino): Azulejos

História

M: Muito bem. E mais nada?

C: Arte barroca

M: E então o que é que está aqui desenhado? O que está representado?

C: Os tempos antigos

M: Sim, mas estas figuras que aqui estão, acham que são dos nossos tempos?

C: Não

M: E como conseguem ver que não?

C: (...)

M: Acham que ando assim vestida?

C: Não

M: Muito bem. Então representa o quê?

C: O barroco

M: Vamos agora falar dos azulejos. De que acham que são feitos?

C: De vidro

Barro

M: De vidro não, mas barro sim.

E como acham que fica assim com este aspeto de vidro?

C: (...)

M: Não? Então já foram a alguma oficina de azulejos?

Professora: Sim, a duas.

(...)

M: Vocês acham que estes azulejos só são pintados e colados na parede?

C: Não...

M: Então como são?

C (um menino): Levam verniz

M: Pode dizer-se que sim. Mas primeiro “sofrem” uma primeira cozedura, levam uma camada de “verniz”, são pintados e cozidos mais uma vez.

Isto se calhar é muito confuso para vocês, não?

C: (...)

M: O que acham que azulejo significa?

C: (...)

M: Significa cerâmica de forma retangular com face envidraçada.

Agora vou precisar de um voluntário.

(Dois meninos voluntariaram-se).

M: Como sei que tiveste a ver os azulejos com muita atenção, quero que me digas como é que antigamente as pessoas deslocavam-se?

C (um menino): De cavalos (apontou corretamente a figura nos painéis)

M: E agora aqui (cena de caça), o que está a representar?

C: Caça, estão a caçar.

M: Exatamente. Aham que fazem caça hoje em dia?

C: Sim

M: Isto é para retratar que também caçavam

C: (...)

M: E aqui, o que acham que estão a fazer (imagem com casal a conversar junto a fonte)?

C: A conversar

M: Mas onde?

C: Ao pé de uma fonte

M: E não acham que é um jardim?

C: Não

M: Então e aqui as árvores?

C: (...)

M: Agora outro voluntário. Obrigada pela tua ajuda.

Como sei que também tiveste com atenção, quero que me digas onde está o casal a namorar.

C: (As crianças começam a rir).

(O menino não conseguiu indicar, ajudamos-lhe apontando unicamente o lado da sala).

C: (indicou o casal junto à fonte - cena de galanteio)

M: E agora quero que me ajudes a encontrar um casal a andar a cavalo e com “espadas”.

(O menino não conseguiu encontrar, pedimos ajuda aos seus colegas. Todas as crianças levantaram-se e procuraram o casal. Quem encontrou foi uma menina. Deslocaram-se todos para junto do painel).

M: E como acham que sabemos que é uma dama aqui a cavalgar?

C: Por causa dos pés

M: Muito bem. Como é que as senhoras andavam a cavalo?

C: Com os pés de lado.

(Novamente sentados nos tapetes).

M: Só mais uma questão, como é que vocês acham que as crianças se vestiam na altura?

C (um menino): Hum... iguais

M: Iguais a quem?

C (um menino): Aos adultos

M: Consegues apontar-me um exemplo?

C: (apontou para as figuras junto à porta para o claustro)

(...)

M: O que falei com vocês aqui foi o que se passava antigamente, certo?

C: Sim

M: Acham que os azulejos são importantes para nós?

C: Sim

M: Porquê?

C: Para aprendermos mais

M: Acham que os azulejos representam a sociedade na altura?

C (um menino): Não

M: Não?

C: Sim!

M: Só mais uma questão. Sabem a origem desta arte de fazer azulejos?

C (um menino): Dos mouros

M: Portugal apesar de não ter inventado esta arte, é dos melhores a produzir azulejos!

E vocês acham que esta cor azul tem a ver com o gosto da época ou não existiam outras cores?

C: Não existiam outras cores

M: Não existiam?

C: Existiam

M: Então?

C (um menino): Porque antigamente a bandeira de Portugal era quase toda azul

M: Bela associação, mas não é a resposta correta

Conhecem a cerâmica da China?

C: Não

(...)

M: Aquelas jarras grandes chinesas, e os pratos que quase toda a gente tem em casa, são de que cor?

C (um menino): Azuis

M: Muito bem. Era uma questão de gosto. Daí que a cor dos azulejos era...?

C: Barroco?

Azul? (um menino murmurou)

M: Ai ai.... Têm de estar mais atentos.

Já jogaram o jogo da memória?

C: Sim

M: Então só mais uma pergunta antes de começarmos a jogar.

Estes azulejos estão a representar a época barroca, o dia-a-dia da época.

C: Sim

M: Mas e as imagens nas escadas? Não são estranhas?

C: Os azulejos?

(Foram colocadas duas fotografias do conjunto exótico das escadas a passar no grupo).

M: Já viram estas figuras em algum sítio?

C (um menino): Já vi isto na missa

M: Na missa?

C: Sim, numa igreja

(...)

M: Isto são imagens exóticas... mitológicas. O azulejo português tem a peculiaridade de misturar temas reais com temas imaginários

C: (...)

M: Sabem o que são mitológicas?

C: Não

M: Não conhecem o filme da Disney “Hércules”?

C: Sim

M: Então lembram-se dos deuses gregos. Isso são figuras mitológicas

C: (...)

(Conclusão da componente teórica da atividade – teve a duração de 10 minutos).

(Início do jogo de memória. Formou-se uma fila para sortear as equipas).

M: Alguém sabe o jogo da memória?

C: Sim, quando adivinhamos uma carta temos que tentar adivinhar a outra igual

(As crianças neste momento já estão sentadas em equipas à volta do painel do jogo disposto no centro da carpete).

M: Exatamente

Mas vou fazer o jogo um pouco mais difícil, acham que conseguem?

C: Sim

Claro que sim

M: Vou-vos fazer perguntas sobre o que falamos, e só quem acertar é que terá oportunidade para virar as cartas.

Têm 25 minutos para adivinhar o maior número de cartas. Quem tiver mais pares ganha.

Vamos começar. O grupo amarelo é o primeiro

(...)

M: Os azulejos são maioritariamente azuis porque não havia outras cores.

C: Falso (equipa amarela)

M: Os azulejos não são importantes para nós.

C: Falso (equipa preta)

M: Os pintores portugueses só pintavam coisas reais

C: Verdadeiro (equipa azul)

(Neste momento foi inserida uma nova regra para dinamizar o jogo. Dada a resposta do grupo, mesmo que errada, têm a oportunidade de virar uma só carta. Esta alteração teve como objetivo que as crianças observassem o maior número de cartas num curto espaço de tempo).

M: Os azulejos são uma arte original portuguesa.

C: Verdadeiro (equipa verde)

M: Os azulejos são arte.

C: Verdadeiro (equipa laranja)

M: As figuras dos azulejos são da mesma época que nós.

C: Falso (equipa amarela)

M: O exotismo era um tema muito presente nos azulejos portugueses.

C: Verdadeiro (equipa preta)

M: Já passaram 5 minutos meninos, vamos lá.

O azulejo é pintado com verniz para ficar brilhante.

C: Falso (equipa azul)

M: O azulejo português foi só utilizado durante alguns anos.

C: Falso (equipa verde)

M: O azulejo português era só usado para decorar as coisas

C: Falso (equipa laranja)

M: O azulejo português é uma placa de cerâmica.

C: Verdadeiro (equipa amarela)

M: Os azulejos eram ricamente decorados

C: Verdadeiro (equipa preta)

M: Portugal é o único país a produzir este tipo de arte

C: Falso (equipa azul)

(Saltámos a pergunta 14 porque na apresentação não transmitimos essa informação).

M: As roupas da época e as que utilizamos hoje em dia são iguais.

C: Falso (equipa verde)

M: Os pintores gostavam de representar cenas do quotidiano.

C: Verdadeiro (equipa laranja)

M: As crianças vestiam-se como os adultos

C: Verdadeiro (equipa amarela)

M: Os animais estavam representados nos azulejos

V: Verdadeiro (equipa preta)

M: Os azulejos são de plástico.

C: Falso (equipa azul)

M: Os azulejos são de plástico ou de cerâmica (improviso)

C: Cerâmica (equipa verde)

M: Esta casa pertencia a pessoas ricas ou pessoas pobres?

C: Ricas (equipa laranja)

M: Os cabelos das senhoras eram muito decorados ou não? (improviso)

C: Decorados (equipa amarelo)

M: Este jogo é para testar a vossa memória?

C: Verdade (equipa preta)

M: Hoje estão a aprender sobre quê? (improviso)

C: Azulejos (equipa azul)

M: Os azulejos são apenas pintados e deixados a secar?

C: Falso (equipa verde)

M: Pintavam apenas com azul porque não sabiam pintar com outras cores ou porque era um gosto da época?

C: Gosto (equipa laranja)

M: Só para vos avisar que faltam 10 minutos.

C: Awww... Não!

M: Equipa amarela, estão prontos?

C: Sim

M: Qual era o transporte da altura? (improviso)

C: Não responderam (equipa amarela)

M: Como é que as senhoras andavam a cavalo? (improviso)

C: De lado (equipa preta)

M: Existe algum jardim pintado nesta sala? (improviso)

C: Sim (equipa azul)

M: Existem azulejos pintados nesta sala? (improviso)

C: Sim (equipa verde)

M: Apontem o casal que está a “namorar” nesta sala. (improviso)

C: Apontaram corretamente (equipa laranja)

M: Existem cães pintados nestes azulejos? (improviso)

C: Sim (equipa amarela)

M: Os jardins que estão pintados nestes azulejos têm fontes? (improviso)

C: Sim (equipa preta)

M: Nestes azulejos existem cenas de caça retratadas? (improviso)

C: Sim (equipa azul)

M: Faltam 4 minutos meninos!

C: Awww...

M: Existe algum pavão representado nestes azulejos? (improviso)

C: Sim (equipa verde)

M: Existe algum barco representado nestes azulejos? (improviso)

C: Sim (equipa laranja)

M: Existem pessoas a tocar instrumentos nestes azulejos? (improviso)

C: Sim (equipa amarela)

M: Encontraram pássaros representados nestes azulejos? (improviso)

C: Sim (equipa preta)

M: Os senhores usavam vestidos ou calças? (improviso)

C: Calças (equipa azul)

M: As damas usavam vestidos ou calças na época? (improviso)

C: Vestidos (equipa verde)

(Final da componente prática da atividade – duração de 35 minutos)

M: Bem meninos terminou o tempo

C (uma menina): Oh não...

M: Vamos lá contar os pontos!

Equipa amarela?

C: 3 pares

M: Equipa verde?

C: 3 pares

M: Equipa azul?

C: 2 pares

M: Equipa preta?

C: 1 par

M: Equipa laranja?

C: 3 pares

M: Então temos um empate meninos.

Bem, vamos fazer assim, preciso de três voluntários das equipas vencedoras

(Não estava programado um jogo para desempate, logo tivemos que improvisar uma opção. Reunimos as crianças de todas as equipas, elegemos três voluntários com os mesmos pontos e encaminhámo-los para a sala de entrada junto ao Salão Nobre. De

seguida, as crianças escolheram uma imagem nos azulejos para os seus colegas encontrarem. Quem a encontrasse primeiro ganharia o jogo. Foi a equipa laranja a vencedora).

M: A equipa laranja é a vencedora!

C: Ela fez batota! (um menino de outra equipa apontou para uma colega da equipa laranja)

M: Então porque dizes isso?

C (um menino da equipa amarela): Porque ela estava junto à imagem! Assim não vale!

C (menina da equipa laranja): Não fiz nada!

(A confusão instala-se entre as crianças por não considerarem a equipa laranja a justa vencedora. A menina em causa começa a chorar. Tentamos atenuar a situação mudando de assunto e pedindo às crianças para se sentarem para receberem os diplomas de participação. Com a indicação de que iriam receber diplomas, o ambiente acalmou).

M: Agora preciso que me digam os vossos nomes para assinar o diploma de participação. Vamos fazer pela ordem em que ficou as equipas. Primeiro a laranja.

(...)

M: Espero que tenham gostado da atividade!

C: Sim!

M: Eu gostei de estar com vocês, e agradeço, mais uma vez, a vossa participação.

Professora: Nós é que agradecemos.

(De seguida as crianças foram à casa de banho e buscar os seus pertences, dando assim por terminada a atividade).

Total de perguntas: 46 perguntas

30 formuladas (destas 30, 6 não foram realizadas porque a informação não foi referida durante a atividade)

16 improvisadas


Pares de cartas das equipas:

- Amarela: 3 pares
- Verde: 3 pares
- Azul: 2 pares
- Preta: 1 par
- Laranja: 3 pares

Cronograma da atividade:

Tempo previsto	Tempo decorrido	Hora prevista	Hora real	Passo
15 minutos	10 minutos	14h15-14h30	14h20-14h30	Chegada e receção dos alunos no átrio do Museu; arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade. Introdução à atividade e explicitação das regras do jogo.
5 minutos	5 minutos	14h30-14h35	14h30-14h35	Observação dos azulejos das escadas e do salão nobre pelas crianças
20 minutos	10 minutos	14h35-14h55	14h35-14h45	Análise da importância do azulejo, na época e no tempo atual, assim como das imagens representadas nos painéis.
35 minutos	35 minutos	14h55-15h30	14h45-15h15	Formação de equipas. Realização do jogo de memória.
15 minutos	10 minutos	15h30-15h45	15h15-15h25	Avaliação da atividade pelas crianças e educadores, e atribuição dos diplomas de participação.
Saída do Museu			15h30	
Tempo disponível			14h15 às 16h00	
Tempo previsto para a atividade			90 minutos	
Tempo em que decorreu a atividade			65 minutos	

Apêndice III.II. Diploma de participação


Diploma de Participação
Atividades com Memória nos Biscainhos

Declara-se que o aluno/a _____, esteve presente e participou na atividade realizada no Museu dos Biscainhos no âmbito do Projeto *Comunicar o Barroco do Museu dos Biscainhos*, no dia _____, _____ de 2016.

Monitor(s) ☺ ☺ ☺
Susana Pereira

Apêndice IV. Guião: *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Atividade direcionada para o jardim do Museu dos Biscainhos.

Introdução às regras do jogo e de seguida realizar um jogo estilo *Peddy Paper*.

Título	<i>Biscainhos, um Jardim a Descobrir</i>		
Enquadramento na missão do Museu	Esta atividade enquadra-se de acordo com os pontos 1), 2), 3) e 4) da Missão de Unidade Orgânica do Museu dos Biscainhos ¹⁰ .		
Público-alvo	(9-11 anos de idade) 4.º ano do 1.º ciclo		
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o sentido de observação, curiosidade e iniciativa.- Promover o relacionamento social no sentido otimizar o seu desenvolvimento intelectual¹¹.- Promover a habilidade de descentrar e coordenar diferentes pontos de vista.- Estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética.		
Conceitos a transmitir	<ul style="list-style-type: none">- Significado de “exótico”, “dinâmico”, “excentricidade”, “místico”, “busto”, “pia” e “mitológico”.- Identificação de elementos caraterísticos do barroco: aspetos culturais, como o gosto pelo exótico, exaltação de poder, o gosto pelo belo - emoção acima da razão; a relação com a morte - espiritualidade; composição e organização de um jardim barroco.		
Domínios	Cognitivo	Psicomotor	Afetivo
Metodologia	Expositiva	Demonstrativa	Ativa
Métodos e técnicas	- <i>Peddy Paper</i> : é uma prova para equipas que consiste num percurso ao qual lhe estão associadas perguntas e respostas. Este tipo de atividades tem como objetivo a		

¹⁰ 1) *Investigação, conservação e divulgação do seu património material (palácio, e jardins barrocos e coleções) e imaterial em consonância com o programa museológico subordinado ao período compreendido entre o século XVII e a revolução liberal (1820); 2) Sensibilização do indivíduo para a Natureza (necessidade premente de a integrar, de a usufruir e de a proteger); 3) Promoção da reflexão e experimentação do cruzamento cultural como condição essencial para a construção de um diálogo entre indivíduos, urgente na sociedade contemporânea; e 4) Assumir a função social dos museus, procurando uma constante e renovada interação com o Cidadão atendendo à sua diversidade.* Disponível em <http://museus.bragadigital.pt/Biscainhos/Enquadramento/MostrarEnquadramento.aspx?IdPagina=169>, consultado a 20 de Março de 2016.

¹¹ ¹¹ Para Piaget a interação entre crianças é indispensável ao seu desenvolvimento. É a relação com os “outros” que as obriga a ser lógicas e coerentes. Este pensamento não é ensinado diretamente, é sim, um processo de construção (KAMII & DEVRIES, 1991:25).

	aquisição de conhecimentos sobre um determinado tema ou local ¹² através de uma atividade física. - Sorteio: coloca-se os cartões de identificação dentro de um saco, e cada criança, individualmente, deverá retirar um cartão com uma cor. Será essa cor que determinará a que equipa pertence.
Recursos materiais	- Canas de bambu (sinalização das equipas); - Cartolinas coloridas (5 cores); - Envelopes (em função do número de adivinhas); - Folhas de papel A4; - Saco para o sorteio das equipas; - Vuvuzela.
Recursos físicos	- 1 cadeira; - 1 mesa.
Recursos humanos	3 a 5 monitores (em função do número de participantes)
N.º mínimo e máximo de participantes	- 15 a 25 participantes
Data de execução	20 de Maio ¹³
Duração prevista	90 minutos
Observações	Em caso das condições atmosféricas não serem favoráveis à realização da atividade no exterior, consultar o Plano B em anexo.

Guião da atividade para o Monitor¹⁴ - *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Regras gerais:

- Deixar os casacos e as mochilas no bengaleiro do Museu.
- Respeitar os colegas, os monitores do Museu e os outros visitantes.

¹² *Peddy-paper* in Wikipédia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peddy-paper>, consultado a 13 de Março de 2016.

¹³ Inicialmente estava previsto que a atividade ocorresse no dia 12 de Maio, mas devido às condições meteorológicas a professora decidiu adiar para a semana seguinte, dia 20 de Maio.

¹⁴ - - - - - Caixas de texto a tracejado, são as respostas às perguntas que o monitor deverá guiar, para que as crianças concluam por si mesmas. É de referir que os termos indicados, por vezes, não são percetíveis às crianças, o monitor deverá explicar, se necessário dar a resposta, de uma forma mais simples e adaptada. As respostas das crianças não têm que corresponder exatamente aos termos indicados.

..... Caixas de texto de traço contínuo, são as indicações de organização e técnicas da atividade.

- Respeitar os diferentes espaços do Palácio e Jardins dos Biscainhos.
- Não arrancar folhas das árvores.
- Não correr no jardim formal (o labirinto...).
- E por fim... Divirtam-se! Boa sorte!!!

Regras específicas:

- **Divisão do tempo:** a atividade está prevista para 70 minutos;
 - **20 minutos:** receção dos alunos, introdução à atividade, formação das equipas e entrega das fichas exploratórias às crianças;
 - **30 minutos:** tempo máximo para as crianças resolverem o máximo de questões do *Peddy-paper*;
 - **20 minutos:** leitura e análise das adivinhas e respetivas respostas, avaliação da atividade pelas crianças e educadores, e atribuição dos diplomas de participação.
- **Formação das equipas:** O jogo prevê a participação máxima até 25 alunos¹⁵. Para definir as equipas prepara-se um saco com senhas coloridas - cinco senhas repetidas de cada cor (adaptando-se sempre consoante o número de participantes). Cada equipa será designada segundo a cor que retirar. Após a formação dos grupos (máximo 5 elementos cada), serão encaminhados para diferentes pontos do jardim. Este esquema permitirá a passagem das crianças por todos os pontos assinalados sem prejudicar o ritmo do jogo, e, dificultará os possíveis “facilitismos” que poderia eventualmente existir, nomeadamente ver a localização da resposta da adivinha, se os grupos iniciassem no mesmo local.
- **Monitores:** os monitores têm a responsabilidade de colocar, em conjunto, as legendas nos devidos locais em todos os níveis. No decorrer do jogo devem estar dispostos um por nível, para auxiliar, se necessário, as crianças.
- **Localização das provas de resposta das adivinhas:** procurar um local escondido para colocar os envelopes, tendo em conta o património.
- **Prova de resposta:** colocar nos locais referenciados pelas adivinhas, as respostas, dentro de envelopes. Estas deverão corresponder ao mesmo número de grupos em jogo. Esta escolha permite que as crianças mantenham-se em movimento, evitando assim “tempos mortos”.

¹⁵ Se a turma tiver um número de crianças superior a 25, os alunos serão distribuídos pelos restantes grupos.

- **Ficha exploratória:** nesta ficha estão as adivinhas e imagens auxiliares.
- **Prêmios:** diplomas de participação.
- **Introdução da atividade**

Neste guião apresentaremos hipóteses de diálogo e perguntas guia, o que consoante o contexto, deverá ser adaptado, discursivamente, de forma a atingir os objetivos a que a oficina se propõe. O responsável pela execução da atividade deverá colocar-se numa posição de monitor, ou seja, apenas dirigir a observação e análise das crianças, mas sempre que necessário, interferir.

Terreiro: Introdução teórica e normativa da atividade, formação de equipas.

Monitor - Bom dia! Sejam bem-vindos ao Palácio dos Biscainhos! Chamo-me Susana, e hoje, eu e os meus colegas, vamos acompanhar-vos nesta aventura pelo Jardim do Museu!

M – Antes de mais temos algumas indicações a dar! Como sabem estamos num museu, e o jardim também faz parte desse espaço, portanto como acham que nos devemos comportar num espaço assim?

Alunos (A) – (...)

M – Exatamente! Portanto, meninos, nada de correr, e mais importante, não mexer nas “peças” do museu, que neste caso são as plantas.

Mas antes de darmos início ao jogo, queremos indicar-vos a localização das casas de banho, são as duas no claustro dentro do museu.

A apresentação do monitor, a revisão das regras de conduta num museu e a indicação da localização das casas de banho são essenciais, num primeiro contato, para manter as crianças com atenção, evitar distrações e estabelecer um primeiro contato afetivo.

M – Este é um Jardim especial! É um jardim histórico que retrata o gosto da época em que foi construído – época Barroca. Neste Jardim vão encontrar Arte, desde os azulejos, às estátuas e até mesmo a disposição das plantas. Também vão encontrar uma parte

mais prática da vivência num palácio. Estamo-nos a referir às plantas de fruto, à horta e aos tanques de lavar roupa. E por fim, espiritual. Neste jardim irão ver um túmulo!

M – E perguntam-me vocês, o que é Barroco? Alguém aqui sabe do que se trata?

Após a introdução à atividade, o monitor deverá indicar às crianças que formem uma fila indiana para o sorteio das equipas. Depois de agrupadas, ser-lhes-á entregue as fichas exploratórias para que façam uma leitura prévia das adivinhas.

Adivinhas:

1. **SOU DO MAR** e estou em terra, faço **PORTA** de um **LABIRINTO**, o meu tesouro é uma **PÉROLA** e aqui é o que sinto. O que sou?
2. **SOU UMA CASA**, mas não tenho portas nem janelas; faço das plantas as minhas donzelas; **GUARDO UM ANJO** que se encantou e uma **FONTE** de quem passou. O que sou?
3. Só tenho uma **CABEÇA** e uma **PENA**, passo o dia empoleirado, **JUNTO À CASA** que está ao meu lado, vem fazer uma visita e passar um bom bocado. O que sou?
4. Sou uma **CASA PEQUENA**, nela cabe um anão, mas não estou aqui em vão. O que sou?
5. **SOU DO AMOR** e tocador, aqui no alto fiquei, com este jardim enamorei, e na **PORTA** sentei! O que sou?
6. Sou de **PEDRA** e formosa mas também curiosa; **RODEADA POR UM JARDIM**, e uma **SAIA** que não tem fim! O que sou?
7. Sou a **COMIDA** dos **PANDAS**, e aqui estou sem rival, vim da China para Portugal, e o meu gosto é divinal! O que sou?
8. Sou de **PEDRA**, tenho **ÁGUA** e **SABÃO**, traz a **ROUPA** e a **MÃO**, e vais ver que não é em vão! O que sou?
9. Sou **FRUTA** e **NATURAL**, tenho fama de Portugal. Por onde fui encantei, e nasci **ORIENTAL**. O que sou?

10. **GLORIOSA** sou e sempre voarei, por enquanto aqui estou, e na **FONTE FIQUEI**. O que sou?
11. Chamo-me **JOÃO**, sou de **PEDRA** e **TENHO UM ANIMAL**, olha lá para a sombra, estou num pedestal. O que sou?
12. **DOU COMIDA** e alegria a quem me dá o seu dia; tenho **TERRA** e cheiro bem mas tens de trabalhar bem! Quem sou?
13. **PROTEJO-TE** com a minha vida até ficar reduzida, sou **ALTA** e bem provida, de **PEDRA** e companhia. O que sou?
14. Sou a última morada desta casa, não te preocupes não é o fim! Vem ter comigo ao fundo do jardim. O que sou?
15. Sou **CASA** de quem gosta de milho e tem asas, gosta de praças e de estátuas, e que quando trabalha é **CORREIO**, o que sou?

- **Temáticas a desenvolver:**

- Significado de “exótico”, “dinâmico”, “excentricidade”, “místico”, “busto” e “pia”;
- Identificação de elementos caraterísticos do barroco: aspetos culturais, como o gosto pelo exótico, exaltação de poder, o gosto pelo belo - emoção acima da razão; a relação com a morte; composição e organização de um jardim barroco.

Passos:

1. Chegada dos alunos ao Museu.
2. Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s). Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade;
3. Deslocação para o terreiro do jardim;
4. Introdução à atividade pelos monitores, formação das equipas e entrega e leitura das fichas de exploração;
5. Os monitores indicam a posição de cada grupo e colocam-se estrategicamente pelos três níveis do jardim;
6. Início do jogo;

7. Os monitores devem manter-se atentos, caso seja necessário prestar auxílio aos grupos;
8. As crianças têm 35 minutos para tentar adivinhar o maior número de adivinhas;
9. No final do jogo, reúne-se as crianças no terreiro e procede-se à confirmação do número de provas de resposta que cada equipa tem;
10. Leitura e análise das adivinhas e respetivas respostas com as crianças¹⁶;
11. Entrega dos diplomas de participação às equipas;
12. Despedida.

Plano B

Guião da atividade para o Monitor¹⁷ - *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Neste guião apresentaremos hipóteses de diálogo e perguntas guia, o que consoante o contexto, deverá ser adaptado, discursivamente, de forma a atingir os objetivos a que a oficina se propõe. O responsável pela execução da atividade deverá colocar-se numa posição de monitor, ou seja, apenas dirigir a observação e análise das crianças, mas sempre que necessário, interfera.

Receção na entrada do Átrio do Palácio

- 15 minutos

¹⁶ A leitura deverá ser da seguinte forma, as adivinhas como são mais curtas e de fácil leitura, serão entregues às crianças; as respostas deverão ser os monitores a ler de forma a explicitar quaisquer termos que as crianças não entendam.

¹⁷ - - - - Caixas de texto a tracejado, são as respostas às perguntas que o monitor deverá guiar, para que as crianças concluam por si mesmas. É de referir que os termos indicados, por vezes, não são perceptíveis às crianças, o monitor deverá explicar, se necessário dar a resposta, de uma forma mais simples e adaptada. As respostas das crianças não têm que corresponder exatamente aos termos indicados.

..... Caixas de texto a tracejado contínuo, são as indicações de organização e técnicas da atividade.

Chegada dos alunos ao Museu.

Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade.

Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s).

Monitor (M) - Bom dia!

Alunos (A) - Bom dia!

M - Sejam bem-vindos ao Palácio dos Biscainhos! Chamo-me Susana, e hoje, eu e os meus colegas, vamos acompanhar-vos nesta aventura pelo jardim do Museu, que infelizmente, devido às condições meteorológicas, não é possível visitar. No entanto, vamos vê-lo aqui mesmo dentro do Museu!

Antes de darmos início à atividade tenho algumas indicações a dar! Como sabem estamos num museu... e como acham que nos devemos comportar numa “casa” assim?

A – (...)

M – Exatamente! Portanto, meninos, nada de atropelamentos, não falar alto, e mais importante, não mexer nas peças do museu... porque como sabem já são muito “velhinhas” e valiosas, e penso que querem que os vossos amigos também venham cá e as possam ver, certo?

Mas antes de começarmos, queremos indicar-vos a localização das casas de banho... para que não aconteça nenhum acidente! São as duas no claustro.

A apresentação do monitor, a revisão das regras de conduta num museu e a indicação da localização das casas de banho, são essenciais, num primeiro contato, para manter as crianças com atenção, evitar distrações e estabelecer um primeiro contato afetivo.

Subida para o piso nobre – Salão Nobre

Nesta sala o monitor já terá disposto os tapetes, as mesas, as cadeiras, o computador, o projetor, e os materiais a utilizar na oficina, nomeadamente as imagens correspondentes às respostas das adivinhas acerca do jardim do Palácio.

Introdução às características transversais da Arte Barroca, do que se trata um Jardim, e, o “tratamento” e significado do mesmo para a época.

-20 minutos no máximo

O monitor dá início à apresentação em *PowerPoint*.

(Arte - Barroco)

Diapositivo (D): 2

M – Agora vou fazer-vos umas perguntas complicadas, pode ser? Na vossa opinião, o que acham que é Arte?

As perguntas em estilo “aberto” têm como objetivo, que o monitor note qual a visão das crianças em relação ao tema em questão.

M – Já alguma vez ouviram falar do “Barroco”?

M – Acham que há Barroco aqui em Braga?

M – E aqui no museu?

M – E na vossa opinião um Jardim é Arte?

O **monitor** deverá ter apenas uma **posição de guia**, só em último caso deverá indicar as respostas.

D: 3

- Neste diapositivo são apresentadas 3 imagens¹⁸ representativas da Arte Barroca.

M – O que acham destas imagens?

Caraterísticas transversais ao Barroco:

- Exagero decorativo (horror ao vazio);
- Exotismo;
- Teatralidade;
- Dramatismo;
- Emoção.

D: 4 - Jardins

(Jardim- Jardins Barrocos)

M – Sabem o que é um Jardim certo? Já pararam e pensaram como o descreveriam?

D: 6 – Barroco “em Jardim”

M – O Jardim, no Barroco, revela-se como um símbolo de poder. De poder sobre o quê?

Simetria e grandiosidade: símbolo do domínio do Homem sob a Natureza.

Um dos maiores, e mais conhecidos, exemplares de jardins desta época são os Jardins de Versailles. Já ouviram falar?

M – O que vos parece numa primeira vista?

M – A quem acham que pertenceria estes grandes jardins?

D: 7 – Barroco “em Jardim”

¹⁸ (Santuário do Bom Jesus do Monte (Braga); Pormenor de um altar do estilo barroco; Igreja de Santa Maria Madalena (Braga).

M – Estes jardins são desenhados para desfrutar, para o prazer dos sentidos, e claro, são extramente apetecíveis para socializar. Era aqui que as damas e os senhores conviviam, liam poesia, davam festas, faziam teatros e danças. Este era sem dúvida um local de prestígio da casa.

D: 8 - Barroco “em Jardim”

Principais caraterísticas de um jardim Barroco

- Riqueza temática e ornamental;
- Utilização de elementos exóticos (plantas, frutos, folhas, animais reais ou fantásticos);
- Representação de valores, como é exemplo a estátua feminina representativa da “graça”, da elegância;
- Presença da religião (estátua do São João Baptista);
- Cenas mitológicas, como por exemplo os *puttis* no portão para o segundo nível do jardim.

D: 9 - Criação de diferentes espaços, harmonizando o prático e o belo

M - Este Jardim encontra-se organizado em três zonas (níveis). A primeira zona diz respeito ao jardim formal, com bonitos canteiros organizados geometricamente como os jardins de Versailles; no segundo nível encontramos as plantas de fruto e as pias de lavar roupa; e o terceiro, e último nível, a horta, que alimentava os senhores deste Palácio, e também um túmulo dos que em tempos aqui viveram.

D: 10 – Espaços teatrais

M – O que acham desta estrutura? Não acham parecido com uma casa?

Casa de fresco. Estas casas de fresco eram a paragem ideal para desfrutar de um momento de repouso e de refresco num dia de calor. As camélias ou japoneiras são as “paredes” desta “casa”.

M – E esta pequena casa? Para que acham que serviria?

Casa de Chá. Em grandes propriedades como os jardins que vimos anteriormente, eram comuns estas “Casas de chá”. Nos longos passeios que faziam, as damas e os senhores tinham que descansar. Neste jardim seria apenas simbólico, com o objetivo de recriar o espírito da época.

M – E estas muralhas, acham que seriam para defender o palácio? Ou teriam outra razão?

Estas muralhas seriam apenas para embelezamento do jardim, para criar um ambiente cénico, que nos fizesse “viajar”.

M – E por fim um túmulo. Em famílias importantes, como a do Palácio dos Biscainhos, era comum, depois de falecerem, permanecerem na sua casa.

D: 11 – Destaque da Água como símbolo, e festejo da vida

M – O que é que a água representa no vosso entender?

D: 12 – Barroco “em Jardim”

M – Vamos recapitular o que falamos. O Barroco tem como principais características ...

M - E os jardins barrocos são caracterizados por...

D: 13 – Barroco “em Jardim”

M – Estão prontos para testar os vossos conhecimentos?

Que comecem as adivinhas!

Neste momento o monitor deverá indicar as regras do jogo.

O monitor deverá colocar as imagens no centro das crianças, e de seguida proceder à leitura das adivinhas a cerca do jardim do Palácio. As crianças deverão procurar a imagem que corresponde à adivinha.

Se a resposta estiver correta o grupo fica com as respetivas imagens. As adivinhas serão feitas pela ordem escolhida, e uma pergunta por cada ronda a cada grupo. O jogo terá a duração de 20 minutos.

O grupo que tiver mais cartas ganha o jogo.

Resumo do Plano B - *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

Regras gerais

- Deixar os casacos e as mochilas no bengaleiro do Museu.
- Respeitar os colegas, os monitores do Museu e os outros visitantes.
- Respeitar os diferentes espaços do Palácio e Jardins dos Biscainhos.
- E por fim... Divirtam-se!

Regras específicas

- **Divisão do tempo:** a atividade está prevista para 65 minutos;
 - **15 minutos:** chegada e receção dos alunos no átrio do Museu; arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade.
 - **20 minutos:** introdução às características transversais da Arte Barroca, do que se trata um Jardim, e, o “tratamento” e significado do mesmo na época;
 - **15 minutos:** jogo das adivinhas;
 - **15 minutos:** revisão final da atividade, entrega dos diplomas de participação, e avaliação final pelas crianças e educadores.

- **Formação das equipas:** O jogo prevê a participação máxima até 25 alunos¹⁹.

Para definir as equipas prepara-se um saco com senhas coloridas - cinco senhas repetidas de cada cor (adaptando-se sempre consoante o número de participantes). Cada equipa será designada segundo a cor que retirar. Após a formação dos grupos deverão agrupar-se.

- **Monitores:** Os monitores têm a responsabilidade de elaborar um conjunto de perguntas guia, em estilo aberto, para que as crianças pensem e formulem questões e deem respostas. O monitor deverá indicar apenas conceitos mais elaborados, como por exemplo “Barroco”, a que as crianças não tenham tido acesso devido ao nível de ensino.
- **Número de perguntas:** 15 perguntas
- **Sistema de pontuação:** Cada grupo guarda as cartas que adivinharam.
- **Prémios:** diplomas de participação;
- **Temáticas a desenvolver:**
 - Significado “exótico”, “dinâmico”, “excentricidade”, “místico”, “busto” e “pia”;
 - Identificação de elementos caraterísticos de um jardim barroco: como o gosto pelo exótico, exaltação de poder, o gosto pelo belo - emoção acima da razão; a relação com a morte; e composição e organização de um jardim barroco.

Passos:

1. Chegada dos alunos ao Museu.
2. Receção dos alunos no átrio de entrada pelo(s) monitor(s). Arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade;
3. Subida para o Salão Nobre;
4. Introdução ao estilo estético Barroco;

¹⁹ Se a turma tiver um número de crianças superior a 25, os alunos serão distribuídos pelos restantes grupos.

5. Abordagem ao simbolismo do Jardim no período abordado;
6. Abordagem à organização e características de um jardim barroco;
7. Elaboração de um jogo de adivinhas a cerca do jardim do Palácio dos Biscainhos, com o recurso a imagens impressas do Jardim;
8. Sumarização, pelas crianças, dos conceitos discutidos ao longo da atividade, entrega dos certificados de participação às crianças, avaliação da professora e das crianças;
9. Despedida.

Apêndice IV.I. *PowerPoint* em formato CD

Apêndice IV.II. Ficha Exploratória



Museu dos Biscainhos – Braga

Biscainhos, um Jardim a Descobrir

SOU DO MAR e estou em terra, faço PORTA de um LABIRINTO, o meu tesouro é uma PÉROLA e aqui, é o que sinto. O que sou?

SOU UMA CASA, mas não tenho portas nem janelas, faço das plantas as minhas donzelas; GUARDO UM ANJO que se encantou e uma FONTE de quem passou. O que sou?



Só tenho uma CABECA e uma PENA, passo o dia empoleirado, JUNTO A CASA que está ao meu lado, vem fazer uma visita e passar um bom bocado. O que sou?



Sou uma CASA PEQUENA, vela cabe um anão, mas não
estou aqui em vão. O que sou?



SOU DO AMOR e tocador, aqui no alto fiquei, com este jardim
enamorei, e na PORTA sentei! O que sou?

Sou de PEDRA e formosa mas também curiosa;
RODEADA POR UM JARDIM, e uma SAIA que não
tem fim! O que sou?



Sou a COMIDA dos PANDAS, e aqui estou sem rival, vim da China para Portugal, e o meu gosto é divinhal! O que sou?



Sou de PEDRA, tenho AGUA e SABAO,
traz a ROUPA e a MAO,
e vais ver que não é em vão! O que sou?



Sou FRUTA e NATURAL, tenho fama de Portugal.
Por onde fui encantei, e nasci ORIENTAL. O que sou?



GLORIOSA sou e sempre voarei, por enquanto aqui estou,
e na FONTE fiquei. O que sou?



Chamo-me JOAO, sou de PEDRA e TENHO UM ANIMAL,
olha lá para a sombra, estou num pedestal. O que sou?



DOU COMIDA e alegria a quem me dá o seu dia; tenho TERRA
e cheiro bom mas tens de trabalhar bem! Quem sou?



PROTEJO-TE com a minha vida até ficar reduzida, sou **ALTA** e bem provida, de **PEDRA** e companhia. O que sou?



Sou a última morada desta casa, não te preocupes não é o fim!

Vem ter comigo ao fundo do jardim. O que sou?



Sou **CASA** de quem gosta de milho e tem asas,
gosta de praças e de estâncias, e que quando
trabalha é **CORREIO**, o que sou?



Apêndice IV.III. Provas de resposta das adivinhas

Conchas O Barroco é caracterizado por formas dinâmicas e pela excentricidade na decoração. As conchas, como elemento marítimo, simbolizam o exótico, e acreditava-se que traziam prosperidade e sorte. Eram amplamente representadas nesta época. Estão representadas neste portão que dá entrada para o jardim.
Casas de Fresco Casas de Fresco são zonas para descansar num jardim. Eram construídas em grandes jardins para oferecer descanso, ou apenas para vislumbrar. Na maior parte das vezes estão-lhes associadas o elemento da água, como aqui está esta bela fonte. Este elemento simboliza a vida.
Busto exótico Mais um exemplar do gosto barroco pelo exótico e teatral. Estes jardins eram construídos para proporcionar ambientes teatrais e místicos. Neste jardim vais encontrar diferentes temas de diferentes locais do mundo.
<i>Putto</i> ou <i>Putti</i> (plural) Vem do latim e significa menino. Na Arte é representado como um menino nu, geralmente gordinho, e com asas, associado ao cupido do amor. Simboliza o amor e pureza. Mais uma vez o apelo às sensações. Barroco é caracterizado pela emoção!
Estátua feminina Esta estátua representa a “graça”. “Graça” significa estima, simpatia para com alguém. Representa o dualismo presente no Barroco entre a religião e o surgimento de novos valores. Aqui representado por uma estátua em forma de mulher com o seu elegante vestido.
Bambu Esta planta viajou de muito longe para estar aqui! Vem da China e é fruto das viagens de Portugal para o Oriente. Arranjou espaço aqui no jardim e leva-nos a viajar pela Ásia!

Pia/ tanque de lavar roupa
Esta paragem leva-nos ao sentido mais prático do jardim, onde não conta apenas o belo. Encontra-se num sítio mais escondido o que nos indica que não é para ser contemplado, e sim, usado, não pelos senhores da casa, mas pelos criados que a mantinham.
Laranjeira
Estamos no segundo nível do jardim. Aqui era o pomar do Palácio dos Biscainhos. Estas laranjeiras representam as árvores de fruta que em tempos aqui existiram e adoçavam o paladar dos senhores.
Águia
Nesta fonte, temos uma águia que jorra água. Águia simboliza força e coragem. Vais perceber ao longo do jardim que a água é um elemento muito presente nos jardins barrocos.
Estátua de São João Batista
Esta estátua leva-nos à religião. A igreja exerce grande poder sob a sociedade nesta época. Um palácio e família tão importantes como esta em Braga, seria de esperar que esta temática estivesse representada no jardim.
Horta
Estamos no terceiro nível do jardim. Neste nível encontramos a horta que produzia alimentos para o Palácio.
Muralha
Os jardins barrocos estão envoltos numa teatralidade muito característica da época. Estas muralhas não foram construídas para exercer a sua função, que é de proteger, mas sim, para contemplar e levar-nos a viajar pelo tempo!
Casa tumular
Era muito comum nesta época, em grandes casas como esta, os senhores, depois de falecerem, serem enterrados na sua propriedade. Esta parte do jardim está reservada à espiritualidade.

Pombal

Nesta época não havia computadores nem telemóveis, mas mesmo assim, as pessoas comunicavam. Os pombos correio foram a chave para encurtar essa distância. Depois de grandes viagens era nesta casa que descansavam.

Casa de Chá

Em grandes propriedades, estas “casas de chá”, tinham como propósito descansar, e claro, tomar chá.

Apêndice IV.IV. Descrição da atividade

- Dia 20 de Maio de 2016, 9h45 às 11h10
- Escola da Sé, 1.º ciclo, 4.º ano de escolaridade
- 24 alunos mais dois adultos (1 professora e 1 auxiliar)
- Monitores: Beatriz Gomes, Fernanda Gonçalves, Rosa Couto e Susana Meirinho

Nota: A descrição da presente atividade seguirá as seguintes diretrizes, as “falas” do monitor estarão sublinhadas a negrito; as das crianças com fonte normal; e as indicações a parêntesis são referentes a ações e reações.

(As crianças encontram-se sentadas nos bancos e chão junto à fachada do palácio virada para o jardim).

Monitor (M): Bom dia!

Crianças (C): Bom dia!

M: Chamo-me Susana, e vou-vos acompanhar nesta aventura pelo Jardim do Palácio dos Biscainhos!

Eu e as minhas colegas, a Beatriz, a dona Rosa e a dona Fernanda, vamos ajudar-vos nesta “caça ao tesouro”.

Quem é que aqui conhece o jardim?

C: Eu! (toda a turma respondeu)

M: Muito bem, então hoje vamos olhar para o jardim de uma forma diferente!

Sabem o que vêm cá fazer?

C: Sim! Viemos fazer um *peddy papper* (vários meninos da turma)

M: Antes de mais temos algumas indicações a dar! Como sabem estamos num museu, e o jardim também faz parte desse espaço, portanto como acham que nos devemos comportar num espaço assim?

C: Não devemos correr!

M: Exato! E nada de arrancar folhas das árvores... aqui são as peças do museu.

Mas antes de começarmos vamos rever as regras do jogo! Alguém sabe como é este jogo?

C (uma menina): Temos que procurar pistas pelo jardim

M: Muito bem. Mas vocês vão procurar pistas de adivinhas que vou-vos fazer.

Já repararam que o jardim não é só flores certo?

C: Sim

M: Tem Arte, não acham?

C: Sim

M: Tem azulejos, estátuas, e até um túmulo!

C: Um túmulo?

M: Sim, lá ao fundo do jardim. Já vão ver.

Mas primeiro, vamos formar equipas. Ponham-se todos em fila.

(Depois de sorteadas as equipas, distribuíram-se as fichas exploratórias e as canas com as cores de cada equipa).

M: Agora têm algum tempo para ler as adivinhas.

(...)

M: Vamos só rever o que têm de fazer mais uma vez. Alguém quer me ajudar?

C: Vamos procurar pistas no jardim!

M: De quê?

C: Das adivinhas

M: E o que têm de fazer quando encontram essas pistas?

C: (...)

M: Pois, ainda não vos tinha dito e já queriam começar. Depois de adivinharem o local do jardim, têm que encontrar um envelope e tirar uma legenda que está lá

C (um menino): Então levamos o envelope connosco?

M: Não, levam uma das folhas que estão dentro do envelope

Têm 50 minutos para resolver as 15 questões, acham que conseguem?

C: Sim!

M: Quando encontrarem todas as respostas dirijam-se ao monitor mais próximo para confirmar as vossas respostas.

As minhas colegas e eu vamos acompanhar cada grupo a um local no jardim para começarem a partir daí. Cada monitor tem também canas, mas de cor branca.

A dona Rosa leva a equipa amarela até ao Pombal; a Beatriz vai levar a preta até ao túmulo no fundo do jardim; a dona Fernanda, a azul para o portão do jardim formal; e a laranja e a verde vêm comigo para o segundo nível do jardim.

Começam às 14h45, daqui a 3 minutos!

(Segundo nível do jardim – equipas laranja e verde).

M: Bem meninos, o vosso grupo fica aqui (equipa verde) junto desta estátua!

(estátua do São João Baptista)

C: Já vi o envelope!

M: Pronto, já encontraram uma das respostas

(Neste momento as duas equipas ainda estavam juntas. Ambas viram a localização do envelope, no entanto a equipa verde permaneceu no local, e a laranja foi para o lado oposto do jardim, para junto das laranjeiras).

M: Podem começar meninos. Boa sorte!

(A partir deste instante os grupos andam livremente pelo jardim. Os monitores estão sinalizados com canas de cor branca. Sempre que necessário alguma ajuda, as crianças foram avisadas para recorrer aos monitores que se encontram espalhados pelos diferentes níveis do jardim. É de notar que nos primeiros 15 minutos do jogo, as equipas já tinham, em média, 6 a 7 respostas das adivinhas. O jogo foi assim encurtado para 35 minutos. Esta alteração deve-se essencialmente ao conhecimento prévio por parte das crianças do jardim).

(Final dos 35 minutos de jogo, apenas uma equipa tinha todas as respostas, a equipa preta).

M: Muito bem! A equipa preta foi a grande vencedora!

C (um menina da equipa laranja): Mas eles fizeram batota! Andaram sempre atrás de nós

M: O jogo é assim, daí terem começado em lugares diferentes para os vossos colegas não verem a posição das cartas. Mas não fiquem chateados. É só um jogo. Da próxima vez ganham.

(...)

M: Vamo-nos sentar para confirmar as vossas respostas. Preciso de um voluntário de cada equipa e tragam as vossas legendas²⁰.

(As restantes crianças permaneceram sentadas enquanto os voluntários liam as respostas e o monitor as perguntas²¹).

M: Quem quer ser o primeiro a ler?

C: Eu! (menino da equipa verde)

M: “Sou do mar e estou em terra, faço porta de um labirinto, o meu tesouro é uma pérola e aqui, é o que sinto. O que sou?”

C: “Conchas: O Barroco é caracterizado por formas dinâmicas e pela excentricidade na decoração. As conchas, como elemento marítimo, simbolizam o exótico, e acreditava-se que traziam prosperidade e sorte. Eram amplamente representadas nesta época. Estão representadas neste portão que dá entrada para o jardim formal.”

(...)

M: “Só tenho uma cabeça e uma pena, passo o dia empoleirado, junto à casa que está ao meu lado, vem fazer uma visita e passa um bom bocado. O que sou?”

C: “Busto exótico: Mais um exemplar do gosto barroco pelo exótico e teatral. Estes jardins eram construídos para proporcionar ambientes teatrais e místicos.

Neste jardim vais encontrar diferentes temas de diferentes locais do mundo.”

M: Sabem o que é um busto?

²⁰ É importante aqui referir que serão transcritas apenas as respostas que suscitaram dúvidas, ou que, por qualquer situação consideramos pertinente apontar, em relação às crianças.

²¹ É de referir que não foram descritas aqui as leituras das 15 adivinhas, mas apenas as que suscitaram dúvidas de interpretação.

C: Não

M: É a parte superior do tronco, neste caso uma cabeça. E místico, sabem o que significa?

C: Não

M: Significa espiritual

(...)

M: “Sou de pedra, tenho água e sabão, traz a roupa e a mão e vais ver que não é em vão! O que sou?”

C: “Pia de lavar roupa: Esta paragem leva-nos ao sentido mais prático do jardim, onde não conta apenas o belo. Encontra-se num sítio mais escondido o que nos indica que não é para ser contemplado, e sim, usado, não pelos Senhores da casa, mas pelos criados que a mantinham.”

M: Sabem o que é uma pia?

C: Um tanque de lavar roupa?

M: Exato, nos Açores usamos mais o termo “pia”

(...)

M: Vou-vos entregar agora os diplomas de participação. Venham por grupos. O primeiro grupo é a equipa preta.

(...)

M: Espero que tenham gostado da atividade, eu gostei imenso de trabalhar com vocês! Espero que tenham aprendido algo de novo.

C: Gostamos muito do jogo!

(...)

(De seguida as crianças foram às casas de banho deu-se por terminada a atividade).


Número de respostas recolhidas:

Equipa amarela: 12; equipa preta: 15; equipa verde: 13; equipa azul: 14; equipa laranja: 14.

Cronograma da atividade:

Tempo previsto	Tempo decorrido	Hora prevista	Hora real	Passo
15 minutos	20 minutos	10h00-10h30	9h45-10h05	Chegada e receção dos alunos no átrio do Museu; arrumação dos pertences no bengaleiro; apresentação do monitor ao professor e alunos; confirmação do número de alunos; e assinatura do termo de responsabilidade. Introdução à atividade e explicitação das regras do jogo.
10 minutos	---	10h30-10h40	---	Visita livre das crianças ao jardim.
50 minutos	35 minutos	10h40-11h30	10h05-10h40	Tempo máximo para as crianças resolverem o máximo de questões do <i>Peddy-paper</i> .
15 minutos	20 minutos	11h30-11h45	10h40-11h10	Leitura das adivinhas e respetivas respostas; atribuição dos diplomas de participação; e avaliação da atividade pelas crianças e educadores.
Saída do Museu				11h10
Tempo disponível				10h00 às 12h00
Tempo previsto para a atividade				90 minutos
Tempo em que decorreu a atividade				85minutos

Apêndice IV.V. Diploma de participação

 **MUSEU DOS
BISCAINHOS**

Diploma de Participação

Biscainhos, um Jardim a Descobrir

Declara-se que o aluno/a _____, esteve presente e participou no *Peddy Paper* realizado no Museu dos Biscainhos no âmbito do Projeto *Comunicar o Barroco do Museu dos Biscainhos*, no dia 14 de 2016.

Monitor(s) 😊 😊 😊
Isaura Pereira

Anexo I. Quadros com o número de participantes em Atividades e *Ateliers* do Serviço Educativo do Museu dos Biscainhos: 2013 a maio de 2016

Atividades e <i>Ateliers</i> Promovidos pelo Serviço Educativo	
2013	
Janeiro	N.º de Participantes
<i>Crianças ao Jardim</i>	26
Junho	
Festas de São João	341
Julho	
Ação teatral “Palhaços”	205
Outubro	
<i>Desfolhada</i>	278
Novembro	
São Martinho “Maria Castanha”	125
Dezembro	
Feira de Natal “Saberes e Sabores”	306
	Total: 1281

Quadro 1 Quadro com o número de participantes em Atividades e *Ateliers* promovidos pelo Serviço Educativo no ano de 2013

Atividades e <i>Ateliers</i> Promovidos pelo Serviço Educativo	
2014	
Janeiro	N.º de Participantes
<i>Vem tomar um Chá ao Museu</i>	20
<i>Vem tomar um Chá ao Museu</i>	20
<i>Saberes com História</i>	150

Fevereiro	
Oficina de Bordados	20
Março	
Teatro – “Roteiro Sentido pela Braga de Ondina”	80
Conto - "História da Carochinha"	108
CLIB - “Projeto Comenius”	221
Abril	
Conto Infantil - OBAX	108
<i>Vem Tomar um Chá ao Museu</i>	88
<i>Sem Ovos não se Fazem Omeletes</i>	18
<i>Segredos do Tulipeiro</i>	17
<i>A Festa Barroca</i>	4
<i>Em busca das Esculturas Perdidas</i>	4
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	34
Maio	
<i>Fábrica de Sons</i>	29
Dia Internacional dos Museus - Audição Calouste Gulbenkian	185
<i>Vem Tomar um Chá ao Museu</i>	80
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	14
Doces Conventuais	156
Junho	
Doces Conventuais	55
<i>Vem Tomar um Chá ao Museu</i>	18
<i>Em Busca das Esculturas Perdidas</i>	43
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	74
Arraial de St.º António	395
<i>Vem Tomar um Chá ao Museu</i>	20
Julho	
<i>Vem Tomar um Chá ao Museu</i>	81
<i>Em Busca das Esculturas Perdidas</i>	47
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	22

Câmara Municipal de Braga- Férias de Verão	30
Agosto	
<i>Em Busca das Esculturas Perdidas</i>	15
Setembro	
CERCI - "Bomb'art"	165
Outubro	
CERCI/MB - Meninos Especiais	197
Festival de Outono	6
<i>Desfolhada</i>	201
Novembro	
CERCI/MB - Meninos especiais	183
Dezembro	
CERCI/MB - Meninos Especiais	52
<i>Atelier de Natal</i>	22
	Total: 2.982

Quadro 2 Quadro com o número de participantes em Atividades e *Ateliers* promovidos pelo Serviço Educativo no ano de 2014

Atividades e <i>Ateliers</i> Promovidos pelo Serviço Educativo	
2015	
Janeiro	N.º de Participantes
CERCI / MB - Meninos especiais	229
<i>A Aventura do Elefante Azul</i>	178
Fevereiro	
<i>Atelier de Carnaval</i>	25
CERCI / MB - Meninos especiais	227
Tablet – “Visita ao Museu dos Biscainhos”	7
Março	

CERCI / MB - Meninos Especiais	172
Horta Voluntária de Agricultura Natural	17
<i>Atelier</i> de Ovos de Páscoa	27
<i>Atelier</i> “Observar e Construir”	15
Abril	
<i>Atelier</i> “Observar e Construir”	19
<i>Atelier</i> de Ovos de Páscoa	12
CERCI / Meninos Especiais	91
ACAPO / Animação de Conto "Contos da Gorongosa"	61
Maio	
CERCI / Meninos Especiais	260
Noite dos Museus e Dia Internacional dos Museus	50
Junho	
Exposição do São João	36
Pássaros de Origami	57
<i>Que folha é esta? Construção de um Herbário</i>	3
Julho	
Pássaros de Origami	278
<i>Que folha é esta? Construção de um Herbário</i>	110
Agosto	
<i>Pássaros à Solta Borboletas ao Vento...</i>	14
Setembro	
Outubro	
<i>Desfolhada</i>	112
Novembro	
<i>Que folha é esta? Construção de um Herbário</i>	31
Dezembro	
<i>Atelier</i> de Natal	20
Total: 2.051	

Quadro 3 Quadro com o número de participantes em Atividades e *Ateliers* promovidos pelo Serviço Educativo no ano de 2015.

Atividades e Ateliers Promovidos pelo Serviço Educativo	
2016	
Janeiro	N.º de Participantes
Fevereiro	
São Valentim	200
Março	
<i>Que folha é esta? Construção de um Herbário</i>	20
<i>Primavera Fest</i>	167
Abril	
Maio	
<i>Vem descobrir as cores barrocas</i>	25
<i>Azulejos com Memória nos Biscainhos</i>	23
<i>Biscainhos, um Jardim a Descobrir</i>	24
<i>Brincar no Jardim</i>	26
18 de Maio	424
Noite dos Museus	6
	Total: 522

Quadro 4 Quadro com o número de participantes em Atividades e *Ateliers* promovidos pelo Serviço Educativo no ano de 2016 até o mês de maio.

Anexo II. Imagens da atividade *Vem Descobrir as Cores Barrocas*



Figura 1 Materiais utilizados na atividade *Vem Descobrir as Cores Barrocas*. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 2 Desenho feito pela investigadora inspirado em naturezas mortas. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 3 Início da coloração do papel cenário. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 4 Grupo que participou na Atividade *Vem Descobrir as Cores Barrocas*. Fonte: Museu dos Biscainhos

Anexo III. Imagens da atividade *Azulejos com memória nos Biscainhos*



Figura 5 Pormenor dos painéis de azulejos das escadas para o andar nobre do Museu dos Biscainhos. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 6 Materiais utilizados na atividade *Azulejos com memória nos Biscainhos*. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 7 Grupo que participou na atividade *Azulejos com memória nos Biscainhos*. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 8 Jogo da memória. Fonte: Museu dos Biscainhos

Anexo IV. Imagens da atividade *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*

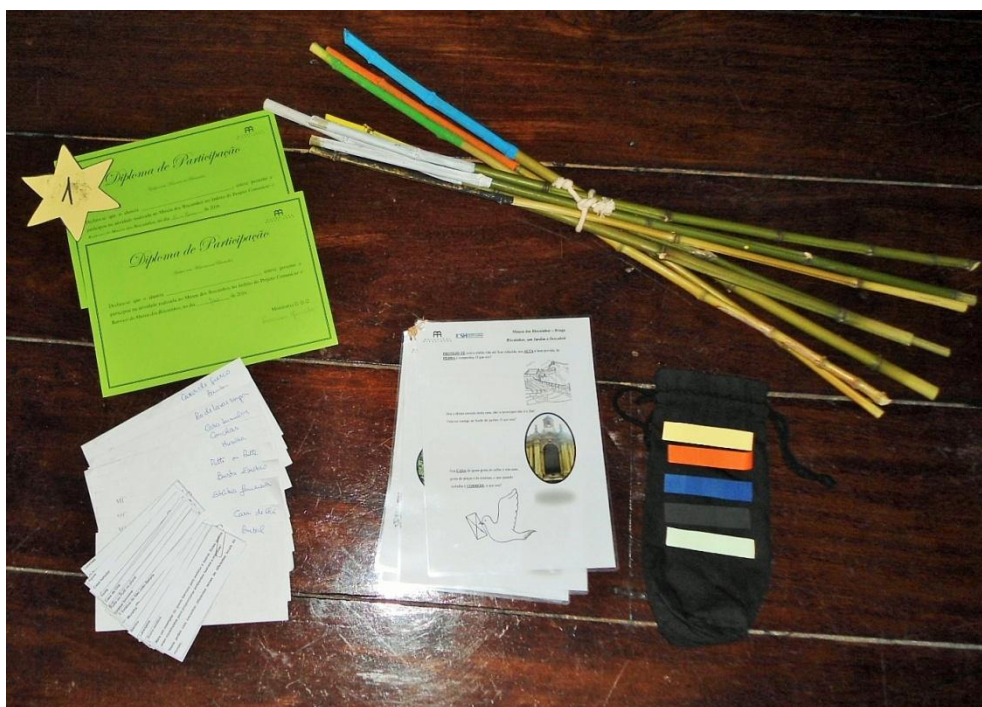


Figura 9 Materiais utilizados na atividade *Biscainhos, um Jardim a Descobrir*. Fonte: Museu dos Biscainhos



Figura 10 Organização das equipas e atribuição dos respetivos monitores para dar início ao jogo. Fonte: Museu dos Biscainhos




Figura 11 Menina a pedir ajuda da monitora Fernanda Gonçalves. Fonte: Museu dos Biscainhos




Figura 12 Fotografia de grupo no final na atividade. Fonte: Museu dos Biscainhos

Anexo V. Questionários das Professoras

Anexo V.I. Vem Descobrir as Cores Barrocas



FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Questionário aos Professores

No âmbito de um estudo que está a ser desenvolvido como parte integrante de uma dissertação de mestrado em Museologia, na Universidade Nova de Lisboa, intitulado *Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos*, pretende-se com este questionário analisar e avaliar os pontos fortes e pontos fracos, do ponto de vista do professor.

Solicitamos a sua colaboração para o preenchimento do questionário.

Os dados serão utilizados exclusivamente para fins académicos, sendo garantida a confidencialidade da informação.

(Riscar a opção escolhida)

1) É a 1ª vez que visita o Museu dos Biscainhos em contexto de atividade didática?	6) Considera que as crianças aprenderam o que lhes foi transmitido? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. <u>4</u>
<u>Sim</u>	
<u>Não</u>	
2) Numa escala de 1 a 5, indique o valor que atribui à relevância deste tipo de iniciativas. <u>5</u>	7) Considera que a duração da atividade encontra-se adaptada à faixa etária a que se destina? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. <u>5</u>
3) Considera este tipo de atividades importantes para a formação das crianças?	8) Voltaria a participar neste tipo de atividades didáticas?
<u>Sim</u>	<u>Sim</u>
<u>Não</u>	Não
4) Considera que o discurso foi claro e adaptado ao nível de ensino? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. <u>5</u>	9) Considera haver algum ponto a melhorar? Se sim, qual? (tempo, abordagem, temáticas, discurso) <u>Falta um grupo de 25 alunos deveria existir mais uma sala para que as crianças se distribuísem e não ser tão confuso.</u>
5) Considera que a abordagem às crianças (em estilo de conversa e perguntas em "aberto") é um bom método de aprendizagem em espaços museológicos/de educação informal? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. <u>5</u>	

Mestranda
Susana Dias Meirinho
meirinhosusana@gmail.com

Anexo V.II. Azulejos com memória nos Biscainhos

Questionário aos Professores

No âmbito de um estudo que está a ser desenvolvido como parte integrante de uma dissertação de mestrado em Museologia, na Universidade Nova de Lisboa, intitulado *Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos*, pretende-se com este questionário analisar e avaliar os pontos fortes e pontos fracos, do ponto de vista do professor.

Solicitamos a sua colaboração para o preenchimento do questionário.

Os dados serão utilizados exclusivamente para fins académicos, sendo garantida a confidencialidade da informação.

(Riscar a opção escolhida)

1) É a 1ª vez que visita o Museu dos Biscainhos em contexto de atividade didática?

☐ Sim

☒ Não

2) Numa escala de 1 a 5, indique o valor que atribui à relevância deste tipo de iniciativas.

5

3) Considera este tipo de atividades importantes para a formação das crianças?

☐ Sim

☒ Não

4) Considera que o discurso foi claro e adaptado ao nível de ensino? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

5) Considera que a abordagem às crianças (em estilo de conversa e perguntas em "aberto") é um bom método de aprendizagem em espaços museológicos/de educação informal? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

6) Considera que as crianças aprenderam o que lhes foi transmitido? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

7) Considera que a duração da atividade encontra-se adaptada à faixa etária a que se destina? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

8) Voltaria a participar neste tipo de atividades didáticas?

☒ Sim

☐ Não

9) Considera haver algum ponto a melhorar? Se sim, qual? (tempo, abordagem, temáticas, discurso) _____

Está tudo bem organizado.

Mestranda
Susana Dias Meirinho
meirinhosusana@gmail.com

Anexo V.III. Biscainhos, um Jardim a Descobrir

Questionário aos Professores

No âmbito de um estudo que está a ser desenvolvido como parte integrante de uma dissertação de mestrado em Museologia, na Universidade Nova de Lisboa, intitulado *Comunicar o Barroco no Museu dos Biscainhos*, pretende-se com este questionário analisar e avaliar os pontos fortes e pontos fracos, do ponto de vista do professor.

Solicitamos a sua colaboração para o preenchimento do questionário.

Os dados serão utilizados exclusivamente para fins académicos, sendo garantida a confidencialidade da informação.

(Riscar a opção escolhida)

1) É a 1ª vez que visita o Museu dos Biscainhos em contexto de atividade didática?

☒ Sim
☐ Não

2) Numa escala de 1 a 5, indique o valor que atribui à relevância deste tipo de iniciativas.

5

3) Considera este tipo de atividades importantes para a formação das crianças?

☒ Sim
☐ Não

4) Considera que o discurso foi claro e adaptado ao nível de ensino? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

5) Considera que a abordagem às crianças (em estilo de conversa e perguntas em "aberto") é um bom método de aprendizagem em espaços museológicos/de educação informal? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

6) Considera que as crianças aprenderam o que lhes foi transmitido? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

7) Considera que a duração da atividade encontra-se adaptada à faixa etária a que se destina? Numa escala de 1 a 5, indique qual o valor de concordância. 5

8) Voltaria a participar neste tipo de atividades didáticas?

☒ Sim
☐ Não

9) Considera haver algum ponto a melhorar? Se sim, qual? (tempo, abordagem, temáticas, discurso) _____

Mestranda
Susana Dias Meirinho
meirinhosusana@gmail.com